

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ROGÉRIO TOTO

OS SENTIDOS DO FUTEBOL ESPETÁCULO PARA
ESTUDANTES DE DISTINTAS CLASSES SOCIAIS

SÃO BERNARDO DO CAMPO
2007

ROGÉRIO TOTO

OS SENTIDOS DO FUTEBOL ESPETÁCULO PARA
ESTUDANTES DE DISTINTAS CLASSES SOCIAIS

Tese de dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação – Mestrado em
Educação da Universidade Metodista de São
Paulo, como requisito para obtenção do
título de mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Décio Azevedo
Marques de Saes.

SÃO BERNARDO DO CAMPO
2007

FICHA CATALOGRÁFICA

Toto, Rogério

Os sentidos do futebol espetáculo para estudantes de distintas classes sociais. / Rogério Toto. -- São Bernardo do Campo, 2007.

136p.

Dissertação de Mestrado - Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Educação e Letras, Curso Pós Graduação Mestrado em Educação.

Orientação de: Décio Azevedo Marques de Saes.

1. Educação física 2. Futebol 3. Sociologia do esporte I.
Título.

CDD

613.7

ROGÉRIO TOTO

OS SENTIDOS DO FUTEBOL ESPETÁCULO PARA
ESTUDANTES DE DISTINTAS CLASSES SOCIAIS

Tese de dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, como requisito para obtenção do título de mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Décio Azevedo Marques de Saes.

Área de concentração:

Data de defesa: 28 de agosto de 2007.

Resultado: _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Décio Azevedo Marques de Saes _____
Universidade Metodista de São Paulo

Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha _____
Universidade de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Maria Leila Alves _____
Universidade Metodista de São Paulo

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Antonio Carlos Toto, que, contrariando os comportamentos socialmente definidos, autorizou-me ainda quando jovem continuar estudando, e Antonia Mazucato Toto, in memoriam, distante, mas sempre presente, especialmente, nos momentos quando os entrevistados se diziam incomodados com a mãe acompanhando suas tarefas escolares.

A minha esposa, Cintia Cristina Giardulli, que se mostrou inabalável no momento mais agudo deste desafio, demonstrando por trás da sua doçura uma coragem admirável. Minha constante inspiração!

A minha filha, Beatrice Giardulli Toto, que, mesmo com o pai mergulhado em livros e computadores, demonstrou paciência aos 3 anos de idade, superando todos os prognósticos imagináveis.

AGRADECIMENTOS

Alberto Rigolo, pelo verdadeiro apoio incondicional.

Alessandra Dutra, pelo carinho tão peculiar.

Débora Castanha, pela confiança a primeira vista.

Edilberto Silva, pelo profissionalismo acima de tudo.

Elaine Coral, pela incontestável cordialidade.

Luciano Nardelli, pelo educador que é e sempre será.

Maria Nalesso, pela incansável disposição.

Roberto Ramunno, pela atenção muito acima das expectativas.

Sueli Thodorof, por abrir, ou melhor, escancarar portas.

Universidade Metodista, pela concessão parcial da bolsa de estudos.

Aos alunos entrevistados, pela cooperação.

Enfim, Décio Saes, pelo brilhantismo emanado em sábias palavras.

RESUMO

O presente estudo busca identificar em que medida o pertencimento de classe social interfere nos sentidos e perspectivas do jovem brasileiro frente ao futebol espetáculo, bem como compreender os mecanismos sociais que determinam a decisão de os sujeitos investirem na carreira profissional esportiva em detrimento da trajetória escolar longa. Começamos com uma abordagem sociológica, a análise crítica dos processos de difusão, massificação e profissionalização do futebol ocorridas no contexto da sociedade pós-industrial. Enfocamos a conflituosa mutação da modalidade, inicialmente elitizada com fins social-distintivos para esporte de massa — ideal de ascensão social da classe popular —, além da dependência com a mídia, das razões que levaram a caracterizar-se como produto da indústria cultural, culminando com a transformação do futebol em mercadoria submetida às leis e lógica da sociedade de consumo. Em seguida, entrelaçamos as relações de poder, aliança e concorrência dos agentes sociais que participam do complexo campo das práticas esportivas com os canais com que o público jovem estabelece contato com o esporte espetáculo. Neste aspecto, especial atenção foi dada à mídia, difusora da ideologia de uma sociedade capitalista aberta, que reforça a idéia do esporte como via de ascensão social para indivíduos de baixa renda, na mesma medida em que oculta em seu discurso as reais probabilidades de concretização do sucesso esportivo. A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas do município de São Bernardo do Campo (SP), uma da rede pública estadual e outra da rede particular de ensino. Assim, constituímos dois grupos com alunos de distintas classes sociais, compostos por estudantes do 1º ano do Ensino Médio, sexo masculino, com 15 anos de idade e praticantes de futebol nas aulas de Educação Física. Metodologicamente, fizemos uso da observação participante e de entrevistas como instrumentos para a coleta de dados. Conjugadas aos objetivos do estudo, estruturamos a análise do material colhido em seis categorias, articulando questões sobre o prosseguimento nos estudos e o trabalho, as tendências para a prática esportiva profissional, as representações sociais em torno do futebol, os usos e costumes no tempo livre e as expectativas da prática esportiva implicadas pela herança cultural familiar. Como referencial teórico de análise, utilizamos de Pierre Bourdieu os conceitos de *campo*, *habitus*, *estratégia*, *capital econômico*, *social* e, principalmente, *capital cultural*, partindo da hipótese de que o nível cultural dos alunos e seus familiares interferem nos sentidos e formas de apropriação do esporte. Entre outras conclusões, obtivemos como resultado a configuração de uma trajetória esportiva profissional voltada para os alunos de baixa classe social, em oposição à trajetória escolar longa, estrategicamente adotada pelos alunos de classe social alta.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física, Futebol, Sociologia do Esporte.

ABSTRACT

The present study tries to identify how the belonging of the social class interferes in the directions and perspectives of a Brazilian young person related to the soccer show, as well the understanding of the social mechanisms which determine the decision of the subjects to invest in the professional sport career instead of a school long trajectory. We begin with some social approach to the critical analysis of the processes of diffusion, popularization and professional development occurred in the context of the post-industrial society. We emphasize the conflictive change of the modality, at the beginning practiced by the high class with social-distinctive reasons for sport of mass – ideal of social increasing of the popular class, besides the dependence with the media, of the reasons which took it to characterize itself as a product of the cultural industry, concluding in the change of the soccer into goods submitted to laws and logic of the society of consume. Next, we joined the relations of power, alliance and competition of the social agents which participate of the complex field of the sports practice with the sources that the young public establish contact with the sport show, in this aspect, special attention was given to the media, diffuser of the ideology of an open capitalist society, which reinforce the idea of the sport to be a way of social increasing for people of low income, at the same time that it omits in its discourse the real probabilities of fulfillment of the sporting success. The field research was fulfilled in two schools of São Bernardo do Campo city – SP, one of them from the public schools and the other from the private ones. This way, we established two groups with students from different social classes, composed of students from the first grade of the high school, male sex, with 15 years old, and soccer trainers in the Physical Education classes. We used the method of the participative watching and the interviews as instruments for the collection of data, and we joined it to the objectives of the study, we structured the analysis of the collected material in six categories, including questions about: the continuation of the study and work, the tendencies to the professional sporting practice, the social representation around the soccer, the use and habits in the spare time, and the expectations of the sportive practice influenced by the familiar cultural heritage. As theoretical reference of analysis, we used Pierre Bourdieu the concepts of *field*, *habitus*, *strategy*, *economic* and *social capital*, and mainly *cultural capital*, beginning from the hypothesis that the cultural level of the student and his family is a factor that interferes in the directions and ways of appropriation of the sport. Among other conclusions, we got as a result the configuration of a professional sporting trajectory for the students of low social class, in opposite of the long school trajectory strategically adopted by the students of the high social class.

KEY WORDS: Physical Education, Soccer, Sport Sociology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: FUTEBOL ESPETÁCULO E SOCIEDADE	7
1.1 Considerações iniciais sobre o fenômeno esportivo	7
1.2 O esporte moderno: raízes históricas e alcance social	8
1.2.1 A difusão do esporte no mundo	11
1.2.2. Massificação e profissionalização do futebol	14
1.2.3 O futebol e a cultura brasileira	17
1.3. Futebol espetáculo e cultura de massa	20
1.3.1. A Indústria do esporte	21
1.3.1.1 Alterações na estrutura e na forma de praticar esporte	24
1.3.1.2 Simulacro estético da realidade esportiva	25
1.3.1.3 Atletas como mercadoria	28
CAPITULO II: O CAMPO DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS	31
2.1 A constituição do campo segundo Pierre Bourdieu	31
2.2 Corpo: instrumento legítimo ou ilegítimo?	33
2.3 Ascensão social através do esporte	36
2.4 Esporte e educação física no imaginário de jovens estudantes	41
2.4.1 Consumo do esporte pela mídia	42
2.4.2. Consumo do esporte na escola	46
CAPÍTULO III: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	50
3.1 A pesquisa de campo	50
3.1.1 A observação participante	53
3.1.2 A dinâmica nas aulas de Educação Física	55
3.2 Sujeitos	58
3.3 Instrumentos	60
3.4 A coleta de dados	62
3.5 O tratamento dos dados	64
CAPÍTULO IV: ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS	66
4.1 O processo: o <i>corpus</i> teórico	66
4.2 Categorias de análise	68
4.2.1 Trajetória escolar: o prosseguimento dos estudos e o trabalho	70
4.2.2. Trajetória esportiva: a carreira profissional no futebol	79
4.2.3 Representações sociais perante o futebol	87
4.2.4 Dinâmicas no tempo livre: o futebol não formal	93
4.2.5 Dinâmicas na Educação Física: sentidos da prática escolar esportiva	101
4.2.6 Implicações da herança cultural familiar	106
CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS	117

APÊNDICE A — Termo de Compromisso	<i>128</i>
APÊNDICE B — Carta de Intenção	<i>129</i>
APÊNDICE C — Roteiro de Entrevistas	<i>130</i>
APÊNDICE D — Quadro de Referência das Entrevistas	<i>132</i>
ANEXO A — ESCOLA? Só daqui a uns anos	<i>136</i>

INTRODUÇÃO

11:30h, "Record nos Esportes"; 12:00h, "Manchete Esportiva 1º Tempo"; 12:30h, "Esporte Total"; 12:45h, "Globo Esporte"; e 13:00h, "Gazeta Esportiva 2ª Edição" — essa foi minha rotina entre os 10 e os 17 anos de idade. Um assíduo consumidor do esporte, para que, todas as tardes, pudesse estar em sintonia com os colegas da classe e expressar minhas opiniões sobre as notícias mais quentes do futebol. Mesmo que sistematicamente isso rendesse a desaprovação dos professores, furiosos com toda aquela falação esportiva que invadia diariamente o interior da escola, com a mesma intensidade do nosso cotidiano dominado pela mídia esportiva.¹

Embora esta pesquisa tenha visivelmente estreita relação com minha história de vida, não me sinto capaz de identificar se foi esta rotina que me levou a praticar esporte, ou o contrário. Mas é certo que, como eu, milhares de garotos sonhavam com o estrelato e faziam das aulas de Educação Física o palco para esta fantasia, contaminados pela idéia de que todo e qualquer jogador de futebol ganha muito dinheiro, vislumbrando a real oportunidade de ascensão econômica na hierarquia social e obtenção de merecido reconhecimento.

Essa paixão levou-me a cursar Educação Física e a me licenciar em 1994. Em curto período, pude vivenciar experiências como professor de escola pública e particular, recreacionista, árbitro e técnico de basquete, para então me dedicar à profissão de administrador esportivo. Esta última atividade fez-me estabelecer relacionamentos com personalidades do mundo esportivo, craques, jornalistas e dirigentes das mais variadas modalidades esportivas e, assim, participar dos seus bastidores e melhor entender as nuances que dominam o espetáculo esportivo.

Concomitantemente, minha formação levou-me a assumir a atividade de docente do Curso de Educação Física da Universidade Metodista de São Paulo, tarefa esta complexa e séria, por se tratar da formação de professores, motivo que me obrigou ao aprofundamento nas teorias e tendências filosóficas da educação física e do esporte, conhecimentos com os quais melhor compreendi o ensino da disciplina como prática pedagógica compromissada com a formação crítica e transformadora dos alunos.

¹ O sentido de falação esportiva é correlativo ao discurso sobre a imprensa esportiva. Ver mais em Eco (1984, p. 220-226).

No seio destas duas atividades — administrador esportivo e professor universitário —, surgiram inquietações que me induziram a desenvolver esta pesquisa: quando, quem e como foi criado o modelo de esporte que a sociedade insiste em adotar como norma e prática, inclusive dentro da escola? Se o espetáculo esportivo, em especial o futebol, faz parte da cultura brasileira, o que este fenômeno implica quanto aos educadores, já que influência notoriamente o comportamento de milhares de jovens? Considerando que o atleta profissional é parte integrante do "esporte-espetáculo", por que razão esta prática é notadamente dominada por indivíduos oriundos das classes populares ou de baixa renda? Qual a influência que a família exerce sobre o jovem na decisão de objetivar ou não a carreira de futebolista profissional? Por fim, a questão central da pesquisa: o sentido e a apropriação da atividade esportiva, seja na sua dimensão amadora, seja na profissional, praticada por jovens estudantes de mesmo perfil (idade, sexo, tempo de estudos e cidade de residência), porém de diferentes classes sociais, ocorrem da mesma maneira? Podem os conceitos de capital cultural e *habitus* propostos por Pierre Bourdieu ser relevante para a compreensão desta questão?

Nesta perspectiva e mediante uma pesquisa bibliográfica que fundamenta a discussão acerca de tais implicações, destacamos autores que contribuíram para o desenvolvimento e o referencial teórico desta investigação. Nomes como os de Jocimar Daolio e Roberto Da Matta, que extrapolam as razões históricas elementares na constituição do futebol como importante elemento da cultura brasileira, buscando na antropologia social significativas contribuições para a sua compreensão. Ou Mauro Betti e Valter Bracht, que, em debates sobre o conceito de esporte, relatam com propriedade os efeitos do espetáculo esportivo nos espaços escolares, sobretudo no campo da educação física escolar. Ou Jean-Marie Brohm, Janet Lever, Karl Luschen e Richard Giulianotti, que, na vertente da sociologia esportiva, contribuem para a interpretação do fenômeno futebolístico na sociedade contemporânea. Ou Joffre Dumazedier e Nelson Marcellino, conceituadas referências sobre a teoria do lazer. Ou Umberto Eco e Edgar Morin, que elucidam as graduações correlativas aos efeitos da indústria cultural e de massa na sociedade globalizada, uma vez que partimos do princípio de que o futebol, na sua versão atual, pertence à indústria do entretenimento e, portanto, é parte integrante da

cultura de massas.² Ou ainda Luc Boltanski, que relaciona o pertencimento de classe social com as diferentes perspectivas diante da atividade corporal, e Pierre Bourdieu, de quem utilizaremos os conceitos de *habitus*, campo, estratégia, capital cultural, econômico e social, como referenciais de análise. Além das obras destes autores, recorreremos a outras que abordam as relações entre classe social e o esporte, a cultura de massa e a educação.

Não obstante, é necessário contextualizar o fenômeno esportivo no tempo e no espaço, visto que as mudanças ocorridas no esporte, bem como o desenvolvimento de teorias e estudos sociológicos e filosóficos que têm como tema o esporte, passaram a ser preocupações mais intensas das ciências sociais a partir de meados da década de 60. Nesse período histórico, que marcou o maior desenvolvimento tecnológico da sociedade contemporânea, o esporte tornou-se um dos fenômenos mais expressivos, com presença marcante na vida da maioria das pessoas, que passaram a consumi-lo de diversas formas, inclusive via satélite.

Usaremos a expressão "esporte-espetáculo" em complemento a "alto rendimento" ou "profissional", por entendermos que tais características envolvem o centro da "mutação" do esporte em mercadoria veiculada pela mídia, inserido em um contexto social, político, econômico e histórico. Entretanto, após observar as diferenças na função social e nas características da manifestação do fenômeno esportivo de país para país, de cultura para cultura — o que gera incondicionalmente a necessidade de diferenciar as formas que o "esporte-espetáculo" assume perante todos os seus agentes sociais —, nos vemos obrigados a assumir uma posição diante das teorias e concepções que dominam a ciência do esporte e mais precisamente a sociologia do esporte.

Neste estudo, ao utilizar a rica produção teórica prestada pela sociologia esportiva, convém esclarecer que, embora as críticas sobre as abordagens sociológicas oferecidas pela literatura em torno do esporte sejam importantes e sem desmerecer as teorias que se contrapõem às atuais correntes de pensamentos, nos limitaremos a delinear a concepção social do esporte a partir da tese de que este se concentra em campo relativamente autônomo, onde se desencadeia a luta de interesses de diversos agentes sociais, no qual se constitui em um conjunto político-

² O termo "indústria cultural" foi criado por Theodor Adorno e Max Horkheimer, membros da Escola de Frankfurt, na década de 60. Após análise da atuação dos meios de comunicação de massa, concluíram que o termo era o mais apropriado e que deveria substituir o termo "cultura de massa" proposto por Roland Barthes e Edgar Morin. (CAMARGO, 1998)

econômico-social, com presença marcante na vida cultural dos mais distintos segmentos sociais, semelhante a outras práticas culturais, como as artes.

Sob o prisma de que o esporte — mais especificamente, o futebol — é um elemento central da cultura de massas na atualidade e possui uma multiplicidade de formas e significados e um estilo de vida distintivo das classes sociais, pautamos nosso enfoque pelo conceito de "campo das práticas esportivas". Este, para Bourdieu (1983), é o espaço onde se defrontam as concepções de "corpo legítimo" e de "uso legítimo do corpo", as disputas entre o esporte amador e o profissional, o esporte de elite e o popular, e onde a distribuição de suas práticas ocorre segundo o nível de instrução, idade, sexo e profissão.

Desta forma, a pesquisa adotou uma abordagem sociológica, com o propósito de contextualizar o esporte moderno³ na dimensão do espetáculo esportivo como subproduto da cultura de massa, visando assim articular os componentes e demais agentes sociais que integram o sistema esportivo gerador das mais diferenciadas necessidades de consumo esportivo e perspectivas de prática.

Partimos da hipótese de que os agentes constituintes do campo das práticas esportivas influenciam, conduzem e geram em jovens de variadas classes sociais, expectativas e sentidos diferentes frente à prática esportiva. O objetivo do estudo foi verificar em que medida a classe social a que pertencem jovens estudantes praticantes de futebol interfere na forma de apropriação da atividade esportiva, levando em conta que hoje o esporte se apresenta como atraente possibilidade de trabalho profissional, capaz de promover reconhecimento social e independência financeira.

Visamos também, especificamente, explicar os mecanismos que determinam socialmente a decisão dos sujeitos em investir numa carreira esportiva profissional ou em uma trajetória escolar longa, demonstrando nesta relação a incompatibilidade entre os dois tipos de trajetória, sobretudo gerada pelo desigual acúmulo de capital cultural entre as classes sociais.

Em que pese o sentido diferenciado com que jovens estudantes das classes populares e das classes superiores percebem os efeitos e as representações simbólicas manifestadas através da prática esportiva, veremos no decorrer do estudo que outros fatores implicam-se nesta complexa questão, tais

³ O termo "moderno" deriva da reinstalação do movimento olímpico a partir do século XIX, que passou a se denominar "movimento olímpico moderno".

como a herança cultural familiar, as probabilidades de sucesso na escola ou na carreira esportiva, as representações sociais do futebol gerado pela mídia, as variáveis econômicas, que determinam as necessidades e os desejos dos indivíduos, e o nível de instrução, que interfere na relação reflexiva com o corpo, ou seja, na relação que os indivíduos mantêm com o próprio corpo:

À medida que se sobe na hierarquia social, que cresce o nível de instrução e que decresce correlativamente e progressivamente o volume de trabalho manual em favor do trabalho intelectual, o sistema de regras que regem a relação dos indivíduos com o corpo também se modifica. (BOLTANSKI, 1979, p. 168)

Assim, no decorrer da pesquisa, deparamos com resultados demonstrativos, entre outros fatos, de que determinados grupos vislumbram no esporte, mesmo praticado na escola, um espaço promissor para a ascensão social, idéia diariamente reforçada pelos veículos de comunicação. Para Bourdieu (1983), a trajetória esportiva, exceção feita aos esportes de elite, é praticamente inadmissível para crianças e jovens da alta classe, enquanto que, para jovens das classes populares, representa uma das únicas oportunidades de ascensão social. Por outro lado, considerando que a teoria de Pierre Bourdieu foi desenvolvida com vistas à realidade dos países capitalistas desenvolvidos (e, mais especificamente, da França), tais resultados confirmaram que os referenciais para análise da reprodução social na realidade brasileira são semelhantes.

Podemos agora apresentar a estrutura completa do roteiro da pesquisa. No Capítulo I, constrói-se o cenário conceitual em que se movimentou o trabalho interpretativo, explicitando nossa concepção acerca do fenômeno esportivo na atualidade, a difusão e profissionalização do futebol na sociedade brasileira e o que entendemos por "esporte-espetáculo". Revisamos posições sobre as transformações que conduziram o futebol ao processo de mercantilização e sua vinculação com a cultura de massa.

No Capítulo II, desenvolvemos o argumento e a direção do trabalho, alertando para a importância da relação do jovem com os agentes sociais que constituem o "campo das práticas esportivas". Estabelecemos, assim, o ponto de ligação com as questões correlativas às regras que regem a relação perceptiva do corpo e o ideal de ascensão social por meio do futebol entre segmentos de distintas

classes sociais. Examinamos posições que situam a influência exercida pelo o futebol espetáculo no cotidiano dos jovens, pontuando argumentos críticos sobre o processo de esportivação⁴ que domina as propostas de educação física nas escolas e serve como referência para a direção metodológica.

No Capítulo III, em consonância com o referencial teórico metodológico, foram detalhados os objetivos do estudo e estrutura da pesquisa de campo, bem como os procedimentos para coleta e análise dos dados. A pesquisa de campo foi primeiramente desenvolvida mediante observação participante, seguida de entrevistas aplicadas em dois grupos de estudantes do 1º ano do Ensino Médio, de diferentes classes sociais, com as seguintes características comuns: sexo masculino, 15 anos de idade, praticantes de futebol nas aulas de Educação Física, residentes em zona urbana do Grande ABC paulista. Durante a análise, foram observadas variáveis como profissão e grau de instrução dos pais, incentivo familiar à prática esportiva, natureza do tipo de trabalho (manual ou intelectual), gostos e preferências dos entrevistados na utilização do tempo livre (hábitos); em seguida, estruturamos as diferentes categorias de análise.

Finalmente, no Capítulo IV, entrelaçamos os argumentos teóricos apresentados nos dois primeiros capítulos com o plano metodológico construído no Capítulo III. Isso permitiu a devida interpretação dos dados colhidos, que revelou novos sentidos para a disciplina de Educação Física.

Acrescentamos aos referenciais de análise o uso do tempo livre dos entrevistados, os recentes estudos sobre as representações e a participação da família na vida esportiva dos filhos, bem como os conceitos de campo, estratégia, *habitus* e capital (cultural, econômico e social), que também estiveram presentes nas nossas reflexões.

⁴ O termo "esportivação" é a menção comumente utilizada no campo acadêmico da Educação Física para designar o processo de transformação da disciplina Educação Física em atividade essencialmente esportiva desprovida de fins pedagógicos.

CAPÍTULO I: FUTEBOL ESPETÁCULO E SOCIEDADE

1.1 Considerações iniciais sobre o fenômeno esportivo

Para a compreensão do futebol espetáculo na atualidade, é importante, antes de tudo, inseri-lo em uma complexidade ainda maior. Trata-se da questão do fenômeno esportivo, a partir da premissa de que as recentes transformações ocorridas no esporte constituem importante acontecimento sociocultural, pois este interfere no cotidiano de milhares de pessoas, as quais vivem ou não em sua dependência.

A discussão do fenômeno esportivo busca sentidos para o entendimento do espetáculo esportivo. Remete irremediavelmente à visão do esporte moderno como manifestação que exerce influência direta na sociedade, visto que sua constituição deu-se no interior da sociedade moderna modificada no decorrer do século XX, sobretudo pela revolução tecnológica. "Seria de todo conveniente, no sentido de permitir uma melhor compreensão do esporte moderno, [conhecer] o papel da indústria do entretenimento, especialmente no que diz respeito à televisão." (GEBARA, 2000, p. 106)

No transcorrer do século passado, o esporte desenvolveu-se em meio aos avanços da telecomunicação. Em pouco tempo, tornou-se uma atividade altamente lucrativa, com notável impacto na economia da sociedade global.

O esporte de forma constante e gradativa tem ocupado espaço significativo na vida do ser humano. Nesse contexto podemos compreender o esporte como uma atividade humana, ou mesmo como um patrimônio cultural da humanidade, cuja prática poderá apresentar-se com diferentes funções. (PAES, 2000, p. 33)

Ao observar o esporte como manifestação social complexa, direcionaremos nosso raciocínio para a melhor compreensão das contradições e paradoxos que o fenômeno esportivo apresenta a partir do fim do século XIX, quando, inserido na sociedade industrializada de consumo, passou a se denominar esporte moderno. Entretanto, o esporte é interpretado por Gebara (2000) como

objeto em constituição, que ainda não está constituído a ponto de permitir sua compreensão a partir de um modelo de análise preconcebido.

Não obstante serem os modelos de análise fundamentais para o desenvolvimento da problemática do tema, na medida em que o esporte se transformou em uma atividade marcante na vida social, política e econômica, surgiram vários estudos a partir da década de 1970, desenvolvidos por cientistas sociais que reconheceram o esporte, e mais especificamente o futebol, como objeto válido para as ciências sociais. (LOVISOLO & SOARES, 2003)

Encontramos muitas semelhanças entre os diversos modelos de análise que buscam compreender a especificidade do esporte moderno e suas diferenças com as formas esportivas ancestrais.

Lovisolo (2000) apontou para aspectos similares como racionalização, especialização, tecnificação e organização empresarial como dimensões do espetáculo esportivo. Tubino (1987) destaca os seguintes pontos comuns nas teorias sobre o esporte moderno: constante e invariável presença do caráter competitivo; perspectiva do progresso do homem e formação do caráter em prol e a serviço da ação moral; delimitação do esporte moderno por regulamentações e codificações; pressuposição de autocontrole; constituição de um dos princípios básicos da convivência humana. Todas as características relacionadas coadunam-se com o esporte consumido em sua inserção na indústria cultural, ajustam-se às demandas do mundo moderno e auxiliam no desenvolvimento de conceitos como, por exemplo, da produtividade.

Assim sendo, recorreremos a aspectos sociais e históricos conseqüentes ao processo de desenvolvimento e difusão do esporte moderno, com o propósito de situar as reflexões desta pesquisa no espaço e no tempo devidos.

1.2 O esporte moderno: raízes históricas e alcance social

A história dos esportes nas civilizações antigas deixou diversas evidências importantes, mas registros imprecisos. Utilizado pelo Estado como elemento interno de instituições educacionais, religiosas e militares, não tinha uma finalidade em si mesmo e funcionava sob a perspectiva utilitária do corpo.

Na Grécia antiga, os exercícios físicos tiveram realce pela importância na formação integral do homem, nas celebrações e nas festas. O momento culminante na história dos esportes foi atingido em 884 a.C., durante os chamados Jogos Olímpicos. A partir de 394 d.C., com a Grécia sob domínio do Império Romano, o esporte entrou em profunda decadência, até o encerramento dos Jogos pelo imperador Teodósio I.

Após longo tempo na obscuridade, o esporte ressurgiu no início do século XIX para uma sociedade industrial, a partir da concepção de prática social-corporal desinteressada e institucionalizada, recriada, segundo De Rose & Sigoli (2004), no cerne do movimento de regulamentação dos jogos populares, ocorrido nas escolas aristocráticas inglesas (paradoxalmente denominadas *public schools*). Tornou-se, a partir de então, uma manifestação caracterizada pelo associacionismo e por normas e regras que, com o tempo, tornaram-se universais.

A formalização do esporte moderno deu-se na Inglaterra, em 1828. Thomas Arnold, professor de um colégio de elite, utilizou jogos praticados pela burguesia e pela aristocracia da época, incluindo-os em seu método de ensino sob o ideal do *fair play* (literalmente, "jogo limpo"). Esta forma de apropriação conduziu à organização sistemática do esporte. (TUBINO, 1987)

Assim, a passagem do jogo ao esporte propriamente dito realizou-se nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa, nas *public schools* inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função. O processo foi muito parecido com o que, no campo da música e da dança eruditas, aconteceu com a música e a dança popular. (BOURDIEU, 1983)

Neste ponto, cabem algumas observações sobre as mudanças ocorridas com o esporte, a começar pela curiosa e marcante presença da atividade esportiva dentro das instituições educacionais em todas as épocas.

A escola é o lugar por excelência do exercício chamado gratuito e onde se adquire uma disposição distante e neutralizante em relação ao mundo social, a mesma que esta implícita na relação burguesa com a arte, a linguagem e o corpo: a ginástica faz um uso do corpo que, como o uso escolar da linguagem, é ele mesmo o seu fim. (BOURDIEU, 1983, p. 139)

Na Antiguidade, o esporte não tinha finalidade em si mesmo. Já o esporte moderno, segundo Bourdieu (1990), passa a funcionar como um sistema no qual cada um dos elementos recebe seu valor distintivo de classe, um espaço onde a inclinação à atividade dissimuladamente desinteressada é a dimensão fundamental do *ethos* das elites burguesas — que sempre se vangloriam e se definem pela distância eletiva, afirmada na arte e no esporte, supostamente pela necessidade de adoção por parte da burguesia de um comportamento padronizado de classe social. Tanto o comportamento típico burguês, quanto o esporte moderno surgem no mesmo período histórico, num contexto em que a classe burguesa emerge no cenário político e econômico. Sua consolidação como classe dá-se pela padronização da clara distinção de condutas e requisitos primordiais dos seus membros como estilo de vida e atividade ociosa, principalmente o esporte e a educação formal, na qual os conteúdos não tinham finalidades utilitárias.

Neste mesmo sentido, Hobsbawm (1988) compreende que, com a expansão vitoriosa da burguesia e seu crescimento, a identidade de seus membros estabelecia-se também pela participação em alguma atividade ociosa, especialmente o esporte.

A partir do momento em que a classe burguesa necessitava permanecer mobilizada e com o aumento do tempo ocioso da classe dominante, as atividades esportivas caracterizaram-se como prática diletante, gerando assim a necessidade do associativismo. Através do associativismo pautado pela aderência espontânea de grupos de pessoas a objetivos de participação em atividades livres, surgiram os clubes sociais. Estes, sob os mais diversos pretextos, serviam como espaço dissimulado para o acúmulo de capital social e consolidação da burguesia. (BOURDIEU, 1990)

Paradoxalmente, o mesmo associativismo provocou um desequilíbrio na função atribuída pela burguesia aos clubes sociais. Por um lado, os indivíduos passaram a ter liberdade para se associar em clubes como praticantes ou não de esportes. Por outro, a partir do momento em que as instituições realizavam trocas — ou seja, trocas de experiências corporais —, iniciou-se a padronização dessas práticas, até então diferentes em cada instituição, uma vez que seus códigos tornaram-se comuns. (BOURDIEU, 1983)

O surgimento de uma cultura operária que se opunha ao modo burguês na luta pela redução da jornada de trabalho, a urbanização, que gerava mais espaços públicos, e os novos conceitos e valores sociais oriundos do recente processo de industrialização e modernização fizeram da prática esportiva um

instrumento de ocupação do tempo livre (passatempo). No entanto, para a classe operária, o significado desta prática era outro, pois o corpo foi o meio, ou melhor, o mecanismo viril encontrado para obtenção das ditas conquistas sociais.

Até as primeiras três décadas do século XX, o esporte moderno permaneceu de certa forma "imune" à invasão da classe popular (operária), mantendo, mesmo que sob pressão, uma proposta tipicamente elitista, distintiva e desinteressada. Neste aspecto, o esporte moderno, em formato padronizado e sob os signos do "olimpismo",⁵ entrou em colapso na segunda metade do século XX, pois, paradoxalmente, seu desenvolvimento caminhou na contramão dos ideais elitista-aristocráticos, culminando com sua transformação em objeto de consumo das massas.

Para resumir estas considerações preliminares sobre o esporte moderno, recorreremos a Hobsbawm & Ranger (1984), que listam os seguintes aspectos: 1) nas últimas três décadas do século XIX, houve uma transformação decisiva na difusão de "velhos" esportes; 2) a institucionalização do esporte constituiu um mecanismo para ampliar as atividades até então confinadas à aristocracia e à burguesia, de modo a abranger fatia cada vez maior das classes médias; 3) a institucionalização também constituiu um mecanismo de reunião de pessoas de status social equivalente, embora sem vínculos orgânicos sociais ou econômicos.

1.2.1 A difusão do esporte no mundo

Da mesma forma que o capitalismo, o esporte expandiu-se pelo mundo todo, tornou-se expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal de movimento e foi reconhecido unanimemente em todas as sociedades como prática social e quanto a sua legitimidade. (BRACHT, 1997)

Alguns fatores contribuíram para a sua difusão, a começar pelo contexto econômico e tecnológico da época, em especial na Inglaterra, que difundiu a cultura esportiva por todo o mundo, ao mesmo tempo em que impunha sua política imperialista, com base em seu poderio econômico sustentado pela alta tecnologia militar (marítima) e industrial. Outros importantes fatores na difusão do esporte foram

⁵ Designamos por "olimpismo" o caráter de ideal e movimento filosófico do esporte isento de ideologias políticas.

o movimento olímpico moderno, alicerçado no sistema esportivo internacional, a apropriação do esporte pelo Estado e, especificamente, a propagação do futebol (amador e profissional).

Sob influência dos pensamentos de Thomas Arnold, o barão francês Pierre de Coubertin teve a iniciativa de restaurar, em 1894, o movimento olímpico moderno. Apoiado nesta idéia, Coubertin criou o Comitê Olímpico Internacional (COI), com o propósito de desenvolver a competição olímpica como movimento filosófico do esporte. O COI desencadeou a fundação de diversas entidades de administração do esporte que, a seu redor, rapidamente formaram o atual sistema esportivo internacional.⁶ Em menos de 30 anos de existência do COI, já havia em funcionamento 15 federações internacionais de esportes olímpicos. Até 1950, já haviam sido fundadas todas as federações internacionais das modalidades que compõem o atual programa olímpico oficial. (CAPINUSSÚ, 1992) Estas entidades, incluindo também as federações estaduais e as confederações nacionais no Brasil, são organizações não-governamentais que detêm o poder instrumental garantido e legitimado pelo Estado sobre a sua modalidade específica.

Para Tubino (1987), foi a partir da instalação das Olimpíadas Modernas, em 1896, que o movimento esportivo internacional cresceu em torno das federações internacionais de cada modalidade esportiva.

Entretanto, a formação do sistema desportivo internacional não ficou imune às disputas sociais: o programa olímpico foi invadido por esportes tipicamente populares. Isso explica, aliás, a razão por que as autoridades olímpicas tenham tardado tanto a reconhecer oficialmente o halterofilismo, que, aos olhos dos fundadores aristocráticos do esporte moderno, simbolizava a força pura, a brutalidade e a indigência intelectual — ou seja, as classes populares. (BOURDIEU, 1983, p. 149)

Não podemos esquecer que a definição moderna do esporte, freqüentemente associada ao nome de Pierre de Coubertin, é parte integrante de uma "idéia moral", isto é, de uma *ethos* das frações dominantes da classe dominante realizada através das grandes instituições de ensino privado, destinadas prioritariamente aos filhos dos dirigentes da indústria privada... (BOURDIEU, 1983, p. 141)

⁶ O sistema esportivo internacional é composto pelo COI, por federações internacionais, por comitês olímpicos nacionais, por confederações nacionais e entidades de menor porte. Para detalhes do poder político e econômico exercido por tais entidades, ver Jennings & Simson (1992).

A promoção sistemática dos Jogos Olímpicos Modernos contribuiu para a grande difusão pelo mundo do esporte, despertou em torno deste outro tipo de afeição, como o da representatividade nacional, e atraiu o interesse do Estado, que, em muitos países, passou a usá-lo como instrumento político e ideológico. Assim foi, segundo Holmes (1974), nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, quando Adolf Hitler objetivou promover a união dos alemães em torno do sentimento ultranacionalista do nazismo e a idéia de superioridade da raça ariana.

Também no decorrer da Guerra Fria o esporte funcionou como arma ideológica, transformou-se em disputa simbólica entre os blocos socialista e capitalista. As vitórias esportivas serviam para reafirmar o prestígio político e a soberania de cada regime, culminando com os boicotes dos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980 e de Los Angeles em 1984. (CARDOSO, 2000)

O uso do esporte como instrumento político-ideológico assumiu, na era moderna, outras formas. No Brasil, as vitoriosas campanhas da seleção brasileira de futebol durante a ditadura militar, especialmente na Copa de 1970, foi eficiente estratégia usada pelo presidente Garrastazu Médici, cujo discurso, além de alardear o País como potência mundial, vinculou o governo à conquista do tricampeonato, como forma de alienar a população quanto à repressão e à tortura que ocorriam nos porões da ditadura. (CAMARGO, 1998)

Como ficou dito, lado a lado com o avanço do movimento olímpico moderno, o futebol teve papel determinante na expansão do esporte no mundo. A codificação das suas regras futebolísticas, em 1877, passou a funcionar como código lingüístico universal e, portanto, como facilitador da sua expansão. (GIULIANOTTI, 2002) Segundo Bracht (1997), o esporte é uma atividade com um conjunto de regras de fácil compreensão, e a simplicidade de sua linguagem torna possível que um jogo de futebol seja entendido tanto no Brasil, quanto na China, por exemplo. Veremos mais adiante a importância deste fator, ao relacionarmos o fenômeno do futebol com a cultura de massa.

"O futebol, reconhecido relutantemente em 1885 pelas autoridades inglesas como atividade profissional, se encontrava no fim do século XIX pronto para ser exportado." (GIULIANOTTI, 2002, p. 19) Foi nesse contexto que, em 1894, com a mesma visão elitista do esporte, Charles Miller, filho de ingleses radicados em São Paulo, difundiu o futebol no Brasil. (BETTI, 1997)

1.2.2. Massificação e profissionalização do futebol

A transição do amadorismo para o início da modernidade de jogadores pagos refletiu uma estrutura social enrijecida no futebol: a aristocracia e a classe média alta que cuidavam das regras; os homens de negócios da classe média, que controlavam os clubes; os profissionais da classe operária que jogavam. (GIULIANOTTI, 2002, p. 142)

Com a expansão do futebol codificado por regras e a sua chegada ao Brasil, verificaram-se dois movimentos contrários aos ideais aristocráticos da prática esportiva. O primeiro (embora seja inoportuno definir uma ordem) foi o da massificação. O segundo, o da profissionalização. Esses movimentos ocorreram na Inglaterra e no Brasil em épocas diferentes, mas ocorreram pontos comuns entre as duas realidades.

Segundo Betti (1997, p. 17), houve uma relação entre o tempo de lazer, em parte induzido pela Revolução Industrial, e a difusão do esporte entre a população operária e urbana: "O esporte tornou-se acessível às classes trabalhadoras inglesas em decorrência de conquistas como a redução da jornada de trabalho, por volta de 1870."

Gebara (2000) recorda que os movimentos socialistas do final do século XIX e do início do século XX reivindicavam, entre outras coisas, o esporte. Nesse período, na Inglaterra, o futebol havia se constituído numa tradição própria da classe operária, em franco processo de modernização e transição de esporte amador das escolas particulares inglesas para profissional, a partir de 1885, da massa proletária.

É interessante notar que, o futebol apesar de originário da Inglaterra, difundiu-se de tal forma no Brasil que passou a ser considerado esporte nacional. Apesar de caracterizar-se, no início, como prática elitizada, a partir de meados da década de 1920, popularizou-se de forma a atingir, hoje, direta ou indiretamente, parcela significativa da população brasileira de todas as classes sociais. (DAOLIO, 1997) Entretanto, cabe mencionar que, na Inglaterra e no Brasil, essas transformações, evidentemente, sofreram a resistência das elites.

As regras do amadorismo eram umas armas de classe, com as quais as camadas superiores excluía os trabalhadores de vários tipos de esporte; a burguesia, para quem o esporte era um exercício do ócio, e não fonte de necessidade

material, temia que os trabalhadores desvirtuassem o caráter aristocrático da sua prática. (BETTI, 1997, p. 18)

Para a elite brasileira, logo nas primeiras décadas do século XX, jogar futebol deixou de ser um esporte nobre e passou a ser atividade grosseira, da qual irreversivelmente se afastaria. (CALDAS, 1988)

O profissionalismo certamente refletiu a paixão da classe operária pelo futebol, mas outras formas de estratificação, inclusive a etnia e a nacionalidade, também foram importantes.

No fim do século XIX, a classe trabalhadora foi o grande fantasma para o futebol elitizado na Inglaterra. Já no Brasil, a primeira metade do século XX foi marcada pela ferrenha resistência das elites à inserção de negros e mulatos no futebol. (RODRIGUES FILHO, 1964) Entretanto, nas duas situações, os interesses das elites sucumbiram diante das massas, que em pouco tempo fizeram do futebol o esporte mais popular do planeta.

À medida que o futebol evoluía, a necessidade de aprimoramento do próprio espetáculo e, conseqüentemente, dos jogadores passou a exigir mais tempo e dedicação aos treinamentos. Essa nova situação implicava investimentos de tempo, que os indivíduos das camadas pobres subtraíam do tempo de trabalho.

Nesta perspectiva, levantam-se as seguintes indagações: Por que o futebol profissional, desde a sua origem, foi praticado essencialmente por indivíduos provenientes da classe popular ou operária? Pode isto estar relacionado com a maneira como se apropriam e dão sentido à prática esportiva, ou seja, com outros interesses que não o da distinção social?

São questões atuais, que o esporte profissional evoca desde sua constituição e consolidação, pois, na medida em que sua "espetacularização" tornou-se irreversível, "os times amadores das elites se afastaram das competições por medo de perder dos times profissionais pobres". (BENFICA, 2002, p. 130) Um bom exemplo disso, segundo Rodrigues Filho (1964), foi a conquista do título carioca pelo Vasco da Gama em 1923 — na ocasião o único time composto por brancos, negros e mulatos —, episódio que acelerou o profissionalismo.

Com a difusão da ocupação do tempo livre e do embate profissionalismo *versus* amadorismo, o esporte começou a desenvolver novas formas e modalidades, atendendo a uma demanda com novos e diferentes perfis de praticantes. (Bourdieu,

1983) Desta forma, Bourdieu explicita o ponto central que envolve o desdobramento da massificação e da profissionalização do futebol, ou seja, a configuração do conflito de interesses e expectativas sobre o esporte, existente entre grupos de diferentes classes sociais: o amadorismo — prática da elite, nobres atributos do caráter humano — e o profissionalismo — prática popular e forma de ascensão social, vocação para o espetáculo.

No entanto, a transição do amadorismo para o profissionalismo no futebol brasileiro foi conflituosa. Caldas (1988) aponta para a mudança do perfil e imagem do futebolista, quando os dirigentes se viram obrigados a aceitar jogadores dos mais diversos níveis sociais e raças, cedendo às pressões das torcidas. Outro traço marcante observado pelo autor foram as seqüelas do amadorismo, ou falso amadorismo, na gestão profissional, tais como a corrupção, o desamparo e a exploração exacerbada dos clubes sobre os atletas, que logo provocou o êxodo dos melhores jogadores e a crise de evasão dos torcedores na década de 30.

Embora a exploração do futebolista ainda persista, é possível deduzir que uma das possibilidades de aderência das classes populares para o futebol profissional está alicerçada nas possibilidades que esta "nova" prática oferece aos desfavorecidos. Como afirma Giulianotti (2002, p. 142), "o profissionalismo ofereceu aos jogadores da classe operária uma rota para o reconhecimento social em um ambiente meritocrático, oportunidades de vida (negadas em qualquer outro lugar) na política, no comércio e na educação". Nessa direção, a pesquisa desenvolvida por Sohi & Yussuf (1987) sobre o status socioeconômico dos atletas de elite do futebol nigeriano revela que a profissionalização dos atletas proporciona-lhes oportunidades de reconhecimento social, que a maioria vem de uma situação socioeconômica baixa e que as conquistas no campo esportivo possibilitam a ascensão social. A conclusão dos autores é bem próxima aos resultados de alguns estudos exploratórios desenvolvidos sobre o futebol brasileiro, que citaremos mais adiante.

Assim a profissionalização e a massificação abriram interessante e viável alternativa de carreira para enorme contingente de jovens excluídos do sistema escolar e do mercado de trabalho brasileiro, pois, no futebol, "não tem filho de papai, não tem 'pistolão' e a cor ou classe social não são impedimentos, só fica quem é bom". (BENFICA, 2002, p. 132)

1.2.3 O futebol e a cultura brasileira

A sociedade brasileira — não é exagero dizer — está impregnada de futebol, e o maior exemplo disso pode ser visto no nascimento de uma criança — homem, de preferência —, quando ela recebe um nome, uma religião e um time de futebol. Time esse do qual ela vai aprender a gostar, compartilhando com ele momentos de glória e sofrendo com ele períodos ruins, sem jamais pensar em substituí-lo por outro. (DAOLIO, 1997, p. 102)

Com a massificação de sua prática e o desenvolvimento do profissionalismo, o futebol invadiu definitivamente a vida de milhares de brasileiros das mais diferentes classes sociais, tornando-se um dos fatores mais importantes para o senso de unidade e identidade do País, assim como a língua, o catolicismo e a herança cultural. (LEVER, 1983)

Ainda que os produtos de uma cultura local que conquistam o reconhecimento internacional promovam a realização da integração e da identidade nacional, não se pode desprezar que os êxitos obtidos por nossos selecionados futebolísticos — com destaque para a conquista das Copas de 1958, 1962 e 1970 — possam ter contribuído nesta construção, por mais polêmica seja esta discussão.

Na perspectiva de Eco (1970), que compreende a cultura como um processo no qual os homens orientam e dão significado às suas ações por meio de uma manipulação simbólica, observamos inúmeras evidências que demonstram o poder simbólico que o futebol desfruta e exerce na sociedade brasileira.

Ao destacar o futebol como objeto válido das ciências sociais, especialmente após a década de 70 e para melhor compreender seu papel na sociedade brasileira, Da Matta (1982) refuta a visão utilitarista do futebol como "ópio do povo", que, segundo este autor, separa o futebol da sociedade, entendendo-o como prejudicial a outras questões sociais relevantes. Embora reconheça que determinadas circunstâncias levam o esporte a servir como instrumento de alienação das massas, Da Matta propõe um novo olhar sobre os estudos sociológicos. A teoria desenvolvida pelo autor dirige o olhar para o futebol compreendendo-o como "veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira, constituindo-se num modo específico de expressão desta". (DA MATTA, 1982, p. 21)

O ponto chave proposto por Da Matta é o da construção da identidade nacional a partir de instituições secundárias, como carnaval, samba, religiosidade e futebol — espaços onde as diferenças de classe, raça e origem seriam secundárias em função da competência, fornecendo uma das poucas experiências de cidadania positiva. Daí talvez se explique por que o futebol está impregnado no cotidiano do brasileiro e é alvo constante de comentários e debates.

Outros teóricos compartilham esta idéia. É o caso de Daolio (1997, p. 127): "Hoje já é possível falar do futebol como uma expressão cultural brasileira, assim como são o carnaval, o samba, o candomblé e outras práticas."

Paz (2006), por exemplo, defende a tese de que o futebol brasileiro é uma manifestação de extrema relevância no cenário cultural do Brasil e detentor de grande potencial para impulsionar o turismo. Este autor propõe, entre outras coisas, uma política de desenvolvimento para o futebol e a preservação da modalidade como patrimônio cultural.

Lever (1983), ao perguntar aos brasileiros "o que melhor simboliza a sua cultura?", obteve como respostas típicas, no desenvolvimento da sua pesquisa, combinações de espiritualismo, samba e futebol. A pesquisadora norte-americana concluiu que cada uma dessas manifestações culturais brasileiras demonstra como as práticas regionais podem unificar uma nação, ao se disseminarem.

À medida que nos reportamos ao futebol como elemento da cultura brasileira, cada vez mais a noção de integração social se torna presente. Por isso, destacamos um fato curioso: a partida final da Copa do Mundo de 1998, entre Brasil e França, apresentou entre nós o menor número de aparelhos ligados de todo o evento, devido à concentração do número de torcedores junto a cada aparelho, em razão de os jogos (principalmente os decisivos) serem pretexto de encontros sociais. (GASTALDO, 2004)

Essa integração social é notada, por ocasião dos jogos de futebol, na maciça união de pessoas que, na vida cotidiana, vivem separadas em razão do conjunto de normas e regras de condutas sociais.

Para torcer por uma equipe não é necessário ter renda mínima, grau de instrução ou emprego fixo. Basta ter amor ao time. Não importa se o meio de transporte para chegar ao estádio foi o carro próprio ou o ônibus superlotado. *Lá dentro, todos têm a mesma função e o mesmo desejo: a vitória de seu time.* (DAOLIO, 1997, p. 117; grifo do autor)

A interação entre indivíduos de diversas etnias, classes sociais, gêneros e idades também é observada por Lever (1983), que vê a comunicação como essência do processo social. "Os homens que integram o meu estudo se relacionam com amigos, colegas de trabalho e vizinhos através do esporte mais do que por qualquer outro meio." (LEVER, 1983, p. 125) Observa a autora ainda que as discussões intermináveis, sob a forma de conversas amistosas, unem os torcedores por causa de suas diferenças. Torcer pelo mesmo time é aceito como base para um relacionamento cordial. Sua conclusão é que

o futebol no Brasil fortalece os vínculos sociais porque a rivalidade é basicamente cordial e divertida. A integração social e a torcida esportiva se fortalecem mutuamente, os homens socialmente ligados não querem ser excluídos da maioria das conversas populares. (LEVER, 1983, p. 125)

Damo (2001) também credita grande importância à comunicação, por entender que o domínio dos códigos futebolísticos garante o acesso a certas discussões que ocorrem em momentos de sociabilidade intensa. O autor, numa perspectiva estética do futebol, relaciona as categorias de ritual disjuntivo, jogo absorvente e "pertencimento" clubístico e é levado a crer que, para o torcedor, o êxito (vitória) de seu time representa a possibilidade de sucesso na vida cotidiana, mesmo que inconsciente. Este sentimento é ratificado pelo senso de eficácia dos torcedores, que se atribuem a participação no espetáculo esportivo como espectadores ativos e que influenciam no resultado das partidas e até na administração de seus clubes.

No entanto, ao contrário da maioria das formas de conflito, que tornam a interação difícil ou mesmo impossível, a forma esportiva de conflito prolonga o contato, ao promover a comunicação. O futebol proporciona o assunto mais comentado da cidade, e as conversas são incentivadas pela cobertura dos meios de comunicação. Manter-se atualizado com as notícias do futebol pode promover a exposição a outros tipos de notícias e outros tópicos de conversa. O ato de torcer, portanto, é uma manifestação simbólica do senso de pertencer e também base para participação na comunidade. (LEVER, 1983)

Neste instante, é oportuno indagar: se o futebol tem o poder de apaixonar e mover multidões de todas as classes, a ponto de se rasgar bandeiras, chorar em praça pública e queimar imagens (fotos) de técnicos e atletas, em situações como a

eliminação de uma Copa do Mundo, qual a dimensão imaginária que os jovens possuem sobre o status social que o futebol é capaz de proporcionar?

1.3. Futebol espetáculo e cultura de massa

A massificação e a profissionalização do esporte moderno durante o século XX, ocorridas concomitantemente ao seu desenvolvimento tecnológico, fizeram com que o esporte sofresse profundas mudanças, transformando-se hoje em mercadoria veiculada pelos meios de comunicação de massa. (BRACHT, 1997)

Dada a impossibilidade de desvincular a mídia do esporte contemporâneo, utilizaremos os termos "esporte espetáculo" ou "futebol espetáculo", incluindo na compreensão do conceito sua vinculação a indústria cultural como elemento da cultura de massa e objeto de consumo do grande público.

É preciso ressaltar a forte influência dos veículos de comunicação em massa, especialmente a televisão, na transformação do esporte em espetáculo. Segundo Marcondes Filho (2001), a produção em larga escala dos aparelhos de TV e a difusão de canais por todo o mundo deu-se após a II Guerra Mundial. A chegada da televisão no Brasil ocorreu em 1950, mas só em meados da década de 60 tornou-se objeto de consumo de parcela significativa da população.

Entretanto, o advento das transmissões via satélite impulsionou em definitivo o esporte para a aquisição do formato moldado às leis de mercado e à cultura de massas. Com o aparecimento do sistema de satélites para transmissões à longa distância e ao vivo, a partir dos anos 60, esporte e televisão passaram a partilhar uma relação simbiótica — o que significa que se apoiam mutuamente e dependem um do outro, especialmente no plano econômico. (BETTI, 1998) As transmissões televisivas via satélite (em tempo real) ampliaram de maneira exponencial o número de consumidores do esporte, elemento-chave para a constituição definitiva de uma massa disposta a pagar, direta ou indiretamente, para assistir competições esportivas e assim financiar o sistema comercial do esporte.

Em 1960, as Olimpíadas de Roma registraram uma audiência televisiva acumulada pouco superior a 160 milhões de telespectadores. (RAMOS, 1984) Em 2006, na Copa do Mundo de Futebol, a soma de telespectadores dos seus 64 jogos

foi estimada, segundo pesquisas da In Front Sports e Media AG, em 32,5 bilhões de telespectadores. (CONSUMIDOR espera preço menor..., 2006)

O poder de penetração do futebol espetáculo na sociedade é sem dúvida muito grande. Gastaldo (2004) revela a concentração recorde de espectadores que aconteceu na Copa de 1998, tendo a audiência atingido 96% dos aparelhos ligados no jogo Brasil *versus* Marrocos no dia 16 de junho.

O aumento do comércio do futebol nos clubes foi uma forma de mercantilização no período relativamente inicial do pós-guerra, mas maiores mudanças financeiras e culturais inspiraram-se na televisão, principalmente no crescimento da transmissão por satélite. (GIULIANOTTI, 2002, p. 116)

Com o aumento significativo de telespectadores interessados em esportes (com destaque para o futebol), os meios de comunicação passaram a considerar a competição esportiva como conteúdo adequado e valioso para sua programação, vislumbrando no esporte espetáculo um potencial de grande audiência, capaz de emocionar e entreter indivíduos dos mais variados perfis. Camargo (1998) afirma que poucos esportes como o futebol preenchem todos os requisitos necessários e básicos para serem transmitidos pelos veículos de comunicação de massa.

Paes (2000) destaca alguns pontos que contribuem para o processo de desenvolvimento do esporte espetáculo e o expressivo crescimento da programação esportiva na televisão, tais como linguagem universal do esporte, renovação constante do jogo, imprevisibilidade do resultado (dramaticidade), beleza plástica e eficiência do esporte como facilitador de campanhas de marketing. Estas características facilitam a adequação do esporte espetáculo à cultura produzida em série (industrialmente) para o grande público, com atributos peculiares de um produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido como qualquer outra coisa.

1.3.1. A Indústria do esporte

Produzida industrialmente, distribuída no mercado de consumo, registrando-se principalmente no lazer moderno, a cultura de massa se apresenta sob diversas formas (informações, jogos, por exemplo), mas particularmente sob forma de espetáculo. É através dos espetáculos que seus

conteúdos imaginários se manifestam. Em outras palavras, é por meio do estético que se estabelece a relação de consumo imaginário. (MORIN, 2005, p. 77)

Pressupondo a existência do tédio e a necessidade do divertimento, os programas de alta difusão cultural são os que habitualmente se destinam a entreter, emocionar e ocupar o tempo de lazer dos espectadores. "Desta peculiaridade decorre a importância conquistada pelo esporte nos meios de comunicação e, de modo mais amplo, pela indústria do lazer." (LOVISOLO, 2000, p. 17)

Segundo Camargo (1998), a imagem esportiva, ao ser transmitida pelos meios de comunicação de massa, tem a função de fascinar, seduzir e aprisionar o indivíduo, de tal forma que parte considerável do processo de fascinação se transforma em mitificação. A industrialização e a modernização, por sua vez, foram decisivas para o processo de difusão cultural, inclusive em seus aspectos lúdicos. O esporte espetáculo, permeado de ingredientes típicos da sociedade globalizada, ajustou-se ao quadro caracterizador da indústria cultural: revolução industrial, capitalismo liberal, economia de mercado e sociedade de consumo. (COELHO NETO, 1996)

O acesso das classes subalternas à participação (formalmente) ativa na vida pública e o alargamento da área de consumo das informações criaram a nova situação antropológica da "civilização de massa". No âmbito de tal civilização, todos os que pertencem à comunidade se tornam, em diferentes medidas, consumidores de uma produção intensiva de mensagens a jato contínuo, elaboradas industrialmente em série, e transmitidas segundo os canais comerciais de um consumo regido pelas leis da oferta e procura. (ECO, 1970, p. 27)

Nesse contexto, a cultura de massa produzida segundo as normas maciças da fabricação industrial destina-se a uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade. (MORIN, 2005) Considerando-se a estreita relação entre cultura de massa e veículos de comunicação de massa, dentre os quais este estudo limita suas atenções para a TV, citaremos abaixo o conceito de televisão proposto por Eco (1970), pois concordamos em que o problema da cultura de massa é ser manobrada por "grupos econômicos", que miram fins lucrativos, e realizada por "executores especializados" em fornecer ao cliente o que julgam mais vendável.

É um serviço, um meio técnico de comunicação, através do qual se possa veicular ao público diversos gêneros de discurso comunicativo, cada um dos quais corresponde, não só às leis técnico-comunicativas do serviço, como também às leis típicas daquele dado discurso. (ECO, 1970, p. 335)

Em relação à questão da cultura de massa, e aos conteúdos produzidos pela mídia, percebemos relativo consenso entre os autores no que diz respeito à homogeneização dos desejos que, grosso modo, busca satisfazer todos os interesses e gostos de modo a obter o máximo de consumo. Quanto a este aspecto, Morin (2005) propõe o emprego do termo "sincretismo", para traduzir a tendência a homogeneizar em termos de um denominador comum a diversidade de conteúdos.

O sincretismo tende, pois, a unificar em certa medida os setores da cultura industrial. No setor da informação, por exemplo, é muito procurado o sensacionalismo e as vedetes que invariavelmente se contrapõem aos padrões da realidade cotidiana. Tudo na vida real que se assemelha ao romanesco ou ao sonho é privilegiado.

Morin (2005) ainda observa que a nova cultura prolonga-se no sentido da homogeneização de costumes. Entretanto, ao mesmo tempo em que se homogeneizam o gosto e o costume, faz-se necessária a busca do "novo", ou melhor, das invenções, e é exatamente nesta dinâmica contradição envolvente da cultura de massa que se abre espaço para o inusitado, o sensacional.

O sensacionalismo é a base para a potencialização da audiência do espetáculo esportivo. Eco (1984) esclarece isso em outros termos, quando define analogamente o espetáculo esportivo como o esporte elevado ao quadrado, ou seja, sob o qual são exercidos especulações e comércio, que engendra o esporte ao cubo (que é o discurso sobre o esporte durante as transmissões), que, por fim, eleva o esporte à enésima potência, através do discurso sobre a imprensa esportiva. "O discurso sobre a imprensa esportiva é o discurso sobre um discurso na medida em que vê o esporte alheio como discurso." (ECO, 1984, p. 223)

Neste particular, deve-se considerar que a visibilidade e a grande audiência dos programas televisivos esportivos alçaram muitos dos jornalistas esportivos a carreiras tão prestigiadas quanto as conquistadas pelos astros esportivos.⁷ (TOLEDO, 2000)

⁷ No Capítulo 2 de Toledo (2000), detalha-se com propriedade o inter-relacionamento da crônica esportiva com os outros agentes que compõem o campo das práticas esportivas.

Voltemos à questão sincrética. Ao analisar o campo do jornalismo no que tange à similaridade dos conteúdos, Bourdieu (1997) observa interessante peculiaridade entre os jornalistas: a indispensável leitura dos jornais e o *clipping*⁸ como instrumento fundamental de trabalho, visto que, para saber o que declarar, é preciso saber o que os outros disseram. Esse é um dos mecanismos que gera a homogeneidade dos produtos propostos.

Levadas pela concorrência por fatias de mercado, as televisões recorrem cada vez mais aos velhos truques dos jornais sensacionalistas, dando o primeiro lugar, quando não é todo o lugar, as variedades e as notícias esportivas: é cada vez mais freqüente que, não importa o que tenha podido ocorrer no mundo, às aberturas dos jornais televisivos sejam reservadas aos resultados do campeonato francês de futebol ou a este ou aquele evento esportivo. (BOURDIEU, 1997, p. 73)

A busca do sensacionalismo e do índice de audiência, respectivamente em virtude do sincretismo e das sanções de mercado,⁹ são protagonistas de ao menos três tipos de reações inerentes do esporte, que direta ou indiretamente podem afetar os sentidos de percepção do telespectador frente ao fato esportivo: 1) alterações na estrutura e forma de praticar o esporte; 2) "disfarce" estético da realidade do esporte-espetáculo; e 3) transformação do esporte e dos atletas em mercadoria.

A seguir, examinamos as razões de cada uma destas reações, levando em conta que todas, sem exceção, são observáveis quando constituem o que Pierre Bourdieu denomina de "campo das práticas esportivas".

1.3.1.1 Alterações na estrutura e na forma de praticar esporte

Indicador demonstrativo da influencia da televisão sobre o esporte são as constantes alterações nas regras que recaem sobre as emissoras televisivas e buscam adaptar o espetáculo esportivo às exigências de mercado. Um exemplo

⁸ Ferramenta de trabalho dos jornalistas que consiste num relatório de manchetes e conteúdos veiculados pela mídia impressa e televisada no mesmo dia ou dia anterior.

⁹ A busca do sensacionalismo ocorre em virtude do sincretismo. No mesmo sentido, a busca pelo índice de audiência, quando não atingido pela mídia, provoca sanções do mercado, visto que o aumento ou a diminuição dos índices de audiência oscilam de maneira diretamente proporcional aos valores em que os veículos de comunicação comercializam os informes publicitários.

típico foram as recentes mudanças ocorridas nas regras do voleibol. Ao analisar o processo de inclusão da televisão no campo esportivo, Marchi Júnior (2005) observou que a introdução de novas regras ajustou o *layout* da modalidade ao tempo das transmissões das partidas. Essa alteração teve intensa repercussão entre técnicos e treinadores — que se viram forçados a modificar os procedimentos em relação à preparação física, tática, técnica e psicológica dos atletas —, cujos argumentos que foram insuficientes comparados às imposições da TV.

De maneira mais discreta, também encontramos os efeitos das mudanças de regras em outras modalidades. No futebol, por exemplo, "conceder à equipe adversária um tiro livre indireto, no caso do goleiro tocar a bola com as mãos, depois que um jogador de sua equipe a tenha cedido com o pé." (PAES, 2000, p. 35)

Se no voleibol a intenção foi adequar o tempo de duração das partidas, no futebol o objetivo esteve atrelado à dinâmica do espetáculo. Em ambos os casos, observamos o ponto comum: a "essência do jogo" sucumbiu aos interesses, anseios e objetivos da mídia, redefinindo a forma de jogar e preparar-se para a disputa.

O poder e impacto que o esporte exerce na esfera política e econômica (comercial) são inquestionáveis e se concretizaram com a junção aos veículos de comunicação em massa. Mas também é inquestionável que a TV define fundamentalmente o formato dos esportes e a maneira como devem se desenrolar as partidas e disputas. Na medida em que a mídia define o público que deseja atingir, a escolha por esta ou aquela modalidade esportiva vai a reboque dos interesses midiáticos.

Resumindo este aspecto, Paes (2000) sugere três características que justificam as mudanças de regras: a visualização, a promoção de incertezas sobre o resultado e, em algumas modalidades, a adaptação do tempo de jogo à TV (exemplo no futebol foi a introdução do tempo técnico para a transmissão de comerciais).

1.3.1.2 Simulacro estético da realidade esportiva

O princípio de seleção é à busca do sensacional, do espetacular. A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico. (BOURDIEU, 1997, p. 25)

Embora a mídia afirme apresentar os eventos esportivos objetivamente, alegando reproduzir a realidade, a fase de produção, antes que o programa alcance o telespectador, envolve considerável construção seletiva e interpretação. Veículo de fáceis sugestões, a TV é também encarada como estímulo de uma falsa participação, de um falso sentido do imediato, de um falso sentido da dramaticidade. Essa é a idéia central de Eco (1970), quando afirma não ser verdade que

a transmissão direta televisiva [constitua] uma representação fiel e incontaminada do que acontece; tudo o que acontece, enquadrado pelas câmaras de TV, já dirigidas segundo uma escolha das angulações dos campos, aparece, diante do diretor de TV, em três ou cinco monitores, e dessas três ou cinco imagens o diretor escolhe a que deve ser mandada para o ar, instituindo, assim, uma montagem, o que vale dizer uma "interpretação" e uma "escolha". (ECO, 1970, p. 328)

A linha de edição é um setor da imprensa impressa e eletrônica que sempre deve ser levada em conta quando o telespectador se propõe criticamente a assistir programas, utilizando-se de uma "leitura" televisionada. Nos espetáculos esportivos, a televisão propõe uma nova visão do evento: a repetição obsessiva dos lances mais violentos ou espetaculares, o fanatismo da torcida, a euforia da vitória, são apelos constantes da mídia nas transmissões esportivas. (BETTI, 1998)

A construção da crítica ao esporte espetáculo desenvolvida por Eco (1984) é em essência dirigida aos conteúdos dos discursos da mídia, a ponto de afirmar que "o esporte atual é essencialmente um discurso sobre a imprensa esportiva". (ECO, 1984, p. 223)

Por interesses comerciais, a articulação do discurso da mídia amplia os falsos dramas inerentes à competição, que deixa de ser uma luta simbólica para transformar-se em "real". Isso faz do resultado esportivo o seu fim e, por conseqüência, favorece a busca da vitória a qualquer preço. Por um lado, a valorização do resultado esportivo (ou seja, a vitória), motivada também pelas gratificações financeiras, induz os agentes esportivos (técnicos, atletas, dirigentes, etc.) a canalizar esforços na busca da vitória em detrimento da estética do espetáculo, agindo desta forma na contramão do princípio do espetáculo de entretenimento. Por outro, nos deparamos com o paradoxo "espetáculo *versus* vitória/violência". Exemplo muito comum deste paradoxo são as declarações de técnicos e atletas nas entrevistas para a mídia esportiva, quando afirmam

categoricamente ser mais importante vencer do que "jogar bonito", ou que "jogamos de acordo com o regulamento" (o que, no jargão do meio futebolístico, designa disputar uma partida com o objetivo explícito de obter o resultado esperado, em conformidade com o regulamento e as normas da competição).

As novas tecnologias adotadas pela TV funcionam como uma espécie de antídoto para este paradoxo. O "replay", o "close" e o "slow-motion" são recursos técnicos importantes no processo de transmissão que tornam o futebol virtualmente "televisionável". A combinação destes recursos forma o discurso televisivo, para fomentar ainda mais a dramaticidade e a espetacularização. (BETTI, 1998) Comumente, esses recursos operam de maneira a compensar a falta de plasticidade (estética) que o espetáculo esportivo deixe eventualmente de proporcionar; somados a grande quantidade de câmeras, são eficazes na busca pelo inusitado, pelo exótico ou pelo acidental, elementos extrínsecos ao esporte, porém fundamentais para alimentar os desejos do seu público (homogeneizado) e garantir a audiência desejada.

Decorrente das transmissões via satélite, o aumento dos consumidores do esporte gerou uma audiência composta majoritariamente por leigos, que não têm a sensatez de apreciação do esporte. Neste processo, a mídia converteu seus discursos e imagens para atender as necessidades do novo perfil de público, desvalorizando a estética do esporte em detrimento das formas mais elementares de contemplação. Bourdieu (1990) responsabilizou o desenvolvimento do profissionalismo e a transformação do esporte em espetáculo de massa a condução dos leigos ao reduzido papel de espectadores desprovidos de esquemas de percepção e apreciação que permitam decifrar o espetáculo, limitando-se a sentir prazer nos seus aspectos extrínsecos, não nos seus requintes. Portanto, quanto mais superficial e cega for a percepção do consumidor esportivo aos requintes, às nuances e às sutilezas do espetáculo contemplado, mais exposto estarão ao "sensacional", ao culto da proeza aparente e da virtuosidade visível, sobretudo, ao suspense e ansiedade pelo resultado. (BOURDIEU, 1983)

1.3.1.3 Atletas como mercadoria

Inserido na indústria cultural, submetido às leis de mercado e dependente dos veículos de comunicação em massa, o esporte espetáculo — assim como outros segmentos do lazer moderno — transformou-se em atividade tipicamente mercantilizada. Isso ocorreu principalmente a partir da década de 60, quando a economia política do futebol incorporou clubes e jogadores famosos na mais profunda mercantilização da cultura. (GIULIANOTTI, 2002, p. 118)

Muitos são os sinais que conduzem o futebol ao estado mercantilizado. A realidade brasileira reúne talvez características como nenhuma outra: país do Terceiro Mundo, com economia "cambaleante" e reconhecido internacionalmente como verdadeiro celeiro de "craques" — o número de transferências de futebolistas brasileiros para o exterior é o maior do mundo. Segundo dados oficiais da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o Brasil "exportou" em 2005 o total de 804 atletas para 84 países; no mesmo período, 491 foram repatriados. Saliente-se que esses números não contemplam os casos de atletas que, clandestinamente, arriscam suas vidas em "aventuras" arquitetadas por "pseudo-agentes empresários".

Segundo Rubio (2001), em um conjunto estrutural, existem atletas que, circunstancialmente, se transformam rapidamente em ídolos e são transmissores de mensagens e estereótipos dotados de um potencial de consumo enraizado na cultura esportiva de massa.

O que se vê com naturalidade hoje em dia são os atletas transformados em mercadoria (coisa), cada qual com o seu valor (preço) e prazo de validade. (PILOTO, 2000) As leis do impiedoso mercado esportivo impõem aos jogadores de futebol e de outros esportes a peculiar relação que governa, no ambiente capitalista, o preço das mercadorias: a oferta *versus* a procura. Os de nível técnico inferior são exportados para centros inseguros e precários no mercado externo ou deixados como resíduos para a população local. Enquanto isso, os principais craques migram, segundo os efeitos da globalização e dos interesses do grande capital, para centros futebolísticos considerados desenvolvidos (de excelência) e adquirem status de celebridades internacionais, como "estrelas" da maior indústria de entretenimento, suportados pela mídia global e pela cultura dos fãs (consumidores).

Assim é o panorama da mercantilização esportiva: um grupo restrito de atletas que ganham mais, diretores e acionistas que lucram, anunciantes (patrocinadores) que incrementam as vendas, veículos de comunicação que criam novos mercados — enfim, um campo de negócios, investimentos e lucros, atrelado à indústria do entretenimento.

Neste contexto, Lovisolo (2000) destaca no espetáculo esportivo competitivo a demanda do herói, da estrela esportiva, visto que o interesse e o prazer do público manifestam-se não apenas com o jogo coletivo, mas também pelos desempenhos individuais. Para Camargo (1998, p. 128), "a competição é um espetáculo para entreter a massa e o ídolo é um dos componentes mais importantes, desse processo". O esporte, como fábrica de ídolos, assemelha-se a outras formas de espetáculo, como o cinema e a música, que utilizam estes recursos para comercializar as imagens e objetos de seus astros. Tornaram-se comuns no noticiário esportivo manchetes como "Internazionale vendeu 35 mil camisas com a estampa de Ronaldo nos dez dias da transferência, recuperando assim parte dos 19 milhões de libras esterlinas". (GIULIANOTTI, 2002, p. 120)

É desta forma que os mecanismos do sistema esportivo permitem que os ídolos esportivos sejam bem remunerados, uma vez que se tornam conhecidos e apreciados muito mais pelo valor da "etiqueta" e do preço do que por suas qualidades técnicas ou valor intrínseco.

A fabricação dos ídolos esportivos (como de outros ídolos) ocorre em um processo que envolve publicação sistemática de artigos, textos publicitários, narração de jogos, comentários de especialistas, etc., que põem em destaque qualidades e atributos distintos desses sujeitos e que os configuram como especiais. (PILOTO, 2000, p. 2)

A teoria marxista põe em evidência os aspectos que fundamentam uma percepção aguda do esporte como mercadoria, do corpo como fetiche na publicidade, do esporte profissional como ideologia da ascensão social e do futebol competitivo que busca, mediante o treinamento, equiparar o corpo à máquina, contribuindo desta forma para o processo de coisificação (reificação) do homem.

Nas afirmativas de Brohm (1978, p. 29), encontramos severa crítica ao estado mercantil do esporte: "La mayor parte de los deportistas velan por sus articulaciones y sus músculos, como si fueran un capital en el banco." A crítica da

autora sobre a coisificação de seres humanos (atletas) em mercadoria culmina no comentário sobre o seguro que alguns esportistas fazem por suas pernas e braços: "Por cierto, la carne y la sangre se han convertido en cosas." (BROHM, 1978, p. 29)

Na mesma linha, Piloto (2000) faz uso da noção dos modos de sujeição de Foucault e, explorando o modo como se dá a constituição dos ídolos como mercadoria, mostra em sua pesquisa a construção pela mídia do processo de "fabricação" dos ídolos esportivos. A autora não limita o que denomina de "fabricação" à simples criação de sujeitos-ídolos; mostra que o processo é complexo e constituído de "eras" que passam a identificar o período em que eles se encontram no apogeu e, não obstante, inclui a própria "desconstrução" dos ídolos (fase de declínio), desencadeada pela não publicação de textos e imagens e por críticas (dissimuladas ou não) dirigidas a eles.

No modelo proposto por Piloto (2000), nota-se a respeito da "fabricação" de ídolos esportivos relação análoga à teoria do ciclo de vida dos produtos, que, no campo do marketing, é composto por quatro fases: desenvolvimento, crescimento, maturidade e declínio. O princípio desta teoria é que determinado produto não pode vender para sempre, no decorrer do seu ciclo de vida. "Deseja-se então obter o maior lucro possível para cobrir todos os esforços e riscos investidos nele." (KOTLER, 2001) O mesmo princípio é utilizado pela cultura de massa, que, segundo as normas maciças da fabricação industrial, produz para a constituição de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e imaginária, como um sistema de projeções e de identificações específicas. (MORIN, 2005)

CAPÍTULO II: O CAMPO DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS

2.1 A constituição do campo segundo Pierre Bourdieu

Sob diversos ângulos, sobretudo o histórico e o social, pudemos acompanhar, no primeiro capítulo deste estudo, as evidências da transformação do esporte moderno em mercadoria de consumo da cultura de massa. No passado atividade essencialmente elaborada com fins distintivos de classe pelos aristocratas (é preciso lembrar que este caráter ainda permanece em alguns esportes, como o alpinismo e o golfe), hoje convertido em prática comum das classes populares, profissionalizado, difundido em todo mundo, o esporte tornou-se um dos fenômenos sociais mais marcantes na cultura do século XX, ganhando espaços consideráveis em todos os segmentos da sociedade moderna.

Atualmente, na forma como se apresenta — produzido por profissionais e destinado ao consumo de massa —, o espetáculo esportivo é correlativo ao desenvolvimento de uma indústria pública ou privada, que, com nova "roupagem", produz atrações esportivo-competitivas para determinadas demandas, num processo semelhante ao da *folk music*. (BOURDIEU, 1983)

Na análise da relação mídia-esporte, Marques (2005) sintetiza o pensamento de Pierre Bourdieu, que interpreta o atleta e o seu desempenho como parte de um espetáculo produzido, em primeira instância, pelos agentes esportivos, isto é, por indivíduos que estão diretamente envolvidos na sua promoção (atletas, juizes, treinadores, organizadores, platéia, etc.), e, em segunda instância, pela mídia, seja pelo discurso, seja pela edição de imagens. Opera-se assim uma "construção de dois níveis".

A produção do espetáculo esportivo passou a seguir princípios semelhantes aos de outras práticas culturais, como a música e o teatro. No seu escopo, além da mídia e dos agentes esportivos mencionados no parágrafo anterior, outros agentes sociais — anunciantes-patrocinadores (com destaque para as companhias transnacionais), promotores (federações, confederações e comitês olímpicos, entre outros), o próprio Estado e, em certa medida, os consumidores do

esporte — participam como "atores" do que Pierre Bourdieu denomina de "conjunto das práticas esportivas", estruturado com referência estreita e direta ao conceito de campo construído pelo próprio autor. Segundo Trigo (1998), Bourdieu define o conceito de campo como um espaço social, isto é, um sistema de posições diferenciais que confere aos agentes individuais ou coletivos papéis e status diversos e que possui leis de funcionamento próprias e, ao mesmo tempo, participa de mecanismos que são universais, comuns a todos os campos. O campo pode ser entendido como sistema específico de relações objetivas de aliança, de concorrência ou de cooperação entre posições diferenciadas, socialmente definidas, completamente independentes da existência física dos agentes que as ocupam.

Atrelado às leis de mercado e mergulhado na sociedade de consumo, o conjunto das práticas esportivas e dos consumos esportivos produzidos pelos agentes sociais é considerado por Bourdieu (1983) como uma oferta (novos esportes e equipamentos, por exemplo) que busca atender aos interesses de certa demanda social, cuja distribuição das práticas e consumos ocorre similarmente a quadros estatísticos segundo o nível de instrução, idade, sexo e profissão. No interior deste cenário socio-político-cultural, o esporte aparece como um campo de lutas em torno da distribuição de bens e serviços esportivos, dos valores corretos e dos padrões legítimos.

Bourdieu (1983) observa ainda que o campo das práticas esportivas é um espaço de lutas, dentre as quais se configura o embate entre amadorismo (prática da elite; nobres atributos do caráter humano) e profissionalismo (prática popular; vocação para o espetáculo, forma de ascensão social). "Tudo sugere que os interesses e valores que os praticantes saídos das classes populares e médias trazem consigo para o exercício do esporte se harmonizam com as exigências da profissionalização." (BOURDIEU, 1983, p. 147) Neste microcosmo de concorrência da disputa entre o esporte profissional e esporte amador, focalizaremos nossas atenções, direcionando os argumentos em torno do objetivo da pesquisa.

Eu me contentarei em mencionar, entre outras, uma conseqüência da constituição desse campo relativamente autônomo, a saber, o contínuo aumento da ruptura entre profissionais e amadores, que vai *pari passu* com o desenvolvimento de um esporte-espetáculo totalmente separado do esporte comum. (BOURDIEU, 1990, p. 217)

Pensando na idéia de ruptura entre esporte profissional e esporte amador, aliás, ainda hoje muito discutida entre especialistas do esporte (advogados, administradores, sindicatos de atletas, etc.), é preciso não perder de vista que a sistematização dos jogos, a complexidade e o rigor das regras, o estabelecimento de recordes fizeram da prática esportiva uma atividade cada vez mais séria. A seriedade decorrente desta sistematização provocou "a perda de uma parte das características lúdicas mais puras do esporte, que se manifesta, por exemplo, na distinção entre os amadores e os profissionais para quem o jogo já não é jogo". (BETTI, 1998, p. 87)

Por certo, o profissionalismo no esporte tomado como atividade séria rompeu definitivamente com a idéia de jogo. Neste estágio de desenvolvimento, já se pode afirmar que esporte não é jogo, principalmente se partirmos do conceito de jogo proposto por Johan Huizinga.

Atividade livre, conscientemente tomada como "não séria" e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada do todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticado dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem de regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes. (HUIZINGA, 1971, p. 16)

Notamos também que o conceito assemelha-se com o caráter gratuito e desinteressado que as atividades esportivas ofereciam à classe dominante, formas disfarçadas até as primeiras décadas do século XX, de propósitos para o acúmulo de capital social. (BOURDIEU, 1983, p. 152) O esporte espetáculo é então o oposto do jogo. Eis o ponto de ruptura.

2.2 Corpo: instrumento legítimo ou ilegítimo?

Antes de abordar os detalhes da prática esportiva profissional e amadora, abriremos um parêntese para ressaltar que o campo das práticas esportivas traz consigo, em âmbito geral, ou seja, em todas as suas dimensões, a luta pelo monopólio sobre o corpo entre as categorias morais de usos e definições ascéticas e

"hedonísticas" do corpo. (BOURDIEU, 1990) Trigo (1998) observa que, para Bourdieu, o *ethos*, como princípio prático, é uma moral instalada no corpo, a qual se transforma e traduz numa postura corporal como mais uma das disposições constitutivas do *habitus*, que se atualiza na relação dos agentes sociais com seus próprios corpos e se transforma permanentemente em maneiras duráveis de falar, de sentir e de pensar, de tal forma que o gosto, considerado como aptidão ou propensão para determinadas escolhas, passa a ser disposições englobadas pelo *habitus*.

Nessa perspectiva, Bourdieu (1998) caracteriza as diferentes disposições de perceber o corpo e de se comportar como decorrência da pluralidade de valores atribuídos aos mais elementares atos corporais.

Seria fácil mostrar que as diferentes classes sociais não concordam a respeito dos efeitos esperados do exercício corporal, efeitos sobre o corpo externo como, por exemplo, a força aparente de uma musculatura visível, preferida por uns, ou a elegância, a destreza e a beleza, escolhidas por outros, ou efeitos sobre o corpo interno, como a saúde, o equilíbrio psíquico, etc. (BOURDIEU, 1983, p. 148)

Para Bourdieu, a "matéria bruta" do corpo do esportista e a "substância" do uso da força e da luta caracterizam as práticas esportivas privilegiadas pelas classes baixas. Enquanto isso, para as classes altas, a prática esportiva está ligada às formas do comportamento fino. Isso leva a crer que ditas práticas vem se transformando num campo da estética para as classes altas. (BRACHT, 1997)

Segundo Boltanski (1979), a idéia de força que exprime o essencial de uma representação mecanicista do corpo constitui o princípio de coerência de toda uma série de atitudes independentes na aparência.

A experiência que os membros das classes populares têm do corpo tende a se concentrar na experiência que têm de sua força física, ou seja, de sua maior ou menor aptidão a fazer funcionar o corpo e a utilizá-lo o mais intensamente e o mais longo tempo possível. (BOLTANSKI, 1979, p. 154)

Pesquisa realizada por Boltanski (1979) comparou a adesão à prática de esportes entre indivíduos que exercem profissões diferentes, revelando que 53% dos operários nunca praticaram esportes, ao passo que no caso de profissionais técnicos e dirigentes assalariados o percentual cai para 32%. Essa diferença foi

registrada também em outras observações, tais como prática de um esporte no momento da pesquisa (operários, 11,5%; técnicos e dirigentes assalariados, 44%) e prática do esporte seguido de abandono antes dos 25 anos (operários, 79%; técnicos e dirigentes assalariados, 57%). Concluiu o autor que, quando se passa das classes populares às classes superiores, a função atribuída à prática do esporte modifica-se, bem como o conjunto de percepções que os indivíduos têm do próprio corpo. Afirma ainda que os esportes mais praticados pelos membros das classes populares (futebol, rúgbi, basquete) exigem força e virilidade dos praticantes, características valorizadas pelas classes populares, ao passo que modalidades como o golfe e o tênis gozam da preferência das classes superiores provavelmente por não provocarem o contato corporal.

Isso explica talvez a atitude reservada da classe alta frente à utilização física do corpo, em contraposição aos motivos que levam os atletas profissionais de futebol, cuja maioria é proveniente da classe baixa, a aceitar com naturalidade a exposição de seus corpos a danos físicos e à saúde como algo inerente ao jogo.¹⁰

A predisposição da classe popular em expor o corpo a sacrifícios ultrapassa a mera questão do risco físico. Pesquisas indicam que atualmente a busca da vitória a qualquer preço induz os atletas profissionais a recorrerem às substâncias proibidas (*doping*), mesmo conscientes dos efeitos nocivos à saúde.

Destacamos a existência de uma relação que envolve a tendência dos indivíduos de baixa renda em investir em carreiras esportivas e a percepção corporal que possuem. Esta tendência não ocorre apenas por necessidade econômica (de ascensão social) ou social (de status): a relação perceptiva do indivíduo com o seu próprio corpo pode ser um fator de interferência fundamental.

Contrariando todas as considerações referentes às sutilezas da submissão do corpo na atividade física, Bracht (1997, p.116) enfatiza que "o interesse que pode mobilizar o atleta no sentido de submeter-se à tortura do treinamento é de outra ordem; da recompensa financeira pessoal que por sua vez permite o acesso a outros prazeres".

¹⁰ "Habitualmente, o futebol deixa os jogadores com contusões crônicas que arruinam sua mobilidade e qualidade de vida futura." (Giulianotti, 2002, p. 146)

2.3 Ascensão social através do esporte

Com a profissionalização, os filhos de "boa família" abandonaram o futebol, cedendo seus lugares inicialmente aos jogadores da classe média urbana. "Com o passar do tempo o nível de classe foi declinando inexoravelmente; hoje, calcula-se que mais de 80% dos jogadores de futebol profissional do Brasil são da classe social mais baixa." (LEVER, 1983, p. 167)

A inclinação das classes mais baixas para a prática futebolística profissionalizada no Brasil, modalidade que tem o monopólio de ser a única difundida e desenvolvida profissionalmente, permite ao futebol brasileiro adquirir maior importância em relação à mobilidade social, comparativamente a outros países. Soma-se a isso "a importância que reveste a prática de esportes — e em particular dos esportes coletivos como o futebol — para os adolescentes das classes populares e médias". (BOURDIEU, 1983, p. 143)

Lüschen (1976), ao propor a diferenciação dos esportes de acordo com a estratificação social na Alemanha, elaborou quatro tipos de categorias subdivididas em grupos: 1) os denominados de elite (esqui, tênis de campo, golfe); 2) os de classe média alta (remo, hipismo); 3) os de classe média (ginástica, badminton); e 4) os classificados como dos homens comuns (populares), grupo em que se inclui o futebol.

Ao indagar das opções esportivas para sujeitos jovens da classe baixa e frações da classe média, a pesquisa revelou que a preferência do futebol é distribuída em 53% da classe baixa, 29% da classe média-baixa, 12% da classe média-média e 5% da classe média-alta. Esta tendência é inversamente proporcional quando comparada aos esportes denominados de elite; na mesma questão, o tênis obteve as seguintes respostas: 2% para a classe baixa, 27% para a classe média-baixa, 28% para a classe média-média e 42% para a classe média-alta. (LÜSCHEN, 1976, p. 179)

Os resultados fortalecem a afirmativa de Bourdieu (1983) de que a prática dos esportes "chiques", como tênis, equitação, iatismo e golfe, esportes de elite, devem parte de seu "interesse", tanto hoje, como no passado (origem), aos lucros da distinção e ao acúmulo de capital social para a classe superior.

Não obstante, quando atribui ao trabalho do sociólogo o dever de apontar propriedades pertinentes que fazem com que o esporte tenha afinidades com gostos

e preferências de determinada categoria social, Bourdieu (1990) alerta para a complexidade do caráter polissêmico inerente aos vários usos das diferentes práticas esportivas e a necessidade de fina análise destas práticas relacionadas ao espaço das posições sociais.

Uma prática esportiva que, em sua definição técnica, "intrínseca", sempre apresenta uma grande elasticidade, logo, oferece uma grande disponibilidade para usos totalmente diferentes, até opostos, também pode mudar de sentido. Mais exatamente, o sentido dominante, isto é, o sentido social que lhes é atribuído por seus usuários sócios dominantes (numérica ou socialmente). (BOURDIEU, 1990, p. 215)

Na maioria das vezes, os sentidos que o esporte tem junto a indivíduos de diferentes classes são expressos pela mídia, cujas afirmações carecem de fundamentação teórica. As mais comuns dessas afirmações dizem respeito ao fato de que a maioria dos futebolistas profissionais é oriunda das camadas sociais mais baixas e têm formação escolar deficiente. "Os jogadores tendem a ter a mesma experiência educacional limitada, valores sociais conservadores e códigos de comunicação 'restritos' ao sentido de companheiros profissionais." (GIULIANOTTI, 2002, p. 150)

Se o ingresso no mundo restrito do futebol espetáculo é aberto para indivíduos das classes culturalmente desfavorecidas, é possível deduzir que o capital cultural, social ou mesmo econômico não produzem barreiras ou restrições de cunho social ao ingresso de ditos sujeitos. Entretanto, é bem possível que a herança cultural familiar desempenhe fator fundamental na tomada de decisão dos jovens, quando optam ou não pela carreira esportiva profissional, uma vez que "a bagagem transmitida pela família, inclui, por outro lado, certos componentes que passam a fazer parte da própria subjetividade do indivíduo, sobretudo o capital cultural na sua forma incorporada". (NOGUEIRA, 2002, p. 5)

Ao se relacionar a herança cultural familiar com as questões correlativas às aspirações de ascensão social através do esporte pela população de baixa renda, é preciso ter em mente que o indivíduo, em Bourdieu, segundo Nogueira (2002), é um ator socialmente configurado em seus mínimos detalhes, cujos gostos mais íntimos, preferências, aptidões, posturas corporais e aspirações relativas ao futuro profissional são socialmente constituídos. Ressalto que, neste estudo, as questões sobre a influência da família na trajetória esportiva dos filhos serão destacadas no

ultimo capitulo. Mas é oportuno lembrar certas similaridades entre esporte e educação, no tocante às estratégias familiares de investimento.

Estratégias que, segundo Setton (2005), se referem, no campo pedagógico, ao empenho da família em um projeto de ascensão social via sistema de ensino. Neste aspecto, não se deve perder de vista o conceito de capital cultural que, segundo Bourdieu, é a somatória dos recursos que as famílias transmitem para os filhos, com vistas a prepará-los para o futuro profissional, financeiro e social.

Há, entretanto pesquisas que aproximam o discurso da mídia com a origem familiar e nível cultural dos atletas de futebol e/ou das suas famílias. Gama (1990) observa que Reilly, ao investigar a origem social dos atletas profissionais de futebol na Inglaterra, identificou-os como provenientes das camadas sociais mais baixas da população. Em Benfica (2002, p. 132), encontramos resultados sobre a composição socioeconômica dos 23 jogadores da seleção brasileira que disputaram a Copa do Mundo de 2002: 77% vinham de famílias pobres e 19%, de famílias remediadas; Kaká era o único de classe média alta. Este mesmo estudo indica a composição racial do grupo: 43% de brancos, 35% de pardos e 22% de negros, uma proporção próxima da detectada pelo IBGE para a população brasileira.

Gama (1990) cita ainda estudo realizado por Semyonov, o qual concluiu, ao verificar as características de jogadores de futebol de Israel, que, embora a formação educacional estivesse diretamente ligada com a mobilidade social do grupo de amostra, a estrutura socioeconômica dos jogadores pesquisados era similar, e que em geral os atletas vinham de uma classe socioeconômica baixa, com pais que exerciam ocupação de menor prestígio entre a população.

Lüschen (1976), por sua vez, mostra que, numa sociedade onde a estrutura de classe depende cada vez mais do status social conquistado, o esporte praticado profissionalmente tem crescente importância, em se tratando de mobilidade social para a classe baixa. Lever (1976) indica que, no Brasil, o futebol profissional é considerado como interessante caminho de mobilidade social para as camadas de baixa renda, por possuírem capacidades suficientes para obtenção de êxito. Embora o estudo não explicita quais são estas capacidades, tudo leva a crer que o acúmulo de capital cultural (incorporado, objetivado ou institucionalizado) pouco ou nada interfere no ingresso de indivíduos desprovidos culturalmente no futebol profissional; aliás, é muito comum que os principais clubes de futebol no

Brasil sejam acusados de estimular atletas "promissores" a abandonar os estudos, embora não se tenha disponível nenhuma pesquisa que demonstre isso.

Ao comparar o modelo brasileiro com o norte-americano, Lever (1983) vê diferenças significativas relacionadas à mobilidade vertical graças ao esporte, a começar pela idéia adotada nos EUA de que a prática esportiva possui méritos educacionais. "A pratica americana de usar as escolas secundárias e universidades como base de treinamento e seleção de atletas para o esporte profissional, é considerado o mais importante canal de mobilidade." (LEVER, 1983, p. 168)

Lever (1983) esclarece que, no Brasil — diferentemente do modelo norte-americano, que proporciona a melhor preparação para o período posterior à atividade esportiva, pois os atletas mais destacados recebem bolsas de estudo para a instrução superior —, a carreira do futebolista ganha importância para a mobilidade social, por ser o único esporte praticado profissionalmente no País. Inserido numa sociedade tradicional de classes, o futebol brasileiro, como via de ascensão social, "tem muito mais importância que num sistema social relativamente aberto como os Estados Unidos". (LEVER, 1983, p. 203) Esta é uma das razões que a autora aponta, quando busca explicar o que leva muitos jovens brasileiros pobres e analfabetos a subir tão rapidamente na hierarquia social como jogadores dos grandes clubes de futebol, para logo em seguida e na mesma velocidade perderem a posição e caírem tão profundamente no estágio em que antes se encontravam. "Parecería justa la conclusión de que para los jugadores de clase baja el fútbol en Brasil es realmente (en palabras de Daniel Bell) una escalera extraordinaria para salir de la terrible miseria en que la mayoría nacieron." (LEVER, 1976, p. 193)

Seria ingênuo justificar pelos motivos acima descritas a freqüente veiculação pela mídia esportiva de reportagens sobre o status social conquistado pelos ídolos esportivos. Há nesse aspecto uma série de variáveis em jogo no que diz respeito às influências dos espetáculos esportivos televisivos. A TV tem o poder de fascinar seu público. Para isso, utiliza modernos recursos que proporcionam êxtase, emoção e fantasia ao espectador. Ratificam-se simbolicamente os valores da sociedade de consumo, apresentando atletas rodeados por lindas mulheres, carros luxuosos, jóias valiosas, etc. Ao tratar da ascensão social pelo esporte difundida pela mídia, importa a idéia de que toda a notoriedade é conquistada por méritos individuais (talento, dedicação, superação). Bom exemplo foi o contrato que o atacante brasileiro Ronaldo assinou com uma multinacional de artigos esportivos (Nike) no valor de 10

milhões de libras esterlinas durante mais de dez anos.¹¹ (GIULIANOTTI, 2002, p. 120) São manchetes diárias nos jornais, que constroem o cenário para que milhões de jovens sonhem com o estrelato.

Embora o grau de duração da mobilidade social varie com as circunstâncias, o futebol tem proporcionado a única esperança de uma vida melhor. Os poucos e raros que atingem o sucesso simbolizam o ideal da mobilidade social, "fortalecem a fé dos torcedores da nação de uma sociedade aberta e proporcionam esperança a milhões de meninos que jogam futebol". (LEVER, 1983, p. 157) Em termos percentuais, o sistema esportivo esconde a real probabilidade das chances para se alcançar sucesso no esporte, e exatamente dessa forma o futebol atua como simulacro no imaginário social.

Entretanto, a realidade geral das condições do atleta de futebol profissional no Brasil, omitida no discurso da imprensa esportiva, provoca um contraste chocante. Em 2003, um ano após a conquista do pentacampeonato mundial de seleções, 82,41% dos atletas com registro em carteira profissional e em atividade no Brasil, recebiam até dois salários mínimos mensais, ao passo que 5,62% recebiam acima de dez salários mínimos. Vale lembrar que, esta proporção não sofreu diferenças significativas desde 1993. (COSTA, 2005, p. 257) Em números absolutos, menos de 750 atletas em atividade no País ganhavam mais de 20 salários mínimos significa dizer, ironicamente, que a quantidade de atletas que conquistam notoriedade (social e econômica) pelo futebol é inferior ao número de ganhadores da loteria federal.

Como se isso não bastasse, o sonho que milhares de meninos brasileiros alimentam de serem contratados por um time profissional tornou-se foco de atividades ilegais no âmbito do "mercado" do futebol, no que diz respeito às transferências de jogadores. Em decorrência de supostos escândalos ocorridos na Copa do Mundo da França em 1998, envolvendo a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e a Nike (patrocinadora de material esportivo), três anos após o evento foi publicado um livro em que se denunciava, entre tantas outras coisas, o esquema de corrupção e tráfico de menores, de garotos dispostos a arriscar a vida jogando futebol. (REBELO & TORRES, 2001)

¹¹ Ronaldo Luiz Nazário de Lima, atacante da seleção brasileira de futebol que adquiriu destaque internacional, foi apelidado pela mídia esportiva de "Ronaldo Fenômeno". Hoje atua no Milan (Associazione Calcio Milan), da Itália.

O futebol esconde o real e o reproduz em outros níveis [...]. Os salários altíssimos dos jogadores, dos grandes times, legitimam e avalizam a ascendência social do sistema. Com isso, o capitalismo se torna uma ordem natural dentro de uma visão positivista. (RAMOS, 1984, p. 34)

Embora exista entre os autores um consenso de que o futebol ocupa espaços imensuráveis na vida do brasileiro e é mais do que um esporte no País, ninguém ignora seu uso político e ideológico. Ramos (1984) é talvez quem formule a crítica mais veemente sobre o futebol na sociedade brasileira, ao interpretá-lo como aparelho ideológico do Estado, segundo o conceito e a terminologia de Althusser.

Com olhos atentos ao fato de que o esporte (não só o futebol) serve para inculcar uma ideologia de mobilidade social em todos os tipos de sociedade moderna, trataremos nas páginas seguintes das formas de contato que o jovem estudante mantém com o futebol.

2.4 Esporte e educação física no imaginário de jovens estudantes

Como vimos, o cotidiano do jovem é impregnado pela cultura do futebol, por interesse próprio ou, indiretamente, com o envolvimento nas discussões de amigos e familiares. A interação do jovem com o mundo futebolístico, em particular com o futebol espetáculo, acontece nas mais diversas instâncias (familiar, escolar, etc.), mas prioritariamente com agentes pertencentes ao mesmo segmento social que vivem sob as mesmas condições de vida e com o mesmo conjunto de disposições abrangentes que sistematizam as formas de agir, pensar, perceber e atribuir sentidos homogêneos às variadas práticas sociais. (Trigo, 1998) Em outras palavras, tal interação estrutura-se a partir das diferentes posições ocupadas pelos indivíduos ou grupos na hierarquia social, na qual a homogeneidade e a regularidade das práticas dos grupos são observadas por intermédio da manifestação do *habitus*, ou seja, segundo as aptidões que possuem os agentes de se orientarem espontaneamente no espaço social e a reagir de modo mais ou menos adaptado aos acontecimentos e situações. (BOURDIEU & PASSERON, 1982)

Sem contradizer o princípio gerador do *habitus* acima descrito, propomos neste momento a análise da prática e do consumo do esporte pelo jovem, considerando que o mesmo pode ser praticado ou assistido nos mais diversos locais e formas. Assim, focalizamos a análise sobre como se dá o *contato direto* do jovem com o futebol, limitando-nos a três formas: 1) através da mídia, consumindo-o de forma não ativa como espectador; 2) na escola, participando ativamente das aulas de Educação Física, 3) como praticante, em ambientes não formais e no uso do tempo livre.

Sobre estas três formas de acesso vamos ater nossas atenções nesta seção, a começar pelo contato estabelecido na interação com os veículos de comunicação — por uma razão muito simples: as crianças tomam contato com práticas corporais e esportivas do mundo adulto precocemente, em tenra idade. O esporte e as práticas de aptidão física tornaram-se, cada vez mais, produtos de consumo (mesmo que apenas como imagens). São objeto de conhecimento e informações amplamente divulgados para o grande público, enquanto outras são dirigidas especificamente para o público adolescente. (BETTI, 1998)

2.4.1 Consumo do esporte pela mídia

Desejaria, então, desmontar uma série de mecanismos que fazem com que a televisão exerça uma forma particularmente perniciosa de violência simbólica. A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la. (BOURDIEU, 1997, p. 22)

Segundo a agência de publicidade Young, Rubricam, os adolescentes brasileiros passam em média quatro horas por dia diante da TV e são o grupo com maior taxa de exposição aos anúncios. (BETTI, 1998)

Inúmeras são as pesquisas que revelam a aderência do público adolescente a programas e conteúdos veiculados pela televisão, em especial aqueles com objetivo explícito de entreter. Segundo Marcellino (2002), pesquisas dão conta de que as atividades físico-esportivas ocupam o quinto lugar em importância nos noticiários de TV e a quarta posição nos de rádio. Damo (2001)

aponta outro dado interessante: Pesquisa sobre as marcas mais lembradas entre as crianças, realizada no Rio Grande do Sul em 1997 pela Agência Top Kids, revelou que nenhum(a) dos(as) entrevistados(as) furtou-se à resposta quando perguntado(a) sobre o "time de futebol" de que lembrava. O índice dos que "não sabiam" ou "não responderam" foi zero, superando até os itens "refrigerante" (4,7%), "chocolate" (7,3%) e "programa de TV" (8,7%).

Embora a revolução tecnológica e as novas mídias, especialmente a internet, tenham conquistado espaços significativos na vida diária dos cidadãos, Dizard Junior (2000, p. 126) afirma que "a televisão ainda é o veículo de massa mais poderoso e difundido". Mesmo assim, o poder de audiência do esporte é tão extraordinário que o torna peça-chave na programação televisiva e motivo de tensões entre as emissoras. "A NBC também se projetou nos leilões de eventos esportivos quando pagou U\$ 2,3 bilhões pelos direitos de transmissão aberta e a cabo de um pacote com as Olimpíadas de 2004 e os jogos de inverno e verão 2006." (DIZARD JUNIOR, 2000, p. 142)

Como vimos, o futebol espetáculo é um ótimo produto para a televisão, que, por sua vez, busca constantemente novos mercados, dentre os quais o público jovem (adolescente), o qual, além de ter atração pelos programas esportivos, tendes para o alto consumo e conferem credibilidade aos conteúdos televisivos, inclusive as propagandas. Penteado (1983), ao entrevistar grupos de estudantes entre 14 e 15 anos de idade, residentes em São Paulo, revelou o poder de sedução da propaganda, principal arma da sociedade de consumo, ao constatar que 70% dos entrevistados manifestaram vontade de comprar alguma coisa vista na TV e acharem os comerciais agradáveis de serem vistos.

Temos então um fato a destacar: o público jovem, graças ao grande potencial de consumo, é segmento importante para a programação esportiva televisiva.

Gade (1998), em sua pesquisa sobre psicologia do consumidor e propaganda, observa que as crianças mais velhas fazem distinção entre a programação e as peças publicitárias; gostam de fantasia e ação, principalmente os meninos, que apreciam personagens divertidos e freqüentemente tomam esses personagens como modelo de comportamento. A autora mostra ainda que o consumo jovem tem correlação positiva com conhecimento e compreensão de comerciais de TV, e que esta compreensão se dá a partir do 1º grau de ensino (10 anos).

Estudos de opinião e expectativas revelam que os meios de comunicação de massa combinam informações sobre as necessidades materiais e simbólicas do público-alvo, seus sonhos, seus anseios, suas crenças e fantasias. É daí que a mídia processa a materialidade de seu discurso, que se constrói sedutoramente, criando novos desejos e formas fantásticas de satisfazer necessidades, um supra-real aparece como "real-ideal", varrendo com as resistências racionais, agindo como malha fina de captação do imaginário social. (GUIMARÃES, 2000)

O jovem obtém suas idéias a respeito de moda das revistas e do seu meio social, geralmente de pessoas vistas como líderes dentro do seu grupo ou líderes para o grupo todo, como celebridades de cinema e TV, assim como dos esportes e da música popular. (GADE, 1998, p. 190)

Contudo, parece haver um relativo consenso quanto à questão central, que relaciona o imaginário social do adolescente com os componentes da cultura de massa. Para Morin (2005), a imprensa de massa investe os "olimpianos" de um papel mitológico,¹² mergulhando em suas vidas privadas a fim de extrair a substância humana que permite a identificação. Eco (1970, p. 357) complementa este pensamento quando afirma: "Um astro evidentemente tem êxito porque, encarna um modelo que resume em si desejos mais ou menos difundidos ao seu público."

De fato, os olímpianos, e, sobretudo as estrelas, que se beneficiam da eficácia do espetáculo cinematográfico, isto é, do realismo identificador nos múltiplos gestos e atitudes da vida filmada, são os grandes modelos que trazem a cultura de massa e, sem dúvida, tendem a destronar os antigos modelos. (MORIN, 2005, p. 107)

Portanto, é desta maneira que a vedete esportiva se alinha com os novos ídolos que são os artistas cinematográficos e musicais e os homens do espaço. A sua projeção gigantesca, feita pelos meios de informação e campanhas publicitárias, exerce irresistível atração sobre a juventude, que com eles se identifica, neles se projeta, na ânsia bem comum ao homem de criar um estilo de vida ou de fugir à vulgaridade, ao anonimato. (SERGIO, 1987)

¹² O termo empregado por Edgar Morin refere-se ao papel mitológico construído pela mídia, que permite a identificação e que torna os "olimpianos" modelos de cultura e vida.

Penteado (1983) revela um dado interessante sobre o poder de influência da TV nos desejos dos jovens: "praticar esportes" foi a atividade que mais despertou o interesse dos adolescentes, quando questionados sobre o que tinham vontade de fazer a partir do que assistiam pela TV.

Neste sentido, vale dizer, em outros termos, que os anseios juvenis ajustam-se ao discurso televisivo, razão por que se justifica que a mídia concentre as atenções nos ídolos do esporte, na valorização do esforço da superação de limites, nas proezas, na busca da vitória, no herói. Um discurso articulado e estruturado para o público jovem, que ignora as diferenças sociais, ao afirmar nas entrelinhas: "Alcançar sucesso no esporte só depende de você! Se você quer ser um ídolo do esporte, basta treinar. Treinar muito!"

O discurso esportivo apresentado pela mídia desempenha papel particularmente forte na formação ideológica, ao reforçar a idéia de que o esporte é o espaço onde o estrelato parece mais atingível, comparativamente a outros meios de mobilidade social, quando as desigualdades de classe são consideradas importantes. "É bom lembrar que os esportes são cada vez mais afirmação da supremacia da juventude, particularmente quando possibilitam definir ambições de fortuna e fama." (GEBARA, 2000, p. 107)

Penteado (1991) nota que a televisão promove e constrói aparências universais, porém de expectativas inviáveis de serem universalizadas, porque são peculiares a classes e segmentos de classe. Observa ainda que a televisão cultua e repercute o mito do sucesso individual, induzindo eficazmente certo "estado de mobilização" em grupos pertencentes ao mesmo estrato social, na medida em que utiliza signos que provocam e emocionam. É desta maneira que o discurso do esporte na TV apresenta os ídolos ao público, como detentores de dom individual, para quem onde tudo decorre do mérito e de uma competência que lhes são próprias, como se não existissem relações de poder.

Para Piloto (2000), os textos publicitários ressaltam a idéia de que o sucesso do ídolo foi conquistado individualmente, que tal sucesso é produto do trabalho e da garra dos sujeitos — enfim, que é merecido. Esses discursos são criados pelos meios de comunicação para vender produtos e desejos. Desejos quase sempre associados ao dinheiro, à "beleza", ao sucesso, à "boa vida" de pessoas ricas. Entretanto, raras são as manchetes que mostram a realidade miserável vivida por milhares de atletas, a exploração imposta pelo sistema esportivo

e as vítimas (inclusive fatais) das transferências ilegais de jogadores de futebol para países longínquos.

Não podemos negar que os astros detêm importante controle sobre a representação dos jovens. A forma como são representados pela mídia exerce algum tipo de influência (mesmo que apenas de reforço) sobre o modo de ser em sociedade. Os astros ocupam uma posição privilegiada na definição dos papéis e tipos sociais, e isso acarreta conseqüências reais em termos de como as pessoas acham que podem e devem se comportar. (GUIMARÃES, 2000)

2.4.2. Consumo do esporte na escola

Para a televisão, importa tanto a forma de mostrar o esporte como seu conteúdo; a fragmentação e a distorção do espetáculo esportivo é uma conseqüência imediata, pois a televisão seleciona imagens e as interpreta ao público, propondo um "modelo" do que é o "esporte" e "ser esportista". (BETTI, 1998, p. 34)

Lançando o olhar sobre o ambiente escolar na perspectiva de espaço social, preocupamo-nos com a reprodução acrítica do esporte. A Educação Física escolar vem sendo confundida e baseada em prática essencialmente voltada ao esporte rendimento, reproduzindo desta forma o discurso da mídia.

Hoje em dia, ninguém mais faz "aula de educação física", mas de aeróbica, hidroginástica, musculação, esporte, dança. A terminologia "educação física" só subsiste na escola, onde, todavia, já é quase sinônimo de "esporte". (BETTI, 1998, p. 16)

Nos próximos parágrafos, buscaremos identificar os principais fatores que remetem à educação física problemas decorrentes da estreita visão que alunos e até mesmo educadores possuem sobre a Educação Física.¹³

¹³ Ao grafar "Educação Física", com iniciais maiúsculas, nos referimos a uma prática verdadeiramente pedagógica.

Segundo Tubino (1987), o primeiro texto que, ao ser publicado, provocou reações contra o uso negativo do esporte foi o Manifesto do Esporte,¹⁴ de 1964. Daí em diante, surgiram outros documentos que proporcionaram a ruptura com o conceito anterior de esporte, o qual tinha como única perspectiva o rendimento. O esporte passou então a constituir um conjunto interdependente de três perspectivas: Esporte Educacional, Esporte Participação e Esporte de Rendimento (alto-rendimento ou profissional). Nota-se de imediato o quão recente é a idéia do esporte na dimensão educacional. Significa dizer, em outras palavras, que a idéia concebida do esporte educacional permanece impregnada com a visão do esporte de rendimento. "Estabeleceu-se uma relação de mútuo condicionamento: ao componente curricular educação física é colocada à tarefa de funcionar como o alicerce do esporte de rendimento." (BRACHT & ALMEIDA, 2003, p. 91)

Como se não bastasse a herança histórica, Bracht (1997) realça o quanto o Estado contribui para a permanência de um modelo institucionalizado de rendimento esportivo na educação física, apoiado pelo sistema esportivo internacional, uma vez que a obtenção de resultados esportivos expressivos em plano internacional é uma forma de transferência de capital simbólico para capital político. Nessas condições, o sistema esportivo (federações, confederações e Comitê Olímpico, entre outras instituições) historicamente tornou-se fiel parceiro dos governos federais.

Para Bourdieu (1983, p.146), a cúmplice relação entre Estado e o sistema esportivo internacional ocorre de maneira "cada vez mais dissimulada à medida que o reconhecimento e a ajuda por parte do Estado aumentam juntamente com a aparente neutralidade das organizações esportivas e dos responsáveis por estas organizações".

No Brasil, por exemplo, tivemos a promulgação da Lei nº 11.345/2006, que dispõe sobre a "Timemania", nova modalidade de concurso público. Segundo o artigo 4º desta lei, a Timemania foi especialmente criada para que os clubes profissionais de futebol quitassem seus débitos com o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). O inciso II do artigo 2º estabelece o repasse na ordem de 22% de remuneração dos concursos para as entidades desportivas (exclusivamente de futebol) que cederem os direitos de uso de suas denominações, marcas, emblemas, hinos e símbolos.

¹⁴ Editado pelo Conseil Internationale d'Éducation Physique et Sport (Cieps) da Unesco, o Manifesto Mundial do Esporte apresentou a primeira grande reflexão internacional sobre o conceito de esporte.

Em vigor desde 2001, a Lei nº 11.264 oferece anualmente ao Comitê Olímpico Brasileiro a renda líquida total de um dos testes da Loteria Esportiva Federal. Mais recentemente ainda, o governo Lula promulgou a Lei nº 11.438, de 29 de dezembro de 2006 (Lei de Incentivo Fiscal ao Esporte), que permite o abatimento de 4% do imposto devido para pessoa jurídica e 6% do imposto devido na declaração de ajuste anual para pessoa física.

Por concentrar um conjunto de recursos materiais e simbólicos, o Estado tem a capacidade de regular o funcionamento dos diferentes campos, inclusive o esportivo, seja por meio de intervenções jurídicas que regulamentam o comportamento dos agentes, seja através de intervenções financeiras. (BOURDIEU, 1996)

O esporte no Brasil, institucionalizado pelo Decreto-Lei 3.199 de 1941, em pleno Estado Novo, sob a perspectiva do controle social e modernizado parcialmente em 1975 pela Lei nº 6.251 e em 1977 pelo decreto nº 80.228, mas sem romper de forma efetiva a tutela estatal, sempre foi concebido através de um Sistema Desportivo Nacional, reconhecido por estes instrumentos legais, delimitando-o na expectativa das competições denominadas federadas. (TUBINO, 1988, p. 24)

Prova cabal de quanto o modelo de rendimento esportivo continua a ser aplicado nas escolas com apoio do Estado foi a aprovação, após o "fracasso brasileiro" nas Olimpíadas de Sidney em 2000, do Programa Esporte na Escola.

Em que pese o argumento do governo seja de que o esporte, como instrumento educacional, está diretamente relacionado com as finalidades gerais da educação, é possível notar a contradição nas declarações do secretário nacional dos Esportes, Lars Graef, um dos idealizadores do programa.

Teremos condições de detectar talentos e encaminhar esses jovens para a estrutura esportiva formal. A estrutura do esporte é piramidal. Precisa ter a ligação entre a base da pirâmide e o meio [...] para – mais tarde, quem sabe – esses jovens se projetarem em nível internacional atingindo o topo da pirâmide. (ESPORTE na escola, 2002, p. 21)

Esta é a forma como a Educação Física escolar perde seu verdadeiro valor educativo. A intromissão de inescrupulosos especialistas, treinadores e até mesmo parte dos professores da disciplina, que alteram os objetivos educativos em detrimento da promoção do desempenho esportivo, para enfim buscar resultados esportivos a qualquer preço. (OTÁÑES, 2000)

Antes de qualquer coisa, introduzir a iniciação esportiva de competição nos programas escolares não é aceitar para a escola a missão expressa de produzir atletas capazes de assegurar o prestígio esportivo do país. Esse pode ser um efeito secundário, que não deve ser recusado, mas não pode constituir o objetivo principal, que continua ser a extensão a todos de uma gama tão ampla quanto possível de atividades formativas. (BETTI, 1998, p. 26)

Embora concordemos com Betti (1998), e entendendo que o esporte na escola deva ser proposto em sentido amplo, ou seja, oferecendo além das formas competitivas um leque de opções de atividades físicas de lazer, com valor higiênico, educativo e cultural, é certo afirmar que, enquanto esse desafio de mudança não for suplantado pelos educadores, o contato dos alunos com o esporte no ambiente escolar continuará permeado pelas nuances e prerrogativas do esporte de rendimento, regido pelos mesmos princípios do esporte espetáculo, o mesmo esporte ferozmente consumido e alvo de discussões entre estudantes jovens.

Assim, na perspectiva do esporte espetáculo, e analisando sua interação com a sociedade, abordando aspectos como os meios de comunicação e a mercantilização do esporte, é possível apontar para determinado segmento social — crianças e adolescentes — e para uma agência de fomento esportivo — a ESCOLA através da educação física —, preocupando-se com a lógica do esporte-espetáculo: o consumo de bens e entretenimento, conduzidos por conceitos de marketing e administração do esporte que vêm nas crianças e adolescentes "potenciais consumidores" e a educação física escolar que hoje, na maioria das vezes, funciona como reprodutora desses aspectos, sem desenvolver uma análise crítica sobre esse fenômeno. (MONTAGNER & RODRIGUES, s/d)

Antes de mergulhar definitivamente nas hipóteses da pesquisa, finalizamos este tópico, reiterando que o contato direto do jovem com o esporte ocorre predominantemente através da mídia e da escola. Implica dizer que não estamos limitando as possibilidades da interação jovem-esporte em outros espaços de convívio social (clube, academia, família, estádios) — isso, aliás, é apontado no decorrer do estudo, quando tratamos do futebol como elemento da cultura brasileira. Entretanto, é preciso ressaltar que o motivo de limitar a análise reside no fato de que a pesquisa de campo é dirigida para grupos de amostra constituída por jovens estudantes que convivem num espaço social comum: A ESCOLA.

CAPÍTULO III: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O desenvolvimento da pesquisa teve de início um enfoque bibliográfico, com obras e autores rigorosamente selecionados de acordo com as diretrizes lógicas do conhecimento humano. Desenvolvendo uma abordagem sociológica, relacionamos os temas educação, futebol, educação física e cultura de massa. A pesquisa de caráter qualitativo concentrou-se em analisar e interpretar o material coletado na pesquisa de campo, realizada em três meses, por intermédio e instrumento de entrevistas semi-estruturadas com questões abertas e fechadas, seguida de devolutiva¹⁵ aos sujeitos da pesquisa, como estratégia complementar para coleta de dados.

O referencial teórico, os relatórios de observação e os dados colhidos permitiram a reflexão interpretativa dos resultados, bem como a elaboração do texto, ora por argumentações dedutivas, ora por raciocínio indutivo. A seguir, detalhamos os procedimentos da pesquisa de campo, a caracterização dos sujeitos, o emprego das entrevistas, a coleta e o tratamento dos dados.

3.1 A pesquisa de campo

Nas ciências sociais, a pesquisa é uma atividade essencialmente prospectiva, criadora não apenas de novos resultados, mas de novos métodos, capaz cada vez mais de melhor controlar a si mesma e se adaptar estreitamente ao seu objeto, confrontando de modo crítico os métodos utilizados e os resultados. Por essa razão, concordamos com a afirmação de Nogueira (1969, p. 77) de que, no método científico, "cada fenômeno a ser investigado, pela sua própria natureza e pelas condições em que se manifesta, determina uma adaptação do método ao estudo que se tenha em vista". Partindo desta premissa, levamos em constante consideração duas hipóteses no desenvolvimento da pesquisa de campo.

¹⁵ Procedimento metodológico em pesquisas qualitativas propostas por Almeida, Prandini & Szymanski (2002). Consiste em apresentar o teor integral das entrevistas para cada um dos sujeitos da pesquisa após a conclusão das transcrições, com o especial propósito de dirimir dúvidas de interpretação, coletar dados complementares e confirmar opiniões fundamentais manifestada pelos entrevistados.

1) O acúmulo de capital cultural, sobretudo advindo da herança familiar e do convívio social informal, interfere tanto na trajetória escolar (longa ou curta), como na trajetória esportiva (profissional ou não), de tal forma que agentes propensos à trajetória longa de estudos abdicam de investir na carreira esportiva, enquanto indivíduos que tendem à trajetória escolar curta inclinam-se à prática profissional do esporte; vale dizer que o sentido atribuído à prática esportiva varia conforme o pertencimento de classe social.

2) No Brasil, em geral, o futebol espetáculo profissional representa socialmente uma via de ascensão social para indivíduos de baixa renda. Entretanto, à razão por que tais indivíduos inclinam-se à busca da carreira esportiva somam-se outros fatores que não só o econômico, como, por exemplo, as alternâncias perceptivas do sujeito em relação ao próprio corpo, modificadas conforme o pertencimento de classe social. (BOLTANSKI, 1979)

Constatada a promoção dissimulada, pelo sistema de ensino, da valorização da legitimação de conteúdos da cultura dominante na escola, a apropriação de tais conteúdos altera-se conforme o estrato ou a fração de classe social. (BOURDIEU & PASSERON, 1982) Buscamos aproximar e relacionar os pressupostos da teoria educacional de Pierre Bourdieu às hipóteses da pesquisa, propondo desenvolver uma análise comparativa que envolveu escolas com corpos discentes pertencentes a diferentes classes sociais.

Assim, a pesquisa de campo foi desenvolvida em duas escolas localizadas na zona urbana da cidade de São Bernardo do Campo — pólo industrial do estado de São Paulo, com cerca de 900 mil habitantes e contígua ao município de São Paulo (capital) —, caracterizadas a seguir.

• *Escola da rede pública estadual, denominada de A*

- Dista 1 km do centro da cidade, em bairro com característica residencial, e está próxima de alguns estabelecimentos comerciais.
- Oferece para a comunidade o Ensino Fundamental II, nos períodos matutino e vespertino, e o Ensino Fundamental Médio, nos períodos matutino e noturno.
- A respectiva comunidade escolar considerada que a manutenção das dependências físicas (predial) e a qualidade do ensino são superiores às

da maioria das escolas da rede pública estadual, mas inferiores às das escolas particulares da região.

- Como recursos didáticos, dispõe de uma TV, um DVD, um anfiteatro em bom estado e uma pequena biblioteca.
- O espaço utilizado nas aulas de Educação Física foi uma quadra poliesportiva coberta, em razoável estado de conservação.
- Atende, na maioria, alunos de frações de classe socioeconômica média-baixa e baixa-alta, que se deslocam a pé para a instituição.

• *Escola da rede particular, denominada de B*

- Cercada de estabelecimentos comerciais, dista 4 km do centro da cidade, em bairro com característica residencial.
- Oferece para a comunidade o Ensino Fundamental I, II e Médio, nos períodos matutino e vespertino. À noite, as dependências são utilizadas para o Ensino Superior oferecido por uma universidade que mantém estreito relacionamento com o colégio.
- As dependências físicas foram recentemente construídas e estão em ótimo estado. A comunidade escolar considera a qualidade do ensino superior à das escolas públicas da rede estadual e municipal; além disso, considera que esta é uma das cinco melhores instituições particulares de ensino da região.
- Dispõe de recursos didáticos de última geração, TVs, DVDs, sala multimídia, laboratório de informática, robótica, anfiteatro e ampla biblioteca.
- O espaço utilizado nas aulas de Educação Física foi um ginásio de esportes em ótimas condições de conservação.
- Atende, na maioria, alunos das frações de classe socioeconômica alta-média e alta-baixa; a maior parte dos estudantes vem acompanhada com os pais para a instituição.

Nesta caracterização, destacamos como principal diferença o atendimento a demandas diferentes de alunos no que tange à classe socioeconômica. A escolha das escolas pautou-se por isolar o maior número de variáveis possíveis, com o propósito de reduzir desvios e melhor qualificar a análise dos dados. Vale ressaltar que, no processo de construção, tínhamos plena consciência de que projeto

pedagógico, plano de ensino, características de sociabilidade e tantos outros fatores tornam as instituições diferenciadas.

Isto posto, a presente pesquisa adquiriu caráter qualitativo, com ênfase na interpretação da realidade de dois grupos distintos de alunos, sobre um determinado assunto: o futebol. O trabalho completo foi realizado entre agosto de 2005 e junho de 2007; a pesquisa de campo, mais especificamente, dividida em três etapas, no período de fevereiro a maio de 2007.

Na primeira etapa, com duração de seis semanas, registramos sistematicamente as observações. Na segunda, com duração de três semanas, foram efetivadas as entrevistas e as suas transcrições. Na terceira e última etapa da pesquisa, também com duração de três semanas, realizamos a devolutiva para cada um dos entrevistados.

3.1.1 A observação participante

Habilita o investigador a penetrar no pensamento, sentimento e comportamento do grupo. Facilita a familiarização e o prepara para apreender a atmosfera social, o cenário social total, as inter-relações entre os membros individuais e o grupo como um todo. Além disso, a observação participante tem as suas vantagens psicológicas: ela tende a acostumar o grupo com o observador até que aquele o aceite cordialmente e o incorpore mais ou menos como um seu membro. Assim ele consegue uma aproximação que é quase indispensável para estudos de casos mais íntimos e entrevistas a serem efetuadas mais tarde. (NOGUEIRA, 1969, p. 93)

A primeira etapa da pesquisa de campo teve a duração aproximada de seis semanas, período em que assumimos, com consentimento das instituições, o papel de observador participante nas aulas de Educação Física, fazendo o registro sistemático das observações imediatamente ao término das aulas, buscando como professor voluntário, atingir os objetivos expostos a seguir.

a) Deixar de ser considerado pelos alunos um elemento estranho ao ambiente da escola e, conseqüentemente, conquistar com esta proximidade a empatia do grupo, tendo em vista reduzir nas entrevistas a omissão de importantes informações discursivas, ou seja, captar no discurso aquilo que mais se aproxima do

real. Nessa perspectiva, Cook *et al.* (1967) afirmam que geralmente as pessoas parecem se habituar aos observadores, se o comportamento destes convence os membros do grupo observado de que não constituem ameaça.

b) Estabelecer estreita aproximação com os sujeitos da pesquisa, como forma privilegiada de observar as atitudes e os comportamentos dos grupos, no intuito de construir a entrevista pautada também nos relatórios das observações sistemáticas, ou seja, viabilizar a possibilidade de extrair durante as entrevistas suspeitas de incompatibilidades entre o discurso, o comportamento e ao mesmo tempo ampliar o grau de confiabilidade nos dados coletados.

Para usar um instrumento de observação, é útil verificar, através de entrevistas com as pessoas observadas, se, de acordo com sua descrição, fazem ou sentem aquilo que o observador descreveu como uma ação ou sentimento. (COOK *et al.*, 1967, p. 250)

Nesta etapa, os dois objetivos foram atingidos. A participação *in loco*, nas aulas, muitas vezes participando ativamente (jogando) com os alunos, potencializou a interação com estes. Presenciamos nestas ocasiões a discussão de temas comuns ao cotidiano dos jovens, com destaque para assuntos ligados a rotina escolar, programas de TV em geral e jogos televisionados de futebol; este último assunto foi mais comentado pelo grupo da escola B, pois neste caso a aula ocorria na manhã seguinte aos jogos transmitidos às quartas-feiras à noite.

Para nossa surpresa, dois fatos interessantes contribuíram na intensificação e rápida interação com os grupos: A identificação do pesquisador, apresentado pelo nome de Totó, e as brincadeiras salutareas que envolviam o resultado dos jogos de futebol dos times (Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos) que monopolizam a preferência dos jovens. O contato com esta realidade confirmou as suposições que tínhamos a respeito dos efeitos e do poder de penetração do futebol espetáculo no cotidiano dos sujeitos, tanto pela mídia, quanto pelas disposições em jogar a modalidade na escola ou fora desta.

O contato sistemático com os alunos obrigou-nos, no decorrer da pesquisa de campo, a tomar inúmeras precauções, por estarmos conscientes de que "uma abordagem errada de uma pessoa central pode ter conseqüências terríveis para toda a pesquisa". (COOK *et al.*, 1967, p. 243)

Levamos em conta o método ser aplicado na esfera da vida real das pessoas, na qual onde estas trocam opiniões e transmitem boatos sobre o pesquisador. Nessa perspectiva, sempre que possível, tentou-se criar, na condição de observador participante, uma impressão neutra, mantendo a todo instante o especial cuidado de não expressar opiniões e juízo de valores.

3.1.2 A dinâmica nas aulas de Educação Física

No tocante à dinâmica em que se desenvolveram as aulas de Educação Física, o volume de anotações registrado durante o tempo de observação foi denso. Ao focalizar os registros para os objetivos do trabalho, discorreremos sobre os principais pontos de implicação para a análise dos dados.

Segundo Lucato (2000), a Educação Física, no sistema escolar, pode ser definida como um componente curricular que utiliza as atividades físicas para o desenvolvimento de novas habilidades motoras. Para Betti (1991), as atividades físicas e esportivas têm sido consideradas pelos pedagogos como um privilegiado recurso de educação do homem, razão por que o conceito de Educação Física é idealizado como um meio de educação formal (nas escolas) e informal (participação voluntária em jogos e atividades). A Educação Física pode também ser vista como área que oferece serviços à sociedade por meio dos serviços de profissionais habilitados a intervir no campo educacional, social e do desempenho.

Diante da complexidade dos conceitos e do amontoado de confusões historicamente acumuladas em torno da Educação Física, Lucato (2000) esclarece a necessidade de melhor compreender o termo "prática escolar esportiva",¹⁶ que deve ocorrer dentro do horário escolar, preferencialmente na própria escola, em instalações esportivas não necessariamente oficializadas, podendo se modificar segundo os objetivos didático-pedagógicos, como incentivo irrestrito à participação de todos os alunos, buscando também relacionar tais práticas a outras áreas de conhecimento (disciplinas).

¹⁶ A diferença conceitual entre "prática escolar esportiva" e "prática esportiva escolar" é esclarecida por Simões, Bohme & Lucato (1999).

Nesse sentido, Brohm (1978) alerta para o perigo de confundir a Educação Física com as manifestações esportiva institucionalizadas, que representam uma ação social institucionalizada e regrada.

Assim, ao questionar os professores das escolas A e B, obtivemos respostas muito semelhantes em relação aos objetivos da disciplina. Ambos os docentes enfatizaram a promoção de atividades físico-esportivas de forma lúdica, desvinculada dos interesses de rendimento, para estimular nos alunos o hábito regular da prática esportiva como forma de promoção da saúde. Quanto aos conteúdos, manifestaram o plano de incentivar a prática de diversos esportes, incluindo no programa da disciplina o ensino de outras modalidades.

Antes de iniciar a observação das aulas, esclarecemos e enfatizamos aos professores não ser necessário alterar o plano de ensino, pois, aos nossos olhos, estaríamos interferindo no comportamento do grupo, além, é claro, de desrespeitar a autonomia do docente e correr sério risco de causar constrangimentos ao grupo.

Durante o período da pesquisa de campo, o conteúdo desenvolvido que prevaleceu de forma absoluta nas aulas de Educação Física foi a modalidade de futebol de salão. Entretanto, mesmo quando se verificavam conteúdos semelhantes, notamos significativas diferenças concernentes aos procedimentos da regência das aulas, costumes e organização das turmas.

Na escola A, as aulas tinham duração de 50 minutos, duas vezes por semana (segundas-feiras, às 8:40h, e quartas-feiras, às 10:30h), com turma aproximada de 35 alunos de ambos os sexos. Em razão de a turma ser mista, o professor a dividia em dois grupos (meninos e meninas). Para as meninas, eram desenvolvidas atividades diversificadas. Já os meninos invariavelmente assumiam o controle da quadra coberta e escolhiam livremente o tipo de prática (optaram, em todas as aulas, por futebol de salão). Por vezes, o professor aproximava-se para manter a coesão do grupo, em geral por razões de ordem disciplinar.

Desde o primeiro contato foi visível que os meninos já seguiam regras próprias, incluindo nesta as adaptações da regra do esporte. Inicialmente, faziam um sorteio para a composição dos times, e, conforme o tempo ou número de gols feitos durante uma partida, fazia-se revezamento das equipes. Quanto maior o número de equipes, mais se observava o esforço e o empenho dos alunos que não queriam sair da quadra. Metade dos alunos fazia aula com roupas inadequadas (calça jeans), possivelmente em razão de a aula acontecer em horário entre disciplinas teóricas

(realizadas dentro de sala de aula). Na ocorrência de contusões, foi muito comum os colegas acusarem a vítima de frouxo ou "afinão".

Na escola B, eram ministradas duas aulas consecutivas de 45 minutos cada, uma vez por semana (quintas-feiras, às 11:00h). A turma compunha-se de 22 alunos, todos do sexo masculino. As aulas eram iniciadas com um aquecimento de 10 minutos, seguido de alongamento (cinco minutos, aproximadamente); logo após, o professor aplicava dois ou três exercícios que envolviam técnica de fundamentos do futebol (cerca de 15 minutos); nos últimos 60 minutos da aula, o próprio professor supervisionava a composição dos times, normalmente feita pelos alunos que atuavam no gol.

Iniciado o coletivo, o professor apitava as partidas, utilizando as regras oficiais do esporte, em virtude de participarem de competições escolares, controlando também o tempo e número de gols com vistas ao revezamento dos times. Em certas ocasiões, parava o jogo para explicar especificidades da regra. Ao contrário da escola A, os alunos não manifestaram atitudes controversas em relação ao resultado do jogo, talvez em virtude da presença intermitente do professor; alguns, aparentemente cansados, até abriam mão de participar do jogo. Quando ocorria alguma contusão, o socorro era prestado de imediato, tanto pelo professor, como pelos alunos. A maioria dos estudantes trajava camisas oficiais de clubes profissionais de futebol do Brasil e do exterior.

Para concluir, ressaltamos dos relatórios de observação o fator comum em ambas as escolas e que revela, em certa medida, a disposição, digamos, natural de ambos os grupos para a prática de esportes na forma mais fiel possível às regras institucionalizadas pelo sistema esportivo — o que, segundo Bracht (1997), remete aos interesses do Estado e do próprio sistema esportivo.

Embora as observações sistemáticas tenham fornecido indicadores que apontam a impregnação do esporte espetáculo na prática escolar esportiva, por ora manifestada nas atitudes, comportamentos e costumes dos grupos, finalizamos este tópico, tomando a prudente decisão de nos abster da análise do processo de ensino-aprendizagem que envolveu os grupos em questão, visto que tal tarefa não adere aos objetivos deste estudo; não obstante, merece a devida atenção, capaz de desencadear outra pesquisa.

3.2 Sujeitos

Na busca de dados que indicassem a existência ou não de diferenças na atribuição de sentidos e formas de apropriação da prática escolar esportiva nas duas escolas, foi necessário constituir dois grupos de amostra, denominados de A e B, respectivamente da escola pública e da particular.

Na constituição da amostra, procurou-se seguir critérios rigorosos, considerando importantes recomendações da literatura. Uma vez definida, foi composta por estudantes do sexo masculino, matriculados no 1º ano do Ensino Médio, período matutino, nascidos no ano de 1992, assíduos freqüentadores das aulas de Educação Física, e integrantes de diferentes frações de classes socioeconômicas. O conjunto de critérios objetivou isolar a maior quantidade possível de variáveis.

Nossos entrevistados manifestaram comportamentos correspondentes às características próprias da idade cronológica (15 anos), ou seja, apresentaram no aspecto biológico, visíveis modificações corporais (alteração no timbre de voz, crescimento de pelos torácicos, aumento da massa corporal, etc.), traços universais que denotam esta fase de desenvolvimento e contribuem na transição para a participação no mundo adulto (momento que deixam de ser crianças).

Destaca-se no mesmo período dessas mudanças biológicas o concomitante processamento da construção da identidade dos indivíduos. O jovem afasta-se do âmbito familiar, encontrando-se cada vez mais solidário e à mercê de seus pares da rua e da escola. Assim, deixa-se influenciar pelo ambiente de maneira mais abrangente, vivendo com intensidade acima do normal toda e qualquer emoção. Somada a tudo isso, impera sobre ele uma série de conflitos, dentre os quais a cobrança de um papel social mais definido, exatamente quando a identidade ainda não se consolidou. (ABERASTURY, 1980)

Mergulhado neste conflituoso contexto, o jovem questiona-se ou é questionado institucionalmente pela sociedade sobre seu futuro profissional. Marcellino (1987) antecipa-se a este crucial conflito, ao observar o quanto as crianças são inquiridas pelos adultos sobre "o que vão ser quando crescerem" — nestes termos, invariavelmente, os adultos buscam como resposta a opção profissional e inconscientemente ignoram o que ela (a criança) é no presente.

Em relação à faixa etária, Nogueira (1969, p. 52), ao se referir à vida escolar de jovens, considera que a idade constitui a variável que melhor consegue indicar o fluxo de uma trajetória, no sentido de evidenciar sua fluência ou, ao contrário, seu caráter acidentado ou errático.

Ainda sobre a idade dos sujeitos, Pilon (1986) afirma, com base na teoria de Jean Piaget, não ser possível antes dos 14 anos a produção de relatos fidedignos e consistentes sobre o próprio comportamento, ao passo que a abordagem racional ao nível do consciente de aspectos afetivos e emocionais vinculados a experiências de vida demanda limiares de crescimento e desenvolvimento, ficando as percepções e significados no discurso conceitual só a partir do período das operações formais.

Pelas razões descritas e com a garantia de entrevistar sujeitos que até então não haviam experimentado o insucesso escolar, optamos por aqueles nascidos em 1992, o que, aliás, contribuiu para delimitar a amostra com mais precisão.

A escolha de estudantes do 1º ano do Ensino Médio e, especificamente, do período matutino levou em conta a tendência de todos os sujeitos pela continuidade dos estudos. Neste aspecto, a pesquisa de Franco & Novaes (2001) sobre as representações sociais dos jovens de ensino médio mostrou que o ingresso no ensino superior é uma expectativa significativamente mais presente entre os alunos que cursam o período diurno, como nossos entrevistados.

Quanto ao sexo, na pesquisa de campo foi notório o monopólio da prática de futebol pelos meninos. Ademais, verificamos, quando da revisão bibliográfica, que o futebol transita histórica e culturalmente pelo domínio do gênero masculino. Magnani (1998, p. 113), por exemplo, ao questionar moças e rapazes de classe baixa sobre as formas de diversão preferidas, obteve o resultado do futebol como primeira preferência dos homens, ao passo que no grupo de 62 moças não houve uma só intenção manifestada nesse sentido; o futebol aparece como modalidade de lazer exclusivo de rapazes.

Para Marcellino (2002, p. 86), um dos fatores "que contribui para a restrição da prática do futebol é o sexo, ficando praticamente restrito aos homens". O autor observa também que, no plano cultural do lazer, são poucas as atividades tidas como femininas, permanecendo vedada às mulheres a participação em certas manifestações, em decorrência de padrões estabelecidos. Somado a isso, o número de equipes profissionais de futebol masculino é infinitamente maior que do feminino, fato este que torna a busca da profissão futebolística quase restrita aos meninos.

No tocante à classe econômica, tomamos como referência os dados coletados por esta pesquisa e o Critério Brasil sobre Padrões de Vida do IBGE. Nossas suposições foram confirmadas no momento do tratamento dos dados, ou seja, os alunos do grupo da escola A pertencem às frações da classe média-baixa e baixa-alta; enquanto o grupo de alunos da escola B é pertencente às frações de classe alta-média e alta-alta.

Definidos os critérios, nosso universo foi construído pelo processo de amostragem aleatória simples, no qual a formatação dos instrumentos de coleta escolhidos, os prazos a serem cumpridos e os recursos disponíveis interferiram na determinação do tamanho da amostra.

Assim, formamos os grupos A, inicialmente composto por sete alunos, e B integrado por cinco estudantes. Mais tarde, quando do tratamento dos dados, fomos obrigados a deixar de considerar dois jovens do grupo A, pois seu comportamento ultra-retraído não permitiu identificar em seus discursos aspectos do interesse da pesquisa, embora por diversas vezes tivéssemos tentado elaborar as mesmas perguntas de diferentes maneiras.

Para efeito de coleta de dados, totalizamos 10 sujeitos participantes/entrevistados, que avaliamos como número satisfatório, com base em Nogueira (1969), que, ao se referir a pesquisas no campo sociológico, argumenta:

A preocupação com o problema da representatividade aumenta, na medida em que o pesquisador toma consciência da heterogeneidade social e cultural do grupo que vai investigar e, ao mesmo tempo, por motivos de ordem prática, sabe que terá de limitar sua investigação a uma amostra, constituída por um número reduzido de indivíduos. (NOGUEIRA, 1969, p. 86)

3.3 Instrumentos

Optamos pelas entrevistas (técnica verbal), por acreditar ser este o meio mais apropriado para o alcance de nossos objetivos, considerando ser o instrumento comumente usado nas pesquisas qualitativas sociais que incluam estudos relacionados às representações sociais.

A entrevista é a técnica mais adequada para a revelação de informação sobre assuntos complexos, emocionalmente carregados ou para verificar os sentimentos subjacentes a determinada opinião apresentada. (COOK *et al.*, 1967, p. 272)

Inicialmente, a entrevista foi preparada seguindo um roteiro determinado, contendo aproximadamente 60 questões abertas. Porém, na aplicação do teste das entrevistas pilotos, realizados com três estudantes de outras instituições de ensino, que se encaixavam no perfil apropriado-desejado; constatamos que a melhor opção para obter as informações de que necessitávamos eram entrevistas que respeitassem a organização mental do entrevistado, deixando-o com a maior liberdade possível para discorrer suas idéias. Por esse motivo, fizemos uso de entrevistas assistemáticas, com roteiro semi-estruturado, composto de perguntas abertas e fechadas, com referência em Cook *et al.* (1967), conscientes de que a análise dos dados coletados por meio de um instrumento com estas características é dificultosa, dispendiosa e comumente necessita da formulação de categorias de análise.

As perguntas fechadas buscaram obter informações sobre as características pessoais e o perfil socioeconômico (idade, casa própria, composição familiar, grau de instrução e ocupação dos pais, etc.), enquanto as perguntas abertas foram dirigidas para questões mais complexas, para revelar aspectos afetivos, carregados de valor, crenças e sentimentos nas respostas dos entrevistados, de forma espontânea, não forçada, específica e concreta. (COOK *et al.*, 1967)

Os relatórios desenvolvidos durante a observação participante foram decisivos e fundamentais no processo de elaboração do esquema e da lista de questões prévias, desde a pergunta desencadeadora, ponto de partida para o início da fala do entrevistado, até os comentários do entrevistador sobre os principais pontos do discurso, ou seja, as sínteses. (ALMEIDA, PRANDINI & SZYMANSKI, 2002)

Estruturamos as entrevistas segundo os eixos: caracterização dos pais quanto ao volume de capital cultural e econômico, investimentos educativos e acompanhamento escolar das famílias, plano profissional futuro em relação ao esporte, estudos e trabalho, usos e costumes no tempo livre, e representações do futebol na rotina dos jovens.

O planejamento das entrevistas obedeceu rigorosamente aos cuidados propostos por Nogueira (1969), buscando delimitar os objetivos a serem alcançados,

conhecer previamente os entrevistados, preparar o esquema das questões, agendar antecipadamente e criar uma situação discreta para as entrevistas.

Imprescindível é destacar o efeito positivo que tivemos quando da devolução das entrevistas aos alunos. Apresentamos a eles as transcrições das entrevistas, o que deu oportunidade à obtenção de modificações do discurso pelos próprios entrevistados e, conseqüentemente, à ampliação da compreensão e fidedignidade dos conteúdos. Este processo de devolução, orientado em Almeida, Prandini & Szymanski (2002), funcionou como apêndice do instrumento, devido à detecção nas falas dos entrevistados de pontos contraditórios, de elementos vagos e/ou duvidosos que foram checados.

3.4 A coleta de dados

O cronograma de trabalho foi estabelecido em comum acordo com os diretores das duas escolas, previamente informados sobre a pesquisa e seus objetivos mediante termo de compromisso,¹⁷ carta de intenção¹⁸ e roteiro de entrevista,¹⁹ encaminhada aos pais e responsáveis dos alunos, que autorizaram formalmente as entrevistas, dados que os alunos eram menores de idade.

Exceção feita aos dois já mencionados alunos da escola A, cujas entrevistas foram descartadas, não houve discrepâncias em relação ao comportamento dos 10 entrevistados que comprometessem o teor das informações.

Classificamos o comportamento dos entrevistados como "espontâneo", no caso daqueles que se sentiam muito à vontade para falar e invariavelmente comandavam a ordem da entrevista (geralmente mais longa), "controlado", no daqueles que aguardavam a especificação da questão para então opinarem de maneira fluente, e "retraído" quando limitavam as opiniões ao universo por eles vivido, normalmente por meio de respostas curtas e dependentes das questões formuladas. (LUDORF, 1995)

¹⁷ Apêndice A.

¹⁸ Apêndice B.

¹⁹ Apêndice C.

Sobre as regras gerais em pesquisa sociais, Nogueira (1969, p. 95) recomenda: "O investigador deve empenhar-se, desde o início, em conquistar a confiança, a simpatia e a boa vontade dos membros do grupo a ser investigado." Seguindo este caminho, promovemos a todo instante as entrevistas num clima cordial e informal, fugindo aos protocolos e oferecendo inclusive doces, salgados e bebidas no seu desenrolar.

Quanto ao tempo, as entrevistas tiveram em média a duração de 50 minutos (havendo extremos de 1h10, como máximo, e de 0h30, como mínimo). A presença do gravador despertava ansiedade, que logo nos primeiros cinco minutos se desfazia.

Entre a escola A e a escola B, foram dois os aspectos significativos que se distinguiram na operacionalização das entrevistas para a coleta de dados: o local e o momento das entrevistas.

Na escola A, efetivamos as entrevistas na sala onde os professores assinam o ponto. Raríssimas vezes fomos interrompidos, pois, com o devido consentimento da direção e do professor de Educação Física, as entrevistas se deram dentro do próprio horário escolar do aluno, tornando a sala um ambiente reservado. Estrategicamente, a totalidade dos alunos da escola A foi entrevistada em dias de chuva, em virtude de nestas condições a professora envolvê-los em atividades dentro de sala, que nitidamente despertavam pouca atenção dos mesmos. Objetivamos neste procedimento não contrariar o referencial metodológico de Almeida, Prandini & Szymanski (2002), Cook *et al.* (1967) e Nogueira (1969), sempre procurando situações favoráveis ao entrevistado e principalmente não interromper atividades de seu interesse, neste caso a participação nas aulas de Educação Física na quadra de esportes.

Na escola B, as entrevistas foram realizadas numa sala reservada e ampla próxima ao ginásio de esportes, sendo poucas vezes interrompidas. A coleta dos dados deu-se fora do horário de aula dos alunos, seguindo as determinações da direção da escola. As entrevistas foram agendadas pelos próprios entrevistados nos seus horários disponíveis, respeitando-se também os afazeres extra-escolares, tais como cursos de idiomas, artes ou esportes.

No papel de pesquisador-entrevistador, levamos em conta o fator mais freqüente que resulta no insucesso da entrevista: a dificuldade em se fazer compreender claramente pelo entrevistado. Assim, adotamos no desenvolvimento das

entrevistas as precauções sugeridas por Cook *et al.* (1967) e Nogueira (1969) e a condução proposta por Almeida, Prandini & Szymanski (2002), procedimentalmente disposta em aquecimento, questão desencadeadora, expressão de compreensão, sínteses e questões de esclarecimento, aprofundamento e focalizadoras.

Tomamos o cuidado de não criar expectativas nos membros de ambos os grupos que despertassem atitudes simuladas conscientes ou inconscientes para atender as nossas expectativas.

Ao término das entrevistas, atentávamos para colher informações adicionais que o entrevistado inclinava-se a oferecer. Nesta fase, tornou-se rotineiro da nossa parte provocar um bate-papo informal, supondo esta ser ocasião oportuna de informações consideradas triviais pelos entrevistados, o que de fato se consolidou, superando nossas expectativas — por exemplo, na afirmação de um dos estudantes da escola A sobre o comportamento do grupo durante as aulas: todos (alunos) estavam preocupados em jogar bem, por acreditar que estavam sendo avaliados por um "olheiro" de time grande.

3.5 O tratamento dos dados

Pode-se, dizer que desenvolver o senso sociológico é adquirir a capacidade de perceber o que é rotineiro, o que é usual, enfim, aquilo que a maioria deixa passar despercebido, quer por se ter tornado monótono e habitual quer por se haver relegado para a esfera das observações. (NOGUEIRA, 1969, p. 88)

Finalizada a pesquisa de campo, juntamos os relatórios da observação participante, as transcrições das entrevistas e os relatórios das devolutivas individuais, e nos deparamos com um problema similar ao de Magnani (1998): o material a ser estudado apresentava-se de forma fragmentária e redundante; necessitava, portanto ser normalizado e submetido a mecanismos mais finos de análise, para então transformar a matéria bruta em matéria-prima.

Neste estágio, optamos em primeiro lugar por editar as transcrições — tarefa inicialmente penosa e depois gratificante, em virtude de promover grande familiaridade com o seu teor. Por precaução, fizemos nova escuta das fitas e leitura

das transcrições, buscando verificar a ocorrência de algum equívoco, o que, por sinal, não ocorreu.

Em seguida, iniciamos a decodificação dos conteúdos, ainda de forma precária, destacando trechos considerados importantes e acrescentando ao lado palavras-chave. Nesta tarefa, cuidamos de evitar a superestimação de informações pitorescas e raras, atentando para os sentidos daquilo que se revelava ordinário e habitual no interior do discurso de cada um dos grupos pesquisados. (NOGUEIRA, 1969)

A lapidação dos dados deu-se pela árdua construção do quadro referencial para análise das entrevistas (QR), composto de 46 indicadores relacionados aos objetivos da pesquisa, que funcionou como uma espécie de mapa para identificação das discrepâncias dos hábitos e características dos grupos e dos fenômenos.

Finda esta etapa e com uma idéia abrangente e detalhada do conteúdo do material colhido, relemos os fichamentos e resenhas das obras utilizadas na construção dos Capítulos I e II, cruzando com os indicadores do QR, e começamos a delimitar linhas temáticas, retirando dos discursos argumentações aderentes aos objetivos da pesquisa.

Desta forma, partimos definitivamente para a análise dos dados, em que as linhas temáticas com as devidas adaptações e mudanças acabaram por se constituir nas categorias de análise.

Para termos controle sobre o material recolhido, numeramos as entrevistas com os alunos de ambos os grupos conforme a ordem de aplicação. Estabelecemos o código A1 a A5 para os entrevistados da escola A e B1 a B5 para os da escola B. Estes códigos são utilizados neste trabalho para identificar as citações das opiniões dos entrevistados.

CAPÍTULO IV: ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

4.1 O processo: o *corpus* teórico

O processo de construção e interpretação das categorias de análise foi permeado pelos conceitos, elaborados por Pierre Bourdieu, de campo, *habitus*, estratégia, capital econômico, social e cultural, que constituíram os pilares para a sustentação teórica da pesquisa e, ao mesmo tempo, serviram de fonte reveladora para a compreensão do comportamento dos sujeitos pesquisados. A estreita relação entre os conceitos apresentou uma lógica aparentemente simples. Mas, à medida que progredimos na investigação dos dados, paulatinamente apareceram a complexidade dos conceitos e a forma como se articulam. Diante deste cenário, dispomo-nos a seguir a interpretação que tivemos daqueles conceitos. Cabe lembrar que, no Capítulo II, já evidenciamos o conceito de campo, com base em Trigo (1998).

O *habitus* é um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer que leva indivíduos a agir de determinada forma em uma dada circunstância. Tais disposições são adquiridas pela interiorização das estruturas sociais, que, internalizadas daquela forma e naquela circunstância, se expressam como atitudes "naturais" (não-conscientes). Inclui os modos de perceber, julgar e valorizar o mundo e conforma corporal e materialmente a maneira de agir, designando simultaneamente os princípios de ação. O *habitus* é dotado de um senso prático, um sistema adquirido de preferências, classificações e percepções que induz a antecipar o futuro em conformidade com a experiência do presente e, portanto, não desejar o que, no grupo social, aparece como eminentemente pouco provável. (THIRY-CHERQUES, 2006)

A *estratégia* é um produto do senso prático de determinado jogo social que os indivíduos aprendem desde a infância. Bourdieu rompe com a idéia comum atribuída ao termo, ou seja, o sentido de ação planejada, e atribui à estratégia noção mais passiva do que na linguagem comum. (TRIGO, 1998)

O *capital econômico* compreende a riqueza material, o dinheiro, as ações, bens, patrimônio, trabalho, etc. Invariavelmente, potencializa a aquisição de capital

cultural e a reprodução do capital social que favorece a produção de ocasiões fortuitas (cruzeiros, esportes chiques, cerimônias, etc.).

O *capital cultural* compreende o estoque (acúmulo) de conhecimentos, geralmente herdados, da cultura superior (domínio da linguagem, escrita e atitudes culturais) correspondentes ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família (ambiente doméstico) e pelas instituições escolares, sendo constituído em três tipos de estados.

1) *Incorporado*: propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa, "pago" com aquilo que se tem de mais pessoal, seu tempo; algo que não pode ser transmitido instantaneamente e se revela em forma de disposição durável no organismo. (BOURDIEU, 2002)

2) *Objetivado*: caracteriza-se na forma e posse de bens culturais (quadros, livros, instrumentos, máquinas), passíveis de transmissão material, mas requer, para a sua apropriação, dispor pessoalmente de capital incorporado. (BOURDIEU, 2002)

3) *Institucionalizado*: sancionado por instituições, como títulos acadêmicos e diplomas. Certidão de competência cultural que confere ao portador o valor socialmente convencional. A valorização dada pelas instituições à cultura dominante permite a transferência legítima do capital cultural incorporado em capital institucionalizado (escolar). (NOGUEIRA, 2002)

O *capital social* corresponde ao conjunto de acessos e freqüências sociais que compreende a constituição, aparentemente desinteressada ou dissimulada, de uma rede de contatos permanente, útil e informal, promotora de lucros materiais e simbólicos. Essa rede influi no futuro profissional e na vida econômica dos indivíduos, sobretudo pelas "oportunidades" que dela "naturalmente" surgem. (BOURDIEU, 2002)

O entrelaçamento dos conceitos é facilmente notado. O campo é delimitado pelos valores e formas de capital (econômico, cultural ou social) que lhe dão sustentação, e a dinâmica interna de cada campo é regida por lutas entre os agentes, levadas a efeito em estratégias não conscientes fundadas no *habitus*. (THIRY-CHERQUES, 2006)

4.2 Categorias de análise

Surpreendeu a dificuldade que encontramos para a construção das categorias de análise. Creditamos isso à diversidade dos conteúdos e dos resultados obtidos na pesquisa, visto que, embora boa parte destes tenha confirmado nossas suposições, outros por ora se revelaram inimagináveis quando não contraditórios. Foi o caso, por exemplo, dos entrevistados B2 e B5, que aparentemente relatavam atitudes condizentes com o comportamento típico da classe popular; entretanto, com o tempo, identificamos ambos como pertencentes aos níveis mais altos da estratificação interna da classe socioeconômica A, motivo pelo qual pudemos compreender o diletantismo apresentado, inclusive pela família, em relação à dedicação nos estudos.

Diante desta complexidade, ordenamos e organizamos os resultados em seis categorias denominadas.

- A) Trajetória escolar: prosseguimento nos estudos e o trabalho.
- B) Trajetória esportiva: a carreira profissional no futebol.
- C) Representações sociais perante o futebol espetáculo.
- D) Dinâmicas no tempo livre: diversidade cultural e futebol não formal.
- E) Dinâmicas na educação física: sentidos da prática escolar esportiva.
- F) Implicações da herança cultural familiar.

Na interpretação das categorias, ocorreram três momentos distintos. O primeiro, relacionado às categorias A e B, que evidenciou a discrepância dos comportamentos, atitudes, valores e perspectivas entre os dois grupos estudados, revelando não só o fenômeno da diferença dos sentidos atribuídos à educação e ao trabalho, fato este já observado em outros estudos, mas também significativas diferenças em torno do desejo, atitudes e investimentos na carreira profissional futebolística, fato este que permanece carente de pesquisas, uma vez que é constatado na literatura da educação física a existência de uma lacuna a respeito do assunto.

O segundo momento liga-se às categorias C, D e E, as quais constituíram de forma conjunta indicadores para o entendimento do fenômeno. Parte destes indicadores apresentava aderência com duas ou até mais categorias. Notamos, por exemplo, que o papel da mídia foi um dos componentes que "flutuavam" sobre as

três categorias e, por esta razão, gerava algumas incertezas. Nesses casos, decidimos alocar os pontos "híbridos" em apenas uma categoria.

Quanto ao terceiro, a categoria F funcionou como mecanismo para explicação das discrepâncias levantadas entre os dois grupos. Resgatamos e utilizamos conceitos da teoria de Bourdieu que permitiram desvelar sentidos aos conteúdos dos dados, fundamentalmente os de *habitus*, capital econômico, social e cultural, este último nos estados *incorporado e institucionalizado*. (BOURDIEU, 2002)

No decorrer da análise de cada uma das categorias construídas, jamais perdemos de vista as condições socioeconômicas diferenciadas dos entrevistados, especialmente no tocante a ocupação e grau de instrução dos pais, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1
Ocupação e grau de instrução dos pais dos entrevistados

Entrevistado	Pai		Mãe	
	Ocupação	Nível de instrução	Ocupação	Nível de instrução
Grupo A				
A1	Servidor público	Superior incompleto	Do lar	Fundamental II
A2	Mecânico aposentado	Médio	Doméstica	Fundamental II incompleto
A3	Metalúrgico	Médio	Atendente de telemarketing	Médio
A4	Eletrônico	Fundamental II incompleto	Auxiliar de enfermagem e doméstica	Fundamental II
A5	Cabeleireiro	Médio	Manicure	Médio incompleto
Grupo B				
B1	Publicitário	Superior	Publicitária	Superior
B2	Empresário (industrial)	Médio	Administradora	Superior
B3	Empresário (construtor)	Médio	Advogada	Superior
B4	Advogado	Superior	Administradora	Superior
B5	Empresário (contador)	Superior	Psicóloga	Superior

O Quadro 1 revela diferenças significativas entre os grupos. Enquanto a totalidade dos pais da escola A não possui nível de instrução superior (apenas um curso Matemática em faculdade particular), oito dos 10 pais da escola B concluíram estudos em nível superior.

Em relação à principal ocupação, observa-se a concentração dos pais do grupo A em profissões ditas de manutenção (domésticas), atendimento ao público (telefonistas) ou que exigem realização de curso profissionalizante (cabeleireiro, mecânico, etc.). São dados similares aos resultados de Franco & Novaes (2001) sobre representações sociais do Ensino Médio por jovens de classe média. Já os pais do grupo B, sem exceções, dedicam-se a profissões que exigem diploma universitário ou ocupam cargos de direção igual ou superior ao nível de gerência.

Quando se considera que o capital cultural no estado institucionalizado é a certidão de competência cultural que confere a seu portador um valor convencional e juridicamente garantido, mediante a aquisição de diplomas (BOURDIEU, 2002), o Quadro 1 indica que as famílias do grupo B possuem grande acúmulo desse capital, diferentemente das famílias do grupo A — o que revela automaticamente o desnível de capital econômico e social entre os grupos, bem como o pertencimento a diferentes classes socioeconômicas.

Sabe-se que, em geral, controlando a categoria sócio-profissional, controla-se igualmente a renda econômica, o status social, os níveis de instrução que se movem, na maioria dos casos no mesmo sentido. (DUMAZEDIER, 1979, p. 133)

4.2.1 Trajetória escolar: o prosseguimento dos estudos e o trabalho

Na comparação entre os grupos A e B, notamos diferenças significativas em relação aos planos futuros relacionados a continuidade ou prosseguimento dos estudos, bem como dos anseios de preparação para o ingresso no mercado de trabalho, incluindo neste o campo da prática esportiva profissionalizada. Neste aspecto os dados permitiram identificar três pontos principais de diferenças.

- *Primeiro ponto*

Grupo A	Grupo B
Dúvida, insegurança e instabilidade relacionada à formação profissional futura, aliada a ausência de plano em longo prazo	Clareza sobre a profissão que se deseja seguir ou das estratégias a utilizar na busca de alguma profissão

Foram constantes, entre os entrevistados do grupo A, as demonstrações de insegurança quando questionados sobre planos e pretensões profissionais futuras. Esta, aliás, foi — felizmente — a pergunta desencadeadora das entrevistas.

— *Eu até penso em fazer [curso superior], mas eu acho que assim [...] eu pretendo mais [...] eu acho que é trabalhar, mesmo primeiro. Depois talvez eu até procure fazer uma faculdade.* (A3, p. 1)

A indecisão entre prosseguir nos estudos ou se dedicar ao trabalho sempre esteve presente nos discursos do grupo A, como mostram os próximos depoimentos.

—... *pretendo fazer uns cursos primeiro, daí depois ver uma faculdade, pra ver se eu gosto de alguma pra fazer. Eu penso, assim, mais, tipo em trabalhar, não numa empresa. Trabalhar em alguma coisa, tipo menor... pra conseguir um dinheiro, né, aí poder pagar uma faculdade. Aí sim ia conseguir um emprego, eu acho que um cargo mais alto.* (A4, p. 3)

— *Ainda não. Não tenho nada em mente. Seria mais pro estudo mesmo, porque pra trabalhar ainda é meio cedo também. Mas se pintar alguma coisa também, eu tô interessado, né? Eu acho que não vou fazer faculdade não, porque eu não gosto.* (A5, p. 2)

— *Ainda não tenho noção do que eu quero. Tenho que fazer inglês, porque eu acho que sem inglês é difícil de arrumar emprego. Fazer algum curso fora da escola, também. Tipo Senai ou ETE.²⁰ Eu acho que, no futuro, eu quero fazer faculdade, não sei de que ainda, mas quero fazer.* (A2, p. 1)

Em contrapartida, os entrevistados da escola B apresentaram estratégias e planos bem claros acerca da formação profissional.

²⁰ Instituições de ensino que oferecem cursos profissionalizantes em diversas áreas.

— *Penso pro futuro que eu preciso terminar minha escola, terminar o terceiro ano ir pra faculdade, pensar um pouco sobre a faculdade que eu quero fazer, mas por enquanto eu quero fazer arquitetura.* (B3, p. 1)

— *Faculdade eu tenho muita certeza do que vou fazer. Gosto de direito, só que o problema é que eu não gosto de ler. Eu odeio ler. Mas o que me ajuda também é que minha mãe falou que meu pai, quando ele fez direito, ele ganhou gosto pela leitura fazendo direito.* (B4, p. 2)

É possível, portanto, atribuir ao comportamento oscilante e inseguro do grupo A e ao comportamento claro e conciso do grupo B as disposições negativas no tocante à escola que levam a maioria das crianças das classes e frações de classe mais desfavorecidas culturalmente à auto-eliminação, vistas por Bourdieu (1999, p. 310) como uma "antecipação fundada na estimativa inconsciente das probabilidades objetivas de êxito viáveis para o conjunto da categoria social, sanções que a escola reserva objetivamente as classes ou frações de classe desprovida de capital cultural".

A adoção de estratégias ou o detalhamento de planos foi outro ponto ausente observado nas falas do grupo A. Notamos também que os alunos deste grupo pouco ou nada discutem o assunto dentro de casa, visto a "precária" orientação recebida pelos pais.

— *Eles [pais] apóiam tal, mas eles falam que eu tenho que estudar. Mesmo se eu não fizer faculdade, mas eu tenho que terminar o terceiro colegial, o ensino médio pelo menos.* (A1, p.9)

O oposto foi verificado nos entrevistados do grupo B.

— *Minha família tem possibilidade de pagar uma faculdade particular, mas lógico que uma federal, uma do estado é melhor, né? Mas tem que ver também a localidade [...] se vou estar trabalhando. Se for pra escolher pública sem trabalhar, prefiro particular trabalhando. O lugar ainda não penso, mas o curso já esta meio que decidido.* (B5, p. 21)

Bourdieu (1999) afirma que as famílias investem esforços para transmitir o legado de capital cultural para as próximas gerações e que, entre outros fatos, as leis do mercado escolar determinam o grau em que tais aspirações podem ser atingidas. Isso explica que o motivo da adoção de estratégias diferentes entre os grupos resulta dos investimentos em educação estarem integrados ao sistema de reprodução social. Esta hipótese é reforçada na medida em que a hierarquia das estruturas de ensino estabelece uma relação homóloga com a hierarquia social, contribuindo para persuadir aqueles que não se sentem feitos para a escola. (BOURDIEU, 2002)

• *Segundo ponto*

Para Nogueira (2002), nas últimas décadas tornou-se comum no Brasil, inclusive entre pesquisadores, a teoria da constituição de duas formas de trajetória escolar. Uma é comumente conhecida por "circuito virtuoso" e se caracteriza pela freqüência a escolas particulares, no nível da educação básica, seguidas de Ensino Superior em instituições públicas para os favorecidos. A outra é o "circuito vicioso", com freqüência a escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio, seguida de ingresso em instituições particulares de Ensino Superior para os desfavorecidos. Neste cenário, Franco & Novaes (2001) acrescentam que os jovens desprovidos dos mecanismos "clientelistas" para inserção no mercado de trabalho ou impossibilitados de arcar com o ônus da busca de alternativas ligadas ao desenvolvimento profissional autônomo de qualidade depositam na escola e na educação a única esperança de conseguir um status social mais reconhecido e empregos mais qualificados. "Os estudantes trabalhadores ou em busca de emprego desenvolvem a representação de que a escola esta diretamente relacionada à possibilidade de ascensão social de ser alguém na vida ou ter um futuro melhor." (FRANCO & NOVAES, 2001, p. 11)

A este respeito, caracterizamos as atitudes comuns entre os grupos de duas maneiras.

Grupo A	Grupo B
Supressão do desejo de ingressar no ensino superior pela necessidade imediata de ingressar no mercado de trabalho em busca de complementação da renda familiar	Planos concretos para continuação dos estudos. Sem pressa para começar a trabalhar. Desejo de iniciar atividade profissional remunerada por razões diversas, não econômicas

Os próximos relatos dos alunos do grupo A, embora tenham mencionado o desejo de cursar faculdade, mostram a importância de iniciar atividade profissional

remunerada imediatamente após a conclusão do Ensino Médio, ou mesmo durante a realização deste. Notam-se nos depoimentos peculiaridades de estratégias pessoais para aumentar as chances de conseguir emprego.

— *Eu pretendo assim: terminar até o segundo grau, né? Aí depois eu vou ver se arranjo um emprego, aí depois eu tento fazer uma faculdade. Talvez eu até vá tentar fazer alguns testes pra entrar num camping,²¹ [...], tipo uma preparação pro emprego. (A3, p. 10)*

— *Porque quando eu for arrumar emprego, se eu tiver isso em meu currículo [diploma de curso profissionalizante], eu acho que vai ser mais fácil pra mim, vai dar uma certa vantagem, assim, na frente dos outros. Já vou fazendo o que eu acho que pode me ajudar lá na frente. Aí depois, quando tiver mais noção eu já faço o que eu tenho certeza que vai me ajudar. (A2, p. 2)*

— *Meu pai e minha mãe falam pra mim ir atrás de trabalho..., e curso, né? Porque, também não dá pra ficar sem fazer nada em casa. Tô querendo dinheiro e quero ajudar nas contas lá de casa. (A4, p. 4)*

Os alunos do grupo B também manifestaram interesse em começar a trabalhar, porém seus depoimentos revelam que este interesse não desponta da necessidade de complementar a renda familiar. Esse comportamento não causou estranheza, pois pesquisa anterior (NOGUEIRA, 2002) revelou que 68% dos filhos de empresários buscam conciliar os estudos com o exercício de atividades profissionais remuneradas. A autora credita estes resultados ao ceticismo dos pais quanto à capacidade da escola para garantir ao filho uma situação social que promova retorno no sentido financeiro.

— *Eu queria começar a trabalhar desde agora. Ter meu próprio dinheiro, mas continuar estudando, sem dúvida continuar estudando. Minha mãe acha que é bom trabalhar. Engrandece as pessoas. Ela falou que também não posso deixar de estudar, isso é uma coisa muito importante hoje em dia. Sem faculdade, hoje em dia, ninguém arruma emprego. (B3, p. 12)*

²¹ Programa público de orientação e capacitação de menores para o primeiro emprego.

—... antes de entrar na faculdade, espero que eu já esteja trabalhando, porque pra ser piloto você tem de fazer uma escola de piloto privado. Quando você termina, você já começa a trabalhar, ou seja, quando terminar vou estar fazendo a faculdade ainda. (B4, p. 2)

—... eu quero acabar, entrar direto em contabilidade e fazer simultaneamente música, faculdade de música. Ai tem que ver o que é melhor. Se for melhor eu trabalhar, fazer contabilidade e depois fazer música ou deixar de trabalhar e fazer duas faculdades. Não quero trabalhar com música, só que não dá pra largar, né? (B5, p. 20)

Na estrutura do discurso do grupo B, ficou nítida a forma concreta de projeção da continuidade dos estudos, inclusive clareza quanto à instituição que mais interessa ou convém.

— A USP, mas tem outras, Mackenzie, por exemplo, mas a principal é a USP. Acho que vou fazer um cursinho depois do terceiro ano e pegar firme, aí eu presto vestibular. Não tenho pressa. Tenho pressa de fazer 18 anos e pegar o carro, tirar carta... De resto, não tenho pressa, não. (B3, p. 12)

— Agora o pessoal do mercado esta requerendo que você tenha até o nome da faculdade. Eu queria fazer USP, só que do jeito que eu me empenho, não dá. Na escola, todo trimestre tem o simulado, eu faço umas vinte questões de teste e o resto eu já chuto porque não agüento mais. (B4, p. 18)

No discurso dos alunos da escola B, também chamou atenção a reduzida importância atribuída à dedicação aos estudos. A esse respeito, observa-se que

boa parte dos jovens privilegiados do ponto de vista econômico parece se inserir, com mais intensidade no mundo do trabalho do que no da escola. Tudo isso contribui para que desenvolvam um certo desinteresse pelos estudos e uma relação com o conhecimento escolar de tipo "utilitarista". (NOGUEIRA, 2002, p. 63)

Vejamos como se torna explicito esta tendência nos alunos da escola B.

—... *eu sou meio relaxado nesse negócio de escola. Tento fazer o essencial, estar na média. Minha mãe sempre falou para eu não fazer isso, meio que briga comigo, fica falando para eu tirar dez. Eu sempre falei pra ela que não sou assim, né? Não sou de estudar, não sou estudioso.* (B3, p. 4)

— *Eu vou bem na escola, não me esforço, não fico fazendo lição, mas chega na prova eu sei. Fico lá no básico e vou empurrando. Minha mãe reclama, mas meu pai quer saber mesmo é do boletim final.* (B5, p. 1)

Segundo Brandão & Lellis (2003), estas deficiências, quando apresentadas por filhos de famílias possuidoras de grande capital cultural, são compensadas pelo acesso aos mais variados materiais culturais e didáticos fora da escola, e eles raramente repetem o ano, graças a estratégias preventivas acionadas pelas famílias. Outro fato interessante e também antecipado por Nogueira (2002) é o caso de jovens de alta classe social (normalmente masculinos) começarem como *office boys* e sucessivamente irem passando pelos setores da empresa, sob a argumentação de conhecer o funcionamento geral da mesma. Neste rumo, também foi constatada a valorização de ações "práticas" voltadas ao mundo do trabalho, em detrimento de ações dirigidas para a vida acadêmica, quando os estudantes foram questionados sobre o que mais importava os estudos ou o trabalho.

—... *porque acho que faculdade é meio que na teoria. Você aprende mesmo com a mão na massa. Não penso em trabalhar e fazer faculdade por causa do dinheiro assim [...] mais por já ir tendo experiência, e quando acabar a faculdade, pela experiência que já vou ter, acho que já vou estar na frente de muita gente, né?* (B5, p. 21)

—... *eu acho que tem tempo ainda, sabe? Por mais que tá todo mundo sabendo, tá todo mundo falando "ah, eu quero ser isso eu quero ser aquilo." Eu quero ver, tipo, ter certeza se é isso que eu vou querer. Também quero ajudar o meu pai na firma, quero ter o meu dinheiro.* (B2, p. 13)

Mesmo não sendo esse o objetivo da presente pesquisa, vale destacar que a subvalorização dos estudos entre os alunos do grupo B foi marcante entre aqueles cujos pais eram empresários industriais ou comerciantes. Tais atitudes aderem-se diretamente ao pensamento de Bourdieu:

As frações mais ricas em capital cultural são propensas a investir mais na educação de seus filhos e, ao mesmo tempo em práticas culturais propícias a manter e aumentar sua raridade específica. As frações mais ricas em capital econômico dão primazia aos investimentos econômicos em lugar de investimentos culturais e educativos, atitude bem mais freqüente no caso dos empresários industriais e grandes comerciantes... (BOURDIEU, 1999, p. 324)

• *Terceiro ponto*

Grupo A	Grupo B
Valorizam os estudos, mas buscam concretamente oportunidades no esporte como via de ascensão social e revelam dúvidas em torno da melhor estratégia de trajetória profissional, esportiva ou acadêmica	Têm ou tiveram vontade de jogar futebol profissionalmente, mas descartam este plano em virtude da improbabilidade e alto risco de concretização. Consideram o estudo a trajetória mais salutar para garantir o futuro profissional

Quando questionamos os alunos sobre a tarefa de decidir entre investir na carreira escolar ou na esportiva, caso esta se apresentasse como oportunidade real, obtivemos imensa riqueza nos depoimentos. Constatamos que ambos os grupos consideram altamente arriscado investir na carreira esportiva futebolística e depositam no prolongamento dos estudos a alternativa mais viável para um futuro promissor.

—... eu decidiria estudar, porque se eu passar no teste, e eu escolher pelo futebol e, sei lá, às vezes não dá certo, né? Aí eu fico sem estudo e sem o futebol. Mais importante é estudar, porque vai que depois na frente o futebol não dá certo. Aí vou ficar de mão vazia, sem fazer nada. (A4, p. 11)

—... eu acho que futebol é uma carreira curta, né? Você nunca sabe, tipo... Você tá jogando, é idolatrado, se não joga bem, você já é um nada, sai do time, aí você não tem nada pra fazer, porque não tem estudo, não tem nada. (A5, p. 13)

— *Não vale a pena. Você pode ter muito talento, mas pra pessoa [empresário] que for te pegar, você não joga nada. Se você abandona os estudos, vai ter que começar do zero, você não estudou, não sabe nada, não joga bola, ninguém te quer, não vale a pena, melhor continuar estudando.* (A2, p. 17)

Mais adiante, veremos a contradição entre a verbalização dos depoimentos dos alunos do grupo A e as atitudes e comportamentos que adotam.

Um dos entrevistados complementa o discurso, acrescentando fatos ocorridos com familiares que arriscaram a vida no futebol profissional e que oportunamente o aconselham.

— *Eles [primos] sempre falaram que, como se dedicaram só ao futebol, aí eles não tiveram muito estudo, assim... Eles fizeram até o Ensino Médio. Só que eles só pensavam em futebol o dia inteiro. Aí foi que não deu certo. Aí eles falam pra mim: "Se você for jogar, é pra jogar sério, mas também estude, porque depois você vai ficar igual à gente."* (A2, p. 10)

Os entrevistados do grupo B manifestaram opiniões semelhantes, quando abordaram os riscos em optar pela carreira esportiva em detrimento da escolar.

— *Mas acho, tipo, quem não consegue [sucesso no futebol] é tipo perda de tempo, sabe? Você tentou futebol, futebol, futebol e não conseguiu. Ficou tudo um tempão fora da escola, sabe? Você perdeu tempo.* (B2, p. 17)

— *É que futebol são um em um milhão. É um em um milhão que sai para jogar na equipe principal, né? Que são muitos que jogam, muitos. Aí pra você se destacar, você tem que ser bom pra caramba, mesmo. Pessoas que estudam e conseguem muito dinheiro no futebol são raridade, né? É difícil uma pessoa chegar e conseguir tanto sucesso sem ter estudado.* (B5, p. 16)

— *A gente já conversou sobre isso mais ou menos. Eles [pais] falaram: "Se você for morar em outro lugar, primeiro tem que estar estudando, ter*

um lugar pra morar e treinar direito. Treinar e estudar. Principalmente estudar!" (B1, p. 3)

Relacionando as probabilidades de sucesso por intermédio do prosseguimento dos estudos ou pela carreira esportiva, é preciso levar em conta que "as classes dominantes dispõem de um capital cultural mais desenvolvido que as demais classes [...] e seus investimentos escolares não podem deixar de ser altamente rentáveis". (BOURDIEU, 1999, p. 312)

4.2.2. Trajetória esportiva: a carreira profissional no futebol

Os dados colhidos confirmaram a hipótese de que indivíduos provenientes da classe baixa ou média tendem a investir esforços em busca de projeção profissional por meio do esporte. O desejo pela carreira profissional no futebol foi revelada pelos entrevistados na mesma proporção das milhares de crianças que afirmam "Quero ser jogador de futebol!".

Apenas o entrevistado B3 afirmou nunca haver sonhado em jogar futebol profissional. Neste aspecto, a principal diferença foi observada nos entrevistados da escola B, que tiveram esse desejo no passado, mas no presente descartam por completo a possibilidade de planejar uma carreira profissional no esporte.

— Acho que toda criança já pensou em jogar futebol, eu pensava, mas, tipo, pelo fato de agora eu querer ser piloto é uma... É uma influência maior do que jogador de futebol. Porque jogador de futebol é aquela coisa, tem que ter preparo físico também. (B4, p. 9)

— Ou você estuda e fica com uma carta na manga, ou torce pra dar certo no futebol, porque se não der certo também, se você não tem estudo, você não vai ser nada na vida. O que o cara faz da vida dele? Não quero ser jogador, isso pra mim já era! (B5, p. 17)

— *Sabe, você vê aqueles moleques com dom que jogam muito. Luta, luta, luta, tipo, tenta e não consegue, sabe, chegar lá. Então aí eu não tenho muito isso em mente. Exatamente por isso... Tipo que eu acho assim, que não é pra minha praia mesmo, não.* (B2, p. 6)

Por outro lado, os alunos da escola A sustentam a esperança na busca de oportunidades no futebol e, questionados sobre a validade de arriscar na carreira esportiva, a dúvida ficou evidente, como neste caso:

—... *eu acho que eu pensaria um pouco, assim pra ver... Analisaria também a questão, mas eu acho que talvez ia jogar sim, porque eu gosto também.* (A3, p. 14)

Outros também manifestaram a mesma dúvida:

— *O ideal era não parar de estudar e ir pro futebol também. Mas... Mas, se for pra escolher um dos dois, eu não sei o que eu faria, não. Aí, tinha que pensar bastante.* (A5, p. 12)

— *O meu desejo seria ir pro futebol. Porque que nem se eu começasse no futebol e não me desse bem, aí eu tenho certeza que eu podia fazer uma faculdade depois disso, mas eu sei que gosto de futebol. Meu pai sempre cobra, fala que o princípio mais importante é o estudo, aí depois é futebol, vamos dizer: o bom da vida.* (A1, p. 5)

Encontramos sentido nas atitudes do grupo A, partindo dos pressupostos de Gonçalves (2004b, p. 187), que caracteriza o Brasil como um país detentor de enormes desigualdades sociais, onde o futebol tem se apresentado como "uma forma única de ascensão social e independência financeira, sobretudo para aqueles jovens que tem limitadas as suas possibilidades de acesso a uma educação de qualidade".

Outro importante indicador: nenhum dos participantes do grupo B apresentou ações concretas para se tornar jogador de futebol. O contrário foi observado nos integrantes de A (exceto A5), que, com frequência, mencionaram planos de realizar testes de seleção, visando o ingresso em clubes profissionais.

—... eu ia jogar no começo do ano lá no São Caetano. Só que eu tinha de ver direito o que eu ia fazer esse ano. Estava esperando o São Caetano pra ver quando que ia ter peneira.²² Eu liguei, eles falaram que tinha acontecido uma semana atrás. Aí não deu para eu ir. Ia tentar no Santo André também, só que desisti. No São Paulo, talvez. (A3, p. 5)

— Meu pai fala pra eu não faltar em nenhum jogo, porque é importante pra mim. Ir atrás de testes assim. Eu tinha um teste pra fazer no [...] Guarani e tem um pra fazer no São Paulo, mas [...] eu não sei quando que vai começar. Eu falo assim de parar de jogar bola [...] aí eles [pais] falam que não é pra eu parar, porque é bom pra mim. (A4, p. 4)

No depoimento acima, o aluno confirmou o desejo de parar de jogar futebol, mas a família insiste que continue a praticar e fazer testes em clubes profissionais. A nosso ver, isso configura uma violência simbólica dos pais sobre o próprio filho, uma vez que o jovem já percebeu não reunir qualidades (físicas e técnicas) para tal. Esse fato não se manifestou entre os alunos do grupo B, em que houve uma única menção à realização de testes.

— Quanto à profissionalização, eles [pais] preferem até que eu não seja, por exemplo, se eu quiser fazer teste em algum time, eles me apóiam totalmente, mas o fato de eu querer ser profissional para eles tanto faz. Pra eles, eu tenho de fazer esporte independente de qualquer coisa. (B4, p. 9)

Vale mencionar que os jovens pertencentes às classes mais abastadas afirmam a presença (na infância, pelo menos) do desejo de se tornarem "estrelas" do esporte, desejo este suprimido no decorrer da adolescência e juventude. Isso permite supor a existência, sob outra aparência, da violência simbólica também sobre o grupo B. Timidamente, Ludorf (1995) sustenta esta suposição, ao verificar que 37% dos 43 alunos das classes média e alta por ela pesquisados no Rio de Janeiro contradiziam as expectativas dos pais, declarando a pretensão de seguir

²² Processo de seleção tradicionalmente promovido pelos clubes para detecção e seleção de candidatos donos de talento esportivo.

carreira de atleta. Um problema ainda inexplorado que merece atenção da comunidade acadêmica.

Outro aspecto diferencial nos discursos foi quando questionados sobre o panorama geral da trajetória para se tornar jogador de futebol. Surgiram repetidamente nas falas dos alunos da escola A as figuras do empresário, do procurador ou do "olheiro",²³ que descobrem talentos e intermedeiam comercialmente com equipes profissionais.

— *Meu primo é procurador de alguns jogadores. Ele sempre trabalha lá no prédio, conhece bastante gente lá. Ele tá arrumando pra me mandar pro Santos, pra fazer peneira. Só tô esperando a resposta do meu primo. É ele falar, aí eu vou.* (A1, p. 3)

— *Se tivesse oportunidade de jogar em time "pequeno", jogaria, sim. É pequeno, mas vai crescer ainda, né? Alguém vai ver o meu futebol. Tem o Dódi, que para mim joga mal pra caramba, e tá jogando no Honda, lá, como goleiro. Eu queria ter um empresário daquele.* (A2, p. 18)

Ao mesmo tempo em que reconhecem a "importância" do empresário ou do procurador, deixam clara sua desconfiança a respeito desses profissionais e do sistema comercial do futebol.

— *Esse negócio do futebol é muito competitivo e também é muita malandragem, assim, os caras [empresários] põe sabe quem é mais próximo, entendeu? Porque tem as "ligação" deles [empresários] lá. Tem os trambiques deles lá. Poucos é que saem lá de baixo, assim, bem de baixo, tipo o Robinho, o Pelé, que era de uma família bem humilde. Mas muitos [atletas] já têm ligação já com time, aí eles se destacam um pouco assim... Aí é fácil de eles entrarem lá.* (A5, p.10)

Do grupo B, apenas um dos entrevistados comentou a atuação de empresários do futebol, relatando a forma como foi ocasionalmente abordado.

²³ Pessoa que se dedica a observar esportistas aleatoriamente, com o propósito de tornar-se procurador e "detentor" de algum atleta.

—... *uma vez, eu tava jogando bola lá no Clube Mesc, né? Aí o cara [representante] do São Caetano chegou e falou: "Hei, porque você não faz teste lá? A gente queria alguém que nem você que tem físico", e tal, né? Aí ligaram lá em casa, eu recusei, né? Porque eu prefiro o handebol. Aí eu: "Ah! Não rola!"* (B1, p. 15)

A importância do biótipo, fator fundamental nos processos de detecção de talentos e indicador de potencial atlético, foi relegada por todos os entrevistados. Isso causou estranheza, em virtude da enorme produção científica que confirma a importância do biótipo para atletas de futebol. São informações que à primeira vista circulam restritamente entre especialistas da área, mas hoje são alvo de comentários nas transmissões televisivas.

Neste sentido, os integrantes do grupo A, sem exceção, revelaram como determinantes para a obtenção de sucesso e a inserção no mundo profissional do futebol a humildade e principalmente o empenho, ou seja, a dedicação do atleta, aliás, demonstrada pelo próprio grupo nas aulas de Educação Física.

— *Pra ser jogador hoje em dia você não precisa ser bom. Só ter força de vontade, se você treinar, fazer físico, esses negócios, você consegue. Qualquer um tem a possibilidade de conseguir, só tendo o contato, vamos dizer assim. Se eu ficar famoso um dia, eu vou continuar sendo a mesma pessoa que sou.* (A1, p. 7)

— *Tem que ter bastante empenho dele [atleta], né? Mas tem que procurar ver se ele consegue sempre ficar melhor, melhorando cada dia pra ver se ele consegue chegar na altura [nível técnico] dos outros, pra poder ir pra outros times, e ficar sempre lá em cima [no auge].* (A3, p. 13)

— *Tem que ter um pouco de talento e se dedicar bastante, acho que o mais importante é se dedicar totalmente, porque é igual eu falei, alguns não conseguem chegar, porque talvez tem algum problema de família, ajudar em casa. Força de vontade, ééé... Acho que eles procuram se espelhar em algum jogador que veio da mesma origem que eles.* (A2, p. 18)

Para este comportamento tão comum do grupo A, Gonçalves (2004a, p. 143) interpreta a busca do estrelato no esporte pelos jovens atletas no significado maior de oportunidade de ascensão social, "uma vez que com dedicação e técnica muitos acreditam poder alcançar a fama".

Com os sujeitos da escola B, a determinação ou empenho foi insignificante nos discursos. Curiosamente, "confessaram" encontrar dificuldades em adotar comportamentos que primam pela perseverança e dedicação.

— Jogava muito tênis, cheguei a ser federado e a jogar bem, mas aí eu parei. Na época, estava mudando de escola e às vezes dava uma preguiça, nos finais de semana. Não lembro direito por que eu parei. Também joguei baseball, parei também por causa disso. Todo final de semana tinha que treinar em Suzano. Sou meio preguiçoso, mas eu não me arrependo de ter parado. (B3, p. 14)

—... não gosto que o preparador físico pega pesado demais. Só que aí eu tive um problema no joelho e parei de fazer parte de time, agora só jogo. Aí eu tô jogando como lazer, porque profissionalmente eu vi que não vai adiantar. A idéia de ser profissional não era muito forte, aí com isso já foi enfraquecendo. (B4, p. 6)

Se, de um lado, o grupo A credita a carreira futebolística ao empenho e à dedicação do atleta, o grupo B, quase que de forma unânime, atribuiu o sucesso ao "dom", como virtude natural à prática do futebol, como nestes comentários sobre Cristiano Ronaldo, ídolo esportivo do entrevistado.

— Uma grande influência que eu acho que é o dom que ele tem. Sabe, muito rápido. Facilidade em driblar. Dom em jogo, essas coisas assim. Eu acho que o dom conta bem mais. Mas também se tiver dom e não tiver os outros requisitos, não adianta nada. Dá na mesma. (B2, p. 14)

— Primeiro, nascer sabendo jogar bola. Não adianta você treinar, treinar, que você não vai ficar igual a ele. O cara joga muito desde pequeno.

Segundo, que ele tem dedicação. Ah, ele nasceu pra isso, né? Não tem jeito. (B3, p. 13)

— Bem, acho que quando um cara nasce pra jogar bola, nasce pra jogar bola e pronto. Tem o Lulinha,²⁴ que é jogador do Corinthians, nunca tinha treinado. Ele passou no teste e está aí, hoje, né? Às vezes, o cara nem pensa em ser jogador de futebol, e estoura. Então, é saber jogar ou não jogar. (B5, p. 19)

A respeito do "dom" como atributo de sucesso no futebol, verificamos na análise sociológica desenvolvida por Rodrigues (2004) sobre produção social, envolvendo atletas em período de formação do S. C. Internacional de Porto Alegre (RS), que 50% dos atletas crêem ser predestinados a jogar futebol. Este fato valeu a reflexão questionadora do autor:²⁵

[...] pode-se cogitar que o dom indica atributos naturais para esta atividade, bem como eventual existência de uma "vocação" para o futebol. Este tem um valor em si, é uma causa, uma fonte de realização. Neste sentido seria conveniente traçar um paralelo, entre a vocação para o futebol (do jovem brasileiro) e a vocação do jovem cientista na Alemanha e nos Estados Unidos. (RODRIGUES, 2004, p. 14)

Embora empenho, humildade, dedicação ou dom tenham sido verbalizados na opinião dos entrevistados como fatores determinantes do ingresso no mundo do futebol profissional, foi possível notar com regularidade nos discursos de ambos os grupos a crença de que a condição socioeconômica do indivíduo também funciona como determinante na opção pela trajetória esportiva profissional.

A idéia projetada no esporte como possibilidade de ascensão social mostrou-se evidente nos depoimentos dos alunos da escola A, deflagrando o típico comportamento da classe baixa, que, entre outras atitudes, busca utilizar estratégias que combinam escassez de rendimentos com satisfação de determinadas

²⁴ Ver anexo A.

²⁵ A reflexão de Rodrigues (2004) é baseada na obra de Weber (1968), que aponta intuição e inspiração como fatores determinantes na vocação de jovens alemães para o exercício da pesquisa (ciência). O autor reconhece a interferência do "dom", mas, ao mesmo tempo, rompe com a idéia de que a vocação seja algo "natural", quando afirma que trabalho e paixão (juntos) são responsáveis pelo surgimento da inspiração, tão importante em ciência, quanto em arte. Ver mais em Weber (1968).

necessidades hierarquicamente²⁶ definidas. Nesse sentido, Bourdieu (1983), ao se referir à carreira esportiva, percebe-a como via de ascensão social para crianças das classes dominadas e, não obstante, como um tipo de trajetória profissional praticamente inadmissível para filhos burgueses.

Feitosa, Góis Jr. & Matumoto (2004), como categoria mais presente na análise de discurso de crianças entre 9 e 11 anos de idade, da categoria de base do Corinthians, obtiveram a ascensão social. Em geral, as crianças discursam sobre a possibilidade de ter dinheiro, automóvel e mulheres, admiram nos jogadores as habilidades técnicas, criticam a falta de humildade e encaram com tranqüilidade o fato de não conseguirem a profissionalização.

Finalizando este tópico, elencamos a seguir depoimentos que fluíram espontaneamente durante as entrevistas e que permitiram identificar a importância da carreira futebolística para jovens de baixa renda, quando questionados sobre os motivos de querer ser jogador de futebol.

— *Pra ter um futuro melhor. Se eu não conseguir um [...] sei lá, fazer uma faculdade, não sei, aí futebol é [...] bom, eu acho que é a grande chance.*
(A4, p. 6)

Em outro trecho da entrevista, o mesmo entrevistado afirma:

— *Cansa também jogar bola, né? Mas tem coisas boas, porque ele [jogador] vai ser conhecido, vai ter dinheiro, vai ter tudo. Todo mundo joga futebol por quê? Porque gosta de dinheiro também, né?* (A4, p. 9)

Encontramos semelhanças nos depoimentos de A1 e A5, os quais justificam, respectivamente, por que pretende fazer teste no Santos Futebol Clube e por qual razão gosta tanto de jogar futebol.

— *Ah, eu iria me esforçar ao máximo pra mostrar pra pessoa que eu consigo. Ia ajudar a maioria da minha família. Porque tem gente da minha*

²⁶ Termo utilizado em referência à teoria das hierarquias das necessidades de Maslow. Ver Maslow (1968).

família que não tem muita base ainda. Eu ia ajudar eles que é o principal.
(A1, p. 12)

— *Todo menino que nasce, a primeira coisa que o pai dá é uma bola. Aí ele sempre vai querer esta lá em cima. Tem o gosto de jogar futebol. Aí, tem o dinheiro e a fama também. Dinheiro principalmente, que é o que o pai e a mãe quer.* (A5, p. 14)

Registramos o relato de B5, a respeito de um conhecido que não é sujeito da nossa amostra, pois o teor do depoimento justifica a inclusão.

— *Conheço um amigo, que joga no São Caetano, às vezes no profissional, que tá engatinhando²⁷ ainda. Ele fala que é muito difícil. Que joga bola por necessidade... Porque tem que ajudar a mãe, pai, irmão, né? Que não tem dinheiro, né? Então é ele quem sustenta a casa, com dezoito anos, nem é profissional ainda, mas esta sustentando a casa. Então ele procura ajudar a família dele com o futebol.* (B5, p. 15)

4.2.3 Representações sociais perante o futebol

A construção desta categoria de análise pautou-se por abordar o fenômeno mediante aspectos comuns observados nos depoimentos dos sujeitos da pesquisa. O termo "representações sociais" foi cunhado por Durkheim com base no conceito de consciência coletiva e na atualidade mantém forte vínculo com a psicologia social.

Buscamos detectar a ideologia, os valores e as contradições a partir dos depoimentos do grupo social pesquisado, que carrega substancialmente nos seus pensamentos todo o contexto social em que seus integrantes estão envolvidos, sem descartar o caráter indissociável entre comunicação e representação social. (LUDORF, 1995)

²⁷ Expressão que designa o início por vezes prematuro em determinada atividade.

Assim, consideramos as representações sociais de indivíduos de um conjunto social, os quais constituem imagens, idéias ou conceitos de pessoas ou coisas, por intermédio de conhecimentos socialmente elaborados e consolidados por sistemas de pensamentos que sustentam as práticas sociais para a construção de uma realidade comum. (JODELET, 2001)

Para Bourdieu (1998b), a interpretação da realidade por parte dos grupos sociais passa pelos processos de interação e exteriorização desses grupos, uma vez que as realidades das sociedades devem contemplar as representações sociais coletivas que podem ser representações mentais (percepção, apreciação, reconhecimento) ou objetais (emblemas, bandeiras). Com base nesse cenário e partindo do princípio de que a interpretação da realidade é sempre mediada pela cultura, a análise dos depoimentos colhidos correlacionou as questões das representações sociais com as da cultura de massa.

Segundo Gastaldo (2000), a realidade de cada indivíduo é social e culturalmente construída. A atribuição de significados molda os comportamentos, estabelece padrões de conduta, reproduz relações de poder e está vinculada às culturas, nas quais se insere a cultura esportiva, amplamente massificada quando nos referimos ao futebol no Brasil.

Feitosa, Góis Jr. & Matumoto (2004), por exemplo, apontam para os efeitos homogeneizantes da cultura de massa, referindo-se ao futebol, na medida em que este cria nas crianças brasileiras uma expectativa de carreira e, obviamente, de ascensão social, que muitas vezes se transformam em sonho. Assim, organizamos as falas dos entrevistados, identificando os pontos comuns que balizam o pensamento dos grupos sobre as condições da profissão e da rotina dos nossos futebolistas.

Foi unânime entre os entrevistados o acompanhamento regular, através da mídia, da vida de clubes e atletas. Neste aspecto, tomamos cuidado com as generalizações comuns sobre os efeitos negativos das mensagens midiáticas sugeridos por Setton (2002, p. 3), que vê possibilidade de identificar pontos comuns entre as instâncias heterogêneas de sociabilização e a tendência de "modelar a estrutura de pensamento dos indivíduos ao difundir uma concepção de mundo a partir de uma gama variada de formas simbólicas".

Como vimos na categoria "trajetória esportiva", ficou clara nos discursos dos alunos do grupo A a relação entre carreira esportiva futebolística e o desejo ou sonho de conquistar dinheiro ou fama para auxiliar ou "salvar" suas famílias das

precárias ou remediadas condições de vida. Já os alunos do grupo B, por abdicarem da carreira esportiva, atribuem o desejo do enriquecimento ou fama para a vaidade pessoal do atleta ou simplesmente pelo gosto à prática esportiva.

—... tem muito jogador que, independente dele ganhar dinheiro, ele é simples. Então ele joga por gostar de jogar, pra ter fama. Independente dele estar num time ruim, ele quer saber de jogar e ter fama. (B4, p. 13)

— Acredito que seja uma vida boa, porque eles fazem o que sempre gostaram e souberam fazer, ganham muito dinheiro. Mas o lado ruim eu acho que eles não tiveram estudos, não aproveitaram a outra parte da vida, sempre ficaram comprometidos [...] de treinar, acordar cedo, uma rotina meio forte, eu acho. (B3, p. 8)

Estudo de Rodrigues (2004) revelou que 21,4% dos atletas em formação do Internacional, de Porto Alegre (RS), escolheram a profissão de futebol porque pretendem enriquecer, por considerarem esta uma das profissões que oferece melhores salários. O autor desconsidera a possibilidade de parte da amostra ter omitido tal intenção, mas chama atenção para o baixo índice de atletas em atividade no Brasil que recebem salários elevados, acreditando ser este comportamento um efeito do discurso dominante da mídia na sociedade ao reforçar a idéia do futebol ser um ótimo canal de ascensão social.

Ambos os grupos entendem como principal benefício para o atleta o enriquecimento e o prestígio social (fama), mas os entrevistados também falaram dos problemas ou malefícios da profissão. Aqui, ficaram notórias as distinções.

—... acho que na parte, tipo, de treinos, tipo você tem que levar muito a serio. Vai que você quer sair com os amigos, assim você não vai poder porque amanhã tem treino, sabe? Você tem que acordar cedo. Você não pode sair, você não pode beber um pouquinho, se não vai fazer mal. (B2, p. 14)

— Se o cara escolheu jogar futebol, ele quer estourar, ele quer se dar bem, ele tem que abrir mão de algumas coisas. Então, se ele quer ir pras

baladas, vai, mas não vai jogar bola. Ele quer jogar bola, então tem que largar algumas coisas e jogar bola. (B5, p. 13)

O aspecto negativo mais freqüente nas entrevistas do grupo B foi a vida controlada a que os atletas rotineiramente devem se submeter. Isso reforça a tese de Bracht (1997, p. 46) — "O esporte moderno pode ser considerado como instituição disciplinadora de corpos" —, pois a ordem social moderna sustenta-se na capacidade de comando e direção permitida pelo conjunto de organizações administrativas que disciplinam o corpo por meio das instituições sociais.

Para Rodrigues (2004), os sacrifícios mencionados podem ajudar a explicar as razões por que a grande maioria dos jogadores de futebol no Brasil tem origem nas classes menos abastadas, médias e populares; pois, como cita o autor, na visão do professor João Paulo Medina, os jovens de famílias ricas mostram menos disposição a se submeterem ao conjunto de exercícios, esforços e sacrifícios inerentes ao futebol profissional.

O aspecto negativo abordado pelos entrevistados da escola A foi a distância que o jogador profissional passa a ter dos seus familiares. Esse dado foi surpreendente, pois jamais o havíamos suposto. O que encontramos mais próximo na literatura foram resultados de pesquisas sobre estresse em fase competitiva, quando as emoções negativas — sentimentos pessoais de sofrimento e problemas de relacionamento com pessoas significativas, como familiares ou cônjuges — configuraram-se como um dos fatores do problema. (FIGUEIREDO, 2000)

— [A rotina do atleta] deve ser um pouco corrida. Às vezes, por isso, tem que ficar longe da família. Por isso, às vezes, não passa isso pela minha cabeça, não. (A3, p. 14)

— Hoje os jogadores grandes viajam bastante e ficam longe da família assim, sem ver família, sem ver ninguém. De ficar só mesmo treinando, treinando e indo pro jogo. (A5, p. 13)

— Eu acho que também ele ganha bem, vai pra vários países, conhece lugares, muita gente. Mas tem algumas coisas ruins, por causa que ele fica longe da família, também, né? Isso é muito ruim, um ponto negativo.

Muitas vezes ele se machuca, e grave, né? Igual à maioria dos jogadores, tem cirurgia no joelho. (A3, p. 12)

Em comum, os grupos mencionaram o alto risco da ocorrência de lesões graves.

—... tem muito atleta que é um grande jogador, só que no fim acaba tendo uma lesão, e acaba com a carreira. E se o jogador quer sair à noite, beber, sair com os amigos e no dia seguinte não pode treinar, isso já prejudica um pouco o desempenho dele no time. (B4, p. 8)

—... a lesão assim pode acontecer a qualquer momento, né? Tanto no esporte como fora. Mas, no esporte, você tem mais chance de ser lesionado, né? E outra: é impossível jogar quinze anos profissionalmente e não se machucar. Se ele tá jogando futebol, ele sabe que vai se machucar um dia. Sabe que ele vai ter que fazer, provavelmente, uma cirurgia. (B1, p. 2)

— Não é fácil, tem que praticamente jogar todo jogo, se for titular. Depois às vezes até quebrar-se, né? É difícil. Quando eu vejo, né?, os meus dois colegas que fizeram cirurgia no joelho, já dá agonia, já. Outro quebrou a perna outro dia também, não é fácil, não. (A2, p. 8)

O encanto proporcionado pelo futebol espetáculo, bem como a projeção dos ídolos no imaginário coletivo dos sujeitos, não permitiram verificar distinções de sentidos entre os grupos, possivelmente pela forte influência da mídia, que exerce no contexto das representações sociais "importante papel no que se refere à perpetuação dos ídolos, quando os coloca como mitos, ao abordar suas façanhas esportivas". (GONÇALVES, 2004a, p. 142)

— O futebol eu acho, eu acho mesmo lindo de se ver, mesmo lindo de fazer, é uma coisa muito boa pra você. Jogar pra mim, eu acho que seria muito gostoso. Ah! Eu penso que jogando... Eu queria casar ter meus filhos, construir casa... Crescer. (A1, p. 2)

— *Gosto de futebol porque tenho um ídolo, e eu gosto de jogar no gol. Aí eu gosto pelo fato do Rogério Ceni ser do São Paulo, eu achar que ele é um grande goleiro, me ajudou.* (B4, p. 7)

— *Uma vez, tava havendo um campeonato no Madureira. Quando nós terminamos de jogar, o Fabinho, que jogou no Corinthians e no Santos e agora foi pra Europa, ele ficava lá pra entregar as medalhas, tal. Aí, eu achei muito louco!!!* (A1, p. 14)

— *Sempre me dá uma vontade, né? Ver seus jogos passando na TV, essas coisas.* (B1, p. 3)

— *Um jogador conhecido, assim, sai na rua, deve ser bom. Todo mundo te cumprimentar, elogiar seu trabalho. Deve ser gratificante isso. Quando você entra no estádio, você vê todo mundo lá, a multidão te aplaudindo quando você faz um gol. Deve ser bom!* (A2, p. 11)

Também foram registradas falas contraditórias.

— *Não tenho ídolo, porque não idolatro o cara. Assim, no esporte, acho que do Corinthians, o Marcelinho Carioca, o Edílson, o Ronaldo goleiro. Fico caçando os caras, assim, Marcelinho já vi umas cinco vezes, fui atrás dele pra conversar.* (B5, p. 8)

Em certa medida, confirmamos as proposições de Ludorf (1995, p.140), que observa nas crianças forte tendência a imitar seus ídolos e buscar os caminhos do esporte para alcançar a fama e o prestígio tão propagado, como mostra o próximo depoimento.

— *Tem vários jogadores que eu acho que jogam bem, e é assim que eu tento me sentir. Que é assim, dá mó... Da mó vontade de você fazer igual, fazer brincadeira, gingar na frente do marcador. Eu acho mó barato, mesmo!* (A5, p. 4)

Para concluir este item, citamos mais uma vez Ludorf (1995, p. 140), para quem "o maior perigo é que elas [crianças] são atraídas por esta armadilha, sem saber que dentre milhares de esportistas no mundo todo, apenas alguns privilegiados conseguem chegar à unanimidade".

4.2.4 Dinâmicas no tempo livre: o futebol não formal

Para Marcellino (1987), as atividades de lazer, enquanto práticas educativas, são efetivadas com diferenças marcantes entre as classes sociais. Partindo dessa premissa, procuramos nesta categoria melhor compreender a utilização do tempo livre pelos sujeitos pesquisados, levando em consideração que "esse caráter social, embora perseguido por todos os elementos da sociedade, preconizado que é pela ideologia dominante, varia na prática, de acordo com as classes sociais". (MARCELLINO, 1987, p. 110)

Em que pese a apropriação do tempo livre seja desigual entre os grupos pesquisados e, não obstante, fator determinante na opção por atividades de lazer, incluindo nesta a prática esportiva e mais especificamente ainda o futebol, Bourdieu (1983, p. 149) afirma, com referência à adesão às práticas esportivas, que "tudo permite supor que a lógica da distinção contribui, com uma parte determinante, juntamente com o tempo livre, para a distribuição entre as classes de uma prática".

Por esta razão, a compreensão das práticas efetivadas pelos entrevistados no tempo livre abriu importantes possibilidades que oportunizaram confirmar e desvelar sentidos para o entendimento do fenômeno da discrepância das expectativas em torno do futebol.

Assim, prudentemente, limitamos o aprofundamento da nossa abordagem sobre o tempo livre em respeito à vasta produção científica dedicada ao tema, bem como da sua complexidade, apresentar uma gama infindável de abordagens. Buscamos objetivamente compreender o fenômeno de distinção ora levantado, com o propósito de verificar como os sujeitos da pesquisa comportam-se no seu tempo livre, para então identificar a variação existente entre os dois grupos a respeito: 1) das opções de lazer, 2) dos espaços que freqüentam e praticam futebol, e 3) do

tempo e frequência que acompanham esporte pela mídia, comparado ao acesso e à frequência a práticas de outra natureza, tais como o cinema e o teatro.

Para Bourdieu (1983, p. 150), "[...] a probabilidade de praticar os diferentes esportes depende, em graus diversos para cada esporte, do capital econômico e, de forma secundária, do capital cultural e do tempo livre". Foi interessante notar, nesse ponto, a semelhança do seu pensamento com os de pesquisadores consagrados do lazer, por jamais desvincularem o fator econômico do cultural e do social, como aspecto fundamental na decisão dos indivíduos para a desigual escolha de atividades de lazer.

O fator econômico é determinante desde a distribuição do tempo disponível entre as classes sociais até as oportunidades de acesso à Escola, e contribui para uma apropriação desigual do lazer. São as barreiras interclasses sociais. (MARCELLINO, 2002, p. 23)

Destacamos, na questão relativa às disposições que regem a afinidade dos indivíduos para esta ou aquela atividade esportiva, a ênfase dada por Bourdieu (1983, 1990) ao associar tais disposições com a posição ocupada no espaço social e aos "lucros", de distinção ou não, proporcionados pelos diferentes esportes aos seus praticantes, referindo-se em outros termos ao capital social, pois, assim como outra atividade cultural, o capital social, pode ser potencializado por intermédio da participação nos grupos esportivos.

Antes de entrelaçar os depoimentos dos entrevistados com o aporte teórico desenvolvido, é válido reportarmos a posição por nós tomada em torno do conceito de lazer, inclusive aceito por boa parte dos estudiosos.

[...] conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1976, p. 34)

Contudo é necessário salientar que, por mais que a teoria de Jofre Dumazedier, estruturada que foi sob a égide do funcionamento da sociedade

francesa, tenha aceitação da comunidade científica, requer fina interpretação quando a transportamos para a realidade brasileira.

Neste tópico, iniciamos nossa análise, focalizando as atitudes dos alunos em torno do consumo do futebol pela mídia, mais precisamente pela TV. O quadro de referência (QR) forneceu o panorama que imaginávamos, ou seja, sem exceções todos os entrevistados apresentaram o costume de acompanhar futebol pela televisão, seja assistindo jogos, seja como expectadores de noticiários esportivos.

Entretanto, constatamos entre os grupos dissonâncias no grau de intensidade e frequência para este tipo de audiência. Os alunos do grupo A não só dedicam mais tempo aos programas televisivos em geral, como demonstram o compromisso pessoal de acompanhar jogos de futebol pela TV.

— Assisto todo dia. Eu assisto Sport Center,²⁸ aí também, eu assisto jogos quando sei que está passando, eu já deixo até marcado. Às vezes tá passando jogos da segunda divisão da Itália eu assisto também. Todo dia assisto um "jogão", nem que seja de qualquer lugar, mas todo dia eu assisto. Às vezes eu tô vendo, assim. Só passando de canal, aí quando eu acho, quando eu vejo que tá passando alguma coisa, eu deixo lá pra ver. (A2, p. 7)

— Acompanho tudo, sim. Eu vejo os jogos, tudo. Campeonato inglês, Copa Uefa, tudo. Tipo, Globo Esporte eu assisto quase todo dia, né? Que eu chego em casa, tá passando. Aí, Mesa Redonda também, mais tarde passa. (A5, p. 7)

— Assisto sobre esporte todo dia. Eu chego, vejo Globo Esporte. Em casa tem ESPN e assisto também. Todo dia, mostram em vários canais, os jogadores, os princípios deles, de onde eles vêm pra eles chegar ali, onde eles estão. Acho que isso é mais uma força também que ajuda, tal. (A1, p. 4)

Assistir televisão foi um dos "passatempos" mais citados pelos entrevistados da escola A, muitas vezes funcionando como primeira ou segunda alternativa de lazer. Para os alunos do grupo B, a TV também foi muito citada, porém

²⁸ Noticiário esportivo do canal de assinatura ESPN Brasil.

havia várias outras atividades que despertavam maior interesse, ficando boa parte das vezes como última alternativa.

Esses dados foram surpreendentes, pois havíamos observado nas aulas de Educação Física que a maioria esmagadora da turma tinha o hábito de vestir camisas de clubes profissionais, fato este que alimentou a suposição de serem assíduos consumidores, para não dizer fanáticos, do futebol espetáculo.

— *Gosto de futebol. Sempre joguei na escola com amigos, mas nunca cheguei a treinar. Tem moleque da minha idade que não consegue ficar sem assistir jogos de futebol. Eu sou mais tranqüilo pra essas coisas. Jogo tênis, mas mesmo assim não acompanho muito, prefiro sair.* (B3, p. 1)

— *Não gosto de futebol, eu acompanho mais por causa do Corinthians. Você pode colocar Real Madrid e Barcelona, e eu num vou conseguir assistir cinco minutos. Gosto quando tem meu interesse lá, porque assistir por assistir, jamais.* (B5, p. 1)

— *Ah, eu assisto quando dá. Tipo, eu tô passando ali, vi uma coisa que me interessou, começo a assistir, aí fico lá.* (B2, p. 9)

De qualquer forma, os dados confirmaram os resultados de outras pesquisas — Gastaldo (2000) e Penteado (1991) —, na direção de que, para o público jovem, o tempo destinado aos programas televisivos oscila de duas a três horas por dia. Especificamente para programas esportivos, o tempo médio de audiência girou em torno de cinco horas semanais, semelhante aos resultados de Lucato (2000). Outro achado que chamou atenção no grupo B foi a predisposição de acompanhar jogos de futebol apenas quando estivesse envolvido no jogo o time da sua preferência.

— *De domingo, tá passando futebol, se não é do meu time que tá jogando, eu num tô nem aí, né? Vou pro clube jogar bola. Quarta-feira à noite sempre assisto, qualquer time que for eu tô assistindo. Eu gosto de acompanhar futebol também.* (B1, p. 19)

— *Sempre que passa na TV, do Corinthians, eu assisto, mas nunca chego em casa pra assistir jogo do Corinthians. Se eu tô lá e tá tendo jogo, eu assisto, senão, não.* (B5, p. 5)

— *Na verdade eu só assisto nos dias que tenho certeza que vai passar os gols. Quando eu sei que não vai passar, nem assisto. Quando eu tô passando de canal, assim, vejo que estão falando do São Paulo, eu volto, se vejo que não é do meu interesse, aí eu passo.* (B4, p. 11)

Com nitidez, o futebol configurou-se como principal atividade de lazer para o os integrantes do grupo A, cuja prática fora da escola, diferentemente do grupo B, se desenvolve em espaços públicos, ou seja, na rua, em praças públicas ou no Centro Recreativo Esportivo e Cultural da Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, conhecido entre os alunos por CREC, onde três dos cinco alunos da escola A participam gratuitamente da escola de futebol.

— *Na rua jogo só de vez em quando. A gente vai nas quadras, na pracinha, não na rua mesmo. Na Mineral [praça pública], ou na escola de fim de semana também, a gente vem lá e joga bola.* (A2, p. 6)

— *Jogo de fim de semana, lá na rua da minha tia. Todo fim de semana eu jogo. Mas lá eu me avalio como sério, porque todo mundo joga sério. Nós sempre tamo marcando encontro, participando de campeonato que outras pessoas promovem. Quando eu não tô jogando, fico mexendo no computador.* (A1, p. 10)

— *Jogo bola no Crec, no Baetinha, sabe? Aí de vez em quando eu vou tirar umas peladas com os amigos numas quadras por aí. Às vezes [...] eu fico na Internet, ou à noite assim vou pra rua jogar bola. De sábado, de vez em quando eu vou jogar no Madureira, lá, na quadra [pública] do Madureira.* (A5, p. 4)

Quando especificamente nos referirmos ao futebol praticado na rua de modo não formal, ou seja, num equipamento não específico, é preciso desconsiderar

suas dimensões oficiais, tais como do futebol espetáculo ou mesmo do esporte escolar, comumente submetidos a normas e códigos específicos, pois a referência passa a ser a prática não formal do futebol, caracterizada por Gonçalves (2004a) como dimensão espontânea das relações sociais.

Para Marcellino (2002), a prática do futebol de rua ou não formal está associada ao conceito de lazer, compreendido como dimensão privilegiada do comportamento humano em meio à vida urbana das metrópoles.

Nenhum dos entrevistados do grupo B mencionou jogar futebol na rua ou em praças públicas. Para este grupo, os locais apontados foram: condomínio e clube. Comparativamente, a frequência desenhou-se da seguinte maneira: os alunos da escola A jogam todos os dias da semana (de segunda a domingo), enquanto os de B, exceção feita a B1, jogam apenas nos fins de semana, provavelmente em razão de terem outras opções de atividades:

— Só jogo no colégio. O único dia livre é sexta. Segunda e quarta tem tênis, e sexta tenho inglês. No condomínio, a gente joga bola assim no final de semana. Aí é só prazer. (B4, p. 10)

Outro argumento explicativo reside no afastamento cada vez mais explícito da classe média e alta do uso da rua ou praças públicas como espaço de lazer, como sugere Brandão (2003, p. 13): "O cotidiano nas grandes metrópoles está se tornando cada vez mais dispendioso, difícil e violento. Esses fatores certamente têm influído na mudança dos padrões de lazer e na circulação nas grandes cidades."

A respeito do envolvimento em atividades de lazer, ficou clara a desigualdade de opções entre os participantes de A e B. Por exemplo, o depoimento de A3, a seguir reproduzido, provocou-nos angústia durante a entrevista; ao mesmo tempo, confirmou a tese da dimensão da interferência do capital econômico na decisão pelas atividades.

— Como eu disse, sempre procuro tá fazendo esporte, porque gosto bastante. Eu não tenho instrumento musical, mas eu gosto bastante de tocar instrumento, queria entrar em algum lugar pra aprender também. Mas quando eu tenho um tempo livre, assim, geralmente eu vou jogar um videogame, ver televisão, geralmente eu faço isso. Eu fico mais em casa. (A3, p. 4)

Não resta dúvida de que a condição socioeconômica interfere sobremaneira na escolha das atividades de lazer. Isso justifica o valor mais alto que os entrevistados de A atribuem ao futebol, em comparação com os de B.

— Às vezes, saio pra jogar chovendo, ou quando tá muito sol também saio pra jogar, às vezes com febre, eu saio pra jogar também. Meu pai fala: "Tá chovendo, você vai pegar gripe." E eu: "Melhor depois!" No dia primeiro de janeiro a gente foi três horas da madrugada jogar futebol. Aí a gente ficou jogando até umas oito sem parar. No primeiro dia do ano. Foi bem legal, só a gente lá na quadra. (A2, p. 13)

Quando questionados sobre as atividades que mais gostavam de fazer no tempo livre, além do futebol, as mais citadas pelos alunos do grupo A foram jogar videogame e assistir televisão.

— Ir pro shopping, assistir televisão, andar com os meus colegas por aí. E a gente fica jogando videogame, às vezes. Tipo, tá chovendo, impossível mesmo jogar futebol, a gente fica jogando videogame... Ou jogando outra coisa assim. Às vezes vamos pra casa de parentes, é muito difícil eu ir, mas às vezes eu vou. (A4, p. 13)

A escolha de atividades de lazer dos alunos do grupo B mostrou-se extremamente variada, apresentando um leque enorme de opções culturais formativas, acompanhada de freqüência a vários ambientes sociais distintos, dentre os quais destacamos os clubes esportivos:

— Ah, lá eu vou pra academia, vou pra piscina só. Jogo bola também no campo, mais a academia e piscina. Agora eu tô fazendo espanhol e começando a fazer violão também. (B1, p. 12)

—... três vezes por semana eu pratico badminton. Às vezes jogo tênis, porque não tô mais treinando. Também toco violão, faço aulas de violão e curso de DJ. Gosto de sair no final de semana, não paro em casa. Minha mãe fica maluca comigo [risos]. Sexta-feira eu sumo. Viajo bastante com

minha mãe. Fui pro Guarujá no ultimo feriado, na casa de um amigo, só a molecada. (B3, p. 5)

— Final de semana eu praticamente fico fora de casa. Sempre saio, sempre tô saindo. Balada, barzinho, saio com amigos, mina, shopping, essas coisas. Aí, no resto do tempo fico vendo TV. (B2, p. 10)

De maneira geral, as que mais se destacaram como atividades preferenciais deste grupo foram o aprendizado de instrumentos musicais (três alunos o fazem com freqüência), idas a bares ou boates (três) e prática de outros esportes, tais como tênis (dois), natação (dois), badminton (um), corrida (um), vôlei (um) e handebol (um), sempre fora da escola. Assistir TV e jogar videogame não figuraram entre as atividades prediletas.

Atentemos para o fato de que quatro dos cinco entrevistados do grupo B comentaram espontaneamente e em tom animado a participação em cursos de idiomas:

— Eu adoro praticar esportes, como tênis, vôlei e futebol. Gosto também de inglês, não para ficar na aula aprendendo. (B4, p.2)

Posteriormente, na devolutiva, este aluno explicou que gosta de inglês para oportunamente conversar com colegas ou nas efêmeras ocasiões de viagem.

— Não consigo ficar sem fazer nada, então eu tô nadando, comecei a nadar desde pequeno, né? Nado três vezes por semana e nos dias que eu não nado vou correr. Faço inglês e música lá em São Caetano. Ah, eu jogo [futebol] de sábado, porque a gente joga assim brincando um pouco. (B5, p. 3)

Constatamos que a adesão dos alunos às aulas de idiomas ocorre por orientação dos pais, que "obrigam" o aluno a freqüentar o curso em horários predeterminados, e evidenciamos assim a confusão (óbvia) por parte dos alunos, de não terem o domínio do significado de lazer ou tempo livre. Entretanto, buscamos pistas para a compreensão deste comportamento:

O que se busca, em classes sociais privilegiadas, é essa discutida "prontidão" para a aprendizagem, o mais precocemente possível. E as atividades de lazer, consideradas como recurso nesse campo, são cada vez mais utilizadas como preparação. Perde-se de vista o prazer e instrumentaliza-se o lazer. Como reflexo da ideologia dominante, fundamentada na produtividade, ele só passa a ter valor, a partir do momento que é "útil". (MARCELLINO, 1987, p. 103)

Antes de finalizarmos, não podemos negligenciar resultados auferidos no Quadro de Referência (QR), que foram extremamente úteis para nossa análise, tais como: nenhum aluno da escola A frequenta clube social, ao passo que todos os do grupo B frequentam efetivamente. Esse dado permitiu supor a estreita relação entre a participação nos clubes sociais esportivos com o propósito, mesmo inconsciente, de possuir uma rede durável de relações de interconhecimento e reconhecimento, vinculada a um grupo dotado de propriedades comuns e ligações permanentes úteis como forma dissimulada de aquisição de capital social. (BOURDIEU, 2002)

Quanto à frequência ao cinema, ficamos sabendo, na elaboração da análise do conteúdo cultural entre classes sociais desenvolvida por Dumazedier (1979, p. 180), que "o declínio desigual da frequência ao cinema é compensado pela progressão do tempo ocupado pela televisão". Semestralmente, a ida ao cinema no grupo A não ultrapassou a uma. A média do grupo B, neste quesito, foi muito maior e oscilou entre cinco e seis vezes.

Em relação ao teatro, a frequência semestral foi inferior a um para o grupo A e entre um e dois para os alunos da escola B. Nesse aspecto, Bourdieu (1999, p. 297) faz a seguinte reflexão sobre a desigual frequência ao teatro entre classes sociais: "A estatística de frequência ao teatro, ao concerto e, sobretudo ao museu, enquanto bens culturais e simbólicos, só pode ser apreendida se possuídos como tais por aqueles que detêm o código que permite decifrá-los."

4.2.5 Dinâmicas na Educação Física: sentidos da prática escolar esportiva

Nesta categoria, objetivamos explicitar as implicações que o esporte espetáculo exerce na Educação Física escolar. Para isso, aproximamos temáticas sobre esporte, educação física, lazer, mídia, sociedade de consumo, representações

sociais, trabalho e educação, à luz da complexidade que o esporte espetáculo requer para a sua análise.

Para Betti (1998) e Montagner & Rodrigues (s/d), a Educação Física escolar, no geral, vem sendo confundida e baseada em um modelo essencialmente voltado ao esporte, reproduzindo acriticamente o discurso da mídia e transformando os alunos em consumidores do esporte espetáculo, sem o mínimo de compreensão do que venha a ser o esporte escolar. Neste sentido, os dados por nós coletados permitiram verificar que o esporte espetáculo tem significativo poder de influência na prática escolar esportiva, sendo a modalidade futebol a de maior impacto, pois os alunos acompanham diariamente os noticiários esportivos veiculados pela mídia eletrônica e impressa, o que desencadeia, entre outros comportamentos, a imaginação e o desejo dos jovens pela prática e consumo do esporte. Bourdieu (1983) fundamenta este pensamento nas seguintes palavras:

Por maior que seja a importância que reveste a prática de esportes — e em particular dos esportes coletivos, como o futebol — para os adolescentes das classes populares e médias, não se pode ignorar que os esportes ditos populares [...] também e principalmente funcionam como espetáculos que podem dever uma parte de seu interesse a participação imaginária que a experiência passada de uma prática real autoriza. (BOURDIEU, 1983, p.143)

O que preocupa, na análise do espetáculo esportivo e a educação física escolar, é a forma como a educação física nas últimas décadas desvirtuou-se, ou seja, mesmo dentro das escolas o termo "educação física" degradou-se de tal maneira que passou a ser confundida naturalmente com esporte — o que vale dizer, no senso comum da maior parte dos alunos, pais e até mesmo de significativa parcela de professores e diretores, o esporte regido por um modelo pouco flexível de regras e carregado dos valores de uma sociedade consumista. O próximo depoimento, por exemplo, revela o quanto o esporte espetáculo esta impregnado no imaginário dos jovens que inconscientemente trazem para dentro da aula de educação física parte dos seus pressupostos.

— De quarta, principalmente, assisto jogos do São Paulo. Mesmo quando não é do São Paulo, eu assisto, porque na quinta-feira eu tenho

Educação Física e quando eu vejo um goleiro fazer uma defesa boa, me influencia pra jogar. (B4, p. 12)

Nesse contexto, a totalidade dos alunos entrevistados manifestou interesse em participar das aulas de educação física e deu sinais de satisfação. Quatro entrevistados chegaram a apontar a educação física como aula preferida.

— É minha aula preferida, que aí dá pra fazer diferentes esportes, porque tem bastante gente na sala. Também dá pra fazer até brincadeira, assim, o professor até deixa. Aí, dá pra gente brincar bastante, assim, se divertir e aprender também. (A3, p. 3)

Lucato (2000) compreende que a disposição apresentada pelos alunos para a prática esportiva escolar deve-se ao fato de que, nas escolas, as crianças permanecem sentadas, calmas e quietas durante muitas horas, em cadeiras nem sempre adequadas, em salas pouco confortáveis, submetidas a várias disciplinas (muitas vezes em classes numerosas), sem encontrar canalização para suas atividades preferidas, e, ao mesmo tempo, necessitando de movimento, sobretudo na fase de crescimento, em que o consumo energético é alto.

—... é um negócio que te prende mesmo. Eu gosto. Tô vendo a bola, quero ir jogar mesmo. Próximo tô ali... Então eu tô ali, quero jogar mesmo, é um hobby, é minha diversão, não falto na aula, não consigo parar, é assim o tempo todo. (B2, p. 5)

Kuroda e Marques (2000) mostram que a iniciação na prática esportiva está baseada em motivos que vão desde a perspectiva de se tornar um ídolo até a vontade unicamente dos pais, por razões educacionais, de saúde ou pela busca de ascensão social, ou ainda pela identificação grupal, diversão e aquisição de amigos. Nessa perspectiva, debruçamo-nos na análise das respostas sobre os motivos que os entrevistados apresentaram para participar dos jogos de futebol nas aulas de Educação Física. Encontramos, como resultado quase unânime, o entretenimento ou a diversão como principais razões motivacionais para prática esportiva escolar.

— *Me divertir, dar risada, nada, além disso. Não esquento a cabeça. Perdendo ou ganhando, tô dando risada, eu jogo mais pra brincar, só. É pra brincar, mesmo.* (B2, p. 5)

— *O mais importante é que eu gosto de praticar esportes, estou sempre com amigos, é lazer pra mim, não é uma obrigação, mas nunca pensei em ser profissional. Adoro fazer educação física, me divertir.* (B3, p. 3)

No Brasil em geral e também nas escolas, segundo Gonçalves (2004b), o futebol é vivenciado sem compromisso e desvinculado de reflexões sobre o seu caráter reprodutivo ou transformador da realidade social, portanto, de forma alheia às matizes políticas ideológicas que o permeiam.

Se, de um lado, a conhecida e bastante aceita corrente teórica defensora da Educação Física como ciência da motricidade humana considera que o esporte escolar tem como finalidade principal ajudar o descobrimento e estimular o prazer pelo movimento, conhecendo os efeitos benéficos da atividade física para a saúde (SERGIO, 1991), por outro vale destacar que somente um dos entrevistados (B4), ainda sob influência dos pais, afirmou fazer educação física pelo desejo de desfrutar melhor saúde.

—... *é um apoio muito grande porque eles [pais] querem que eu faça educação física por causa da minha saúde, pra emagrecer, manter a saúde boa, a influencia deles é essa. O importante é fazer esporte e ter a minha saúde boa.* (B4, p. 9)

A interação social promovida pelo esporte também foi relatada pelos alunos. A3 e B5 sutilmente apontaram para o suprimento de necessidades de sociabilização, resultados semelhantes encontrados por Ludorf (1995) em entrevistas com pais e filhos.

— *Eu faço mesmo, porque eu gosto de praticar, é mais legal por estar brincando lá. Na natação, você fica lá uma hora e não fala nada, fica lá embaixo da água. Agora futebol, não, dá pra você brincar, dá pra [...], mas qual que eu prefiro mesmo é o futebol.* (B5, p. 4)

— *Pra falar a verdade, essa história de futebol, assim, eu não gostava até um tempo atrás por causa, assim, que eu não era bom. Mas aí o pessoal sempre tava jogando, era um lugar que a maioria dos jovens estavam, né? Aí eu peguei e comecei a gostar e entrei de goleiro.* (A3, p. 1)

Esse caráter integrador do esporte é percebido por Bracht (1992), que aponta para o seu fator de exclusão social, quando valoriza a competição desmedida, o respeito irrefletido às regras e as comparações de performance individuais, bem como para o de inclusão social, quando permite que o aluno reorienta o jogo no caminho do coletivismo, do questionamento das regras e da análise crítica das regras da competição, posição esta defendida pela corrente teórica que compreende a Educação Física como prática pedagógica.

Betti (1998) entende que a preparação de indivíduos para se tornarem consumidores do esporte espetáculo com visão crítica do sistema esportivo profissional implica a compreensão prévia da cultura corporal em nossa sociedade, de tal forma que a Educação Física deve assumir a tarefa de "preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, que incorpore o esporte, o jogo, a dança e as ginásticas em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível." (BETTI, 1998, p. 18)

Nesse aspecto, o plano de ensino da disciplina Educação Física encontrado nas duas escolas contempla a idéia de integrar o aluno à cultura corporal de movimento conforme preconizam as *Orientações curriculares para o ensino médio* (cf. BRASIL, 2006). Entretanto, boa parte dos alunos da escola B (onde o departamento de Educação Física oferece ao aluno a possibilidade de optar pela atividade física de sua preferência) demonstrou interesse em conhecer outras manifestações físico-esportivas, propondo, mesmo precariamente, a inclusão de diferentes conteúdos (outros esportes) no programa de ensino.

— *Eu sinto falta... Gostaria que diversificasse sempre, né? Que mudasse cada temporada o esporte, ter sei lá... Oficinas, não sei. Acho que seria mais legal.* (B3, p. 10)

—... *quando vai algum esporte diferente pra fazer na Educação Física, tem muita gente que não sabe os fundamentos, essas coisas. Aí fica*

chato de jogar. Aí é bem melhor colocar futebol, todo mundo sabe jogar, todo mundo sabe as regras, mas prefiro handebol. (B1, p. 11)

O que se presenciou foi a intensa participação dos alunos nas aulas de Educação Física, supostamente motivados pela mídia esportiva, cujo conteúdo foi exclusivamente a modalidade futebol de salão. Figurou em plano secundário o leque de conteúdos que a cultura corporal de movimento possibilita (jogo, esporte, dança, ginástica e luta).

Em síntese, a sensação foi de que, para uma análise minuciosa do tema, os resultados são insuficientes e por vezes confusos, na medida em que os alunos valorizaram e demonstraram prazer nas aulas, fornecendo a idéia da promoção de atividades lúdicas previstas no plano de ensino da disciplina. Por outro lado, nenhum dos dez entrevistados considerou a prática do futebol nas aulas de Educação Física como importante para sua formação educativa e nem sequer se mencionou algo próximo a isso — o que, por sinal, estava previsto nos planos.

4.2.6 Implicações da herança cultural familiar

Conforme avançamos na análise das expectativas em torno do futebol pelos grupos A e B, pertencentes respectivamente às classes socioeconômicas alta e baixa, recorreremos cada vez mais aos conceitos de capital cultural, econômico e social — e, mais especificamente, ao capital cultural no seu estado incorporado, em que se percebe a fundamental interferência que o grupo familiar exerce sobre o indivíduo em formação.

Pesquisas demonstram que a decisão de praticar este ou aquele esporte é, em primeiro lugar, influenciada pelos pais, muitas vezes porque estes já praticaram determinada modalidade, e, em segundo lugar, pela mídia, que veicula imagens espetaculares e sedutoras do sucesso no mundo do esporte. (RUBIO, 2000)

Ludorf (1995), na conclusão de sua pesquisa, afirma que muitos pais forçaram a escolha de uma particular modalidade esportiva na vida dos filhos. Isso permite deduzir que o capital cultural acumulado pela família pode, de certa forma, influir na preferência da atividade esportiva ou cultural dos alunos.

—... comecei a jogar com seis anos, influência mesmo da escola. Talvez foi meu pai, meu pai jogava também. (B1, p. 6)

— *Todo mundo da minha família joga. Eles me incentivaram, e eu comecei a ir. Cheguei, eu cheguei... Eu disputei campeonato. Meu pai apoiou e minha mãe também, eles gostam, minha mãe sempre participa lá quando tem reunião, esses negócios. Isso que eu gosto neles, que eles sempre me dão apoio, mesmo, ganhando ou perdendo, eles sempre tão lá pra dar apoio.* (A1, p. 11)

Nossos entrevistados, sem nenhuma exceção, responderam que os pais os incentivam para a prática esportiva, mas a maioria não soube explicar por quê. A1 e A4 afirmaram que a razão do incentivo é a busca pelo profissionalismo. B3, B4 e B5 interpretam o incentivo dos pais como ação em prol da saúde. Todos do grupo B consideram improvável o apoio dos pais para o investimento de esforços em uma carreira esportiva. Resultados similares foram encontrados por Gonçalves (2004b), que considera a ocorrência desse fenômeno em função do nível socioeconômico mais elevado das famílias e "também pelo fato dos pais dessas escolas buscarem para seus filhos um futuro profissional que passa muito mais pela formação universitária do que pela carreira esportiva". (GONÇALVES, 2004b, p. 201)

Análise aprofundada em Bourdieu (1996, p. 43) a respeito do capital dos adolescentes ou de suas famílias conclui que "o peso relativo do capital econômico e do capital cultural é retraduzido em um sistema de referências que os leva a privilegiar [...] nas suas escolhas escolares e sociais, a direção para um ou outro pólo do campo do poder".

Assim, é muito provável que as estratégias (incluindo as esportivas) sejam decididas a partir das aptidões das famílias para reagirem espontaneamente, mas de modo adaptado às situações, conforme o espaço social que ocupam. Isso significa dizer, em outros termos, que essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação nada mais é do que o *habitus*, que podemos chamar, no esporte, de "o senso do jogo, arte de antecipar o futuro do jogo inscrito, em esboço, no estado atual do jogo". (BOURDIEU, 1996, p. 42)

No mesmo sentido, pesquisa desenvolvida em uma comunidade de baixa renda da periferia revelou que a decisão tomada no seio da família, em qualquer

segmento (trabalho, estudo, lazer), "enquadra-se numa estratégia que busca combinar rendimentos insuficientes com necessidades definidas de acordo com as suas prioridades". (MAGNANI, 1998, p. 25)

Bourdieu (2002) amplia as possibilidades desta análise, quando considera indissociáveis os capitais econômico, cultural e social, pelo fato de instituírem efeito multiplicador do capital possuído, para o reconhecimento dos agentes sociais que os detém. Nesse aspecto, Magnani (1998) denuncia o quanto a classe trabalhadora ou popular vê-se limitada, ao constatar que seu tempo livre é basicamente investido para complementar o baixo orçamento doméstico e conseqüentemente é levada a consumir atividades de baixo custo e fácil acesso, ou seja, o *mass media*, que atua como válvula de escape, em geral alienante.

Desta maneira, as práticas esportivas segundo as classes variam em decorrência de fatores que tornam possível ou impossível avaliar seus custos econômicos e culturais, mas também da percepção e da apreciação dos lucros, imediatos ou futuros que determinado grupo social considera que estas práticas proporcionam. (BOURDIEU, 1983)

Descobrem-se assim sentidos nas atitudes comuns dos alunos do grupo B em comparação aos de A, como, por exemplo, o acúmulo de capital social promovido pela participação ativa em clubes sociais, o acréscimo de capital cultural pela superior freqüência ao teatro e ou cinema ou ainda a desigualdade de condições para a escolha de atividades que necessitam um mínimo de capital econômico, como a prática de tênis e badminton ou a aprendizagem de instrumentos musicais como os citados pelos entrevistados da escola B.

Uma vez constatada a diferença dos conteúdos das práticas de lazer entre as classes sociais (cf. MARCELLINO, 1987), o futebol, para o grupo B, apresentou-se apenas como uma outra opção dentre as tantas que possuem, enquanto para o grupo A é, senão a única, a principal fonte de prazer e desejo, seja pela prática, seja pelo consumo pela mídia.

Nestes termos, não se pode negar os determinismos que o ambiente familiar promove sobre a opção de lazer dos jovens, uma vez que "o fenômeno contemporâneo — lazer — encontra seu principal apoio na evolução dos valores e das estruturas familiares". (DUMAZEDIER, 1979, p. 124) Tais interferências, efetivadas pelos pais, manifestam-se fortemente em outras esferas da vida social

(trabalho, educação, profissão, religião) como demonstrado no estudo de Pilon (1986) sobre o processo de maturação psicossocial de jovens.

Outro importante ponto para análise da herança cultural familiar como fator determinante na formação de sentidos do futebol espetáculo para os jovens é exatamente o grau de instrução dos adultos (pais) que, segundo Dumazedier (1979), exige ser consciente e orientada em ações contínuas e coerentes para aquisição sistemática de conhecimentos e novas atitudes; caráter este que elimina toda operação orientada para o exclusivo divertimento ou informação.

Essa predisposição das classes superiores para novas atitudes e conhecimentos mencionados por Jofre Dumazedier nada mais é que o "motor" fundamental para a formação de sujeitos capazes de decifrar códigos de uma dada cultura superior, cujo "combustível" primário é o capital cultural adquirido, que age na mediação dos sentidos e do senso crítico em torno das práticas esportivas.

O produto desenvolvimento da visão crítica do indivíduo ou do seu grupo social, medido, entre outras formas, pelo grau de instrução, ou melhor, pelo acúmulo de capital cultural incorporado; permite deduzir que a família interfere diretamente na definição ou na escolha da trajetória profissional dos jovens pesquisados. Isso pode ser avaliado de diversas maneiras.

Questionados se os pais apoiariam a idéia de investir na carreira esportiva em detrimento dos estudos, todos os entrevistados, com exceção de A5, responderam que não. Isso indica a tendência de os pais valorizarem os estudos. Contraditoriamente, notamos que o acompanhamento da vida escolar dos alunos é quase inexistente no caso dos pais do grupo A e, ao mesmo tempo, subestimado pela maioria dos pais do grupo B (só B1 e B5 são constantemente assistidos pelas mães nos estudos).

— Minha mãe e meu pai não ligam muito, porque quando eu falo que tem uma prova, por exemplo, eu sempre falo que eu sei, que eu vou conseguir fazer, ela não importa, porque eu sempre consegui fazer. Ela nunca fica pegando no meu pé. (A2, p. 4)

— Leitura, não tenho muito hábito. Isso que minha mãe briga muito comigo [...] ela quer que eu leia, mas o que a escola me pede eu leio, mas não tenho muito hábito, não. (B3, p. 7)

— *Minha mãe fica enchendo o saco... Sempre no meu pé. Meu pai não, não pergunta nada, só quer o boletim final. Se tiver nota ruim, o bicho pega. Posso não fazer nada o ano inteiro, chega no final, a tá nota boa, tudo bem.* (B5, p. 17)

Confirmando os resultados de outras pesquisas, as disposições apresentadas pelos alunos participantes em relação ao prosseguimento nos estudos apontam para a tendência de serem semelhantes aos pais. Ou seja: o grupo B dirige-se para uma trajetória escolar mais longa, provavelmente concluída na graduação universitária com boas possibilidades de pós-graduarem; já o grupo A caminha para uma trajetória "curta", possivelmente finalizada no Ensino Médio e dificilmente na graduação do Ensino Superior.

Para Nogueira & Nogueira (2002), o investimento no mercado escolar para as famílias de classe popular tende a oferecer um retorno baixo, incerto e em longo prazo. Diante disso, tais famílias adotam uma postura "liberal" em relação à educação dos filhos. A vida escolar dos filhos, por exemplo, não é acompanhada de modo sistemático e não há cobrança intensiva em relação ao sucesso escolar.

As expectativas para o prosseguimento nos estudos observadas nos grupos foram diferentes, assim como o volume de investimentos financeiros em educação por parte das famílias. Nogueira, (2002) mostra que a escolaridade dos filhos de empresários desenrola-se, de ponta a ponta, na rede privada de ensino. Dado idêntico foi por nós coletado no grupo B: os alunos jamais haviam freqüentado escola pública, e todos os irmãos em idade escolar também estudam na rede privada. Registramos o inverso no grupo A: os alunos ou seus irmãos nunca estudaram na rede particular de ensino.

Bourdieu (2002) alerta para a inseparável relação existente de conversão de capital econômico em capital cultural, estabelecida pela direta proporção entre o valor de determinado diploma e o valor em dinheiro pelo qual pode ser trocado no mercado de trabalho. Vale dizer, em outras palavras, que o investimento escolar só tem sentido se um mínimo de reversibilidade da conversão que implica for objetivamente garantido.

Tudo leva a crer que esta é a razão de encontramos no grupo B predisposição dos alunos para a escolha de profissões cuja adesão oferece risco mínimo de rentabilidade e alto grau de segurança de efetivação. Chamamos atenção

para o fato de que estas profissões mantêm estreita e íntima ligação com a dos seus pais. Do grupo inteiro, somente B1, apaixonado por esportes, afirmou buscar uma profissão ligada a este ramo (educação física ou fisioterapia), contrariando esta tendência, visto que seu pai e sua mãe são publicitários. Em compensação, a herança do mesmo ofício foi marcante entre os outros entrevistados da escola B.

— *Ah, porque eu acho que eles querem mais que eu tipo... Meu pai, eu acho que ele quer que eu siga mais o caminho dele, sabe? Em relação à firma, empresário, acho que esportes, essas coisas, não tá muito em mente pra ele. Sabe? Aí, minha mãe também, a mesma coisa. Eles querem que eu seja mais entrar, tipo, numa coisa que dê resultado mais fácil assim, sabe? Eu acho que basicamente que eu vou seguir é isso. Mais voltado pro lado de firma, essas coisas assim.* (B2, p. 15)

O pai de B2 é empresário industrial. B3 é filho de empresário construtor e pretende cursar arquitetura.

— *Meu avô por parte de mãe era arquiteto, mas eu não conheci, morreu antes de eu nascer. Meus avós por parte de pai, eles são construtores, então sempre, tipo, desde moleque, tava em obra com eles. Aprendi a andar de bicicleta na obra.* (B3, p. 2)

— *Então, se não der certo na pilotagem, posso até ir pro Direito. Só que o problema é a leitura. Só que eu tô pensando seriamente em fazer Direito. Que meu pai também fez Direito. Meu pai também, ele quis ser piloto, só que aí entrou tarde e não pode.* (B4, p. 2)

B4 é filho de pai advogado, e B5 não disfarça o desejo de trabalhar futuramente com o pai, que é contador.

— *Eu quero trabalhar com contabilidade. Primeiro, porque meu pai já tem empresa, né? Então, já tá meio caminho andado, mas eu gosto também, tô trabalhando lá. Minha mãe acha que é pura influência do meu pai. Pode ser*

que seja, lógico, por eu ver ele, por ter me arranjado um lugar pra trabalhar, mas eu gosto, assim [...] não é por facilidade, não. (B5, p. 22)

Em se tratando dos mecanismos de sociabilização familiar que se associam à transmissão de disposições, de inclinações que possibilitam a integração a grupos sociais ou a universos profissionais específicos, concordamos com Nogueira (2002): esta temática merecer reflexões mais profundas.

Em síntese, o que vemos é a aplicação de investimentos em uma trajetória escolar longa ser inversamente proporcional aos investimentos (financeiros ou não) em busca de uma carreira esportiva profissional — ou seja, quanto mais desprovido o indivíduo de capital cultural e econômico, maior a probabilidade de que arrisque se tornar profissional no esporte; em contrapartida, quanto maior o capital cultural, econômico e social, menor a disposição de assumir os riscos de praticar esporte profissionalmente.

O capital cultural herdado dos familiares leva geralmente o indivíduo a definir socialmente o seu comportamento. Para Bourdieu (1996), as famílias são corpos que tendem a perpetuar seu caráter social, com todos os seus poderes e privilégios, que é a base das estratégias de reprodução de fecundidade, matrimoniais, de herança, econômicas, educativas — e, por fim, esportivas (esta última por nós adicionada).

CONCLUSÃO

Embora tenhamos observado o comum interesse dos entrevistados, de ambos os grupos, em torno da prática esportiva e do futebol espetáculo, os resultados obtidos a partir dos dados colhidos na pesquisa de campo permitiram identificar diferenças significativas entre os grupos de estudantes A e B, no tocante a comportamento, representações e valores, confirmando-se assim as hipóteses antes levantadas. A seguir, resumimos as características de cada grupo.

Grupo A: 1) os jovens mostram instabilidade, insegurança e dúvida em relação ao futuro profissional; 2) sentem necessidade imediata de ingressar no mercado de trabalho, suprimindo o desejo de ingressar no ensino superior; 3) compreendem o esporte como via de ascensão social e, embora considerem pequenas as chances de obter sucesso no futebol, buscam concretamente oportunidades para tal; 4) participam das práticas esportivas com maior empenho e disposição, assumindo com naturalidade os riscos à própria saúde (lesões); 5) acompanham com maior intensidade e tempo o futebol pela mídia; 6) atribuem o sucesso dos astros ao empenho e perseverança destes; 7) circulam num espaço sociocultural onde o futebol é a principal atividade de lazer; 8) têm reduzido acesso a outras formas de cultura (atividades), inclusive outras modalidades esportivas; 9) os pais, com baixo nível de instrução, apóiam a prática esportiva, inclusive a profissional, participam pouco da vida escolar do filho, sendo escassos os investimentos familiares em educação; 10) desprezam a função formativa educativa da educação física, as aulas representam um espaço-tempo de entretenimento, e a performance técnica é uma forma de ascensão social.

Grupo B: 1) os jovens têm clareza sobre a profissão que pretendem seguir, com fortíssima tendência a exercer o mesmo ofício dos pais; 2) são concretos os planos de continuidade dos estudos após o Ensino Médio; 3) o desejo de ser atleta, na infância, é descartado no presente; 4) buscam na prática do futebol a melhoria da saúde, a sociabilização e principalmente diversão; 5) acompanham futebol pela mídia com regularidade; 6) atribuem o sucesso dos grandes atletas ao “dom”; 7) desfrutam dentro e fora da escola de um leque enorme de opções cultural-formativas; 8) freqüentam diversos ambientes sociais, incluindo clubes esportivos; 9)

seus pais, com nível alto de instrução, apóiam a prática esportiva para fins de saúde, a participação na vida escolar dos filhos é oscilante, e os investimentos em educação são altos (inclusive com os outros filhos); 10) não percebem ou desconsideram a função pedagógica da educação física, e consideram as aulas um espaço-tempo de convívio social e diversão.

Para elucidação dos diferentes comportamentos manifestados pelos grupos, utilizamos no primeiro momento o método de observação participante, seguido da análise qualitativa dos resultados (dados) das entrevistas, interpretados sob mediação dos conceitos de campo, capital (econômico, cultural e social), estratégia e *habitus* da teoria sociológica de Pierre Bourdieu.

Assim, reiteramos os resultados de pesquisas antes desenvolvidas que apontaram para uma trajetória escolar longa para estudantes de classe social privilegiada e curta para estudantes das classes populares, como efeito fundamental do acúmulo de capital cultural incorporado.

Entretanto, os resultados da pesquisa de campo evidenciaram a existência de duas trajetórias no campo das práticas esportivas — uma para o esporte amador voltado às classes superiores e outra, para o esporte profissional destinado à classe popular —, cuja escolha desenvolve-se no campo da estratégia dos indivíduos, mediada pelo *habitus* correspondente a sua classe social, influenciada pelo capital (econômico, social e cultural) dos familiares ou deles herdado.

Essa evidência, aliada a minuciosa análise dos dados, permitiu-nos concluir que o futebol praticado nas aulas de Educação Física pelos dois grupos pesquisados manifesta, de fato, diferentes significados para os alunos e que o pertencimento de classe social foi fator determinante na atribuição dos sentidos e perspectivas para a prática esportiva.

Ao que tudo indica, a classe popular inclina-se para a prática esportiva profissional, porque esta se apresenta como possibilidade de ascensão social, mediada quase que exclusivamente pela aptidão de capacidades e habilidades físicas natas de cada indivíduo, fazendo valer a idéia de um espaço social imparcial e justo, que reforça a ideologia neoliberal, ou seja, de uma sociedade capitalista fornecedora de iguais oportunidades de ingresso aos escalões mais altos da hierarquia econômico-social aos indivíduos de toda e qualquer classe social. Neste particular, a mídia detém importante papel de persuasão, na medida em que oculta e omite em

seus discursos os interesses econômicos e políticos intrínsecos do esporte espetáculo (combustível dos sonhos de milhares de jovens).

A "campanha" em prol das proezas dos ídolos esportivos, somada à idéia de que o sucesso esportivo depende tão-somente do esforço despendido pelo atleta, torna a mídia esportiva um eficiente canal de ramificação ideológica que facilmente penetra nas instituições educacionais, encontrando na educação física outro campo fértil para sua disseminação. Nas circunstâncias atuais, não se pode negar a dificuldade dos educadores para perceber as nuances políticas ideológicas que permeiam a Educação, o Esporte e a Educação Física, que historicamente nunca estiveram isentas de outros tipos de interesse de poder.

É possível, portanto, que esta pesquisa gere, entre outras, uma reflexão crítica por parte dos professores de Educação Física, de tal forma que a classe social a que pertencem os alunos venha a figurar como importante componente na elaboração das propostas de intervenções pedagógicas previstas nos planos de ensino. Tão importante quanto ensinar ou não certo esporte é refletir sobre os sentidos e significados que os alunos atribuem àquele conteúdo. Que significados estão presentes nos jogos de futebol praticados ou não na escola? Que princípios devem nortear a elaboração dos objetivos nos planos de ensino, se levarmos em conta a classe social a que pertence o aluno? Certamente, a preocupação com questões como essas repercutirá na formação dos alunos, bem como nas intervenções dos professores no transcorrer do processo de ensino-aprendizagem, sejam quais forem o conteúdo ou a disciplina.

Daí talvez resulte outra relevância deste estudo. A partir deste novo referencial, é possível que o professor melhor compreenda as razões e os sentidos que os alunos atribuem ao esporte, diminuindo-se ou amenizando-se desta maneira determinados conflitos, sobretudo da violência simbólica tão despercebida. Vale dizer que o professor não deve se curvar aos interesses específicos dos alunos, mesmo porque tais interesses são mediados e influenciados pelos mais variados agentes sociais, que não possuem o domínio, ou melhor, a compreensão do que seja uma proposta pedagógica que utiliza a atividade corporal como recurso privilegiado de aprendizagem.

Cientes das limitações deste trabalho e convictos de que muitas mudanças sociais devem ocorrer para que possamos desfrutar de uma sociedade mais justa e igualitária, desejamos, por fim, que este estudo traga avanços para o

bom entendimento das funções sociais do esporte e da sociologia da educação, tanto para a comunidade acadêmica da Educação Física, quanto para profissionais ligados ao futebol e educadores de diversas outras áreas.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **Adolescência**. Trad. de Ruth Cabral, Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C. A. R.; SZYMANSKI, H. **A entrevista reflexiva na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002.

BENFICA, G. A taça do mundo é nossa!: globalização, exclusão e futebol no Brasil. **Revista da Faeeba: Educação e Contemporaneidade**. Salvador, Universidade do Estado da Bahia, v. 11, nº 17, p. 123-137, jan./jul., 2002.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**, Campinas: Papirus, 1998.

_____. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

_____. **Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão — as regras do futebol espetáculo**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997 (Coleção Educação).

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. de Silvia de Almeida Prado *et al.* 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. Como é possível ser esportivo. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136-153.

_____. **Escritos de educação**. Trad. de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOURDIEU, P. O conhecimento pelo corpo. In: BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Oeiras: Celta Editora, 1998a, p. 113-144.

_____. O novo capital. In: BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 6ª ed. Campinas: Papyrus, 1996, p. 35-52.

_____. **O poder simbólico**. Trad. de Fernando Tomaz, 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998b.

_____. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 207-220.

_____. **Sobre a televisão**: seguido de A influencia do jornalismo e Os jogos Olímpicos. Trad. Maria L. Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Vitória: Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1997.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Porto Alegre, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), v. 24, nº 3, p. 87-101, maio, 2003.

BRANDÃO, Z.; LELLIS, I. Elites acadêmicas e escolarização dos filhos. **Educação & Sociedade**. Campinas, Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes), v. 24, nº 83, p. 509-526, ago. 2003.

BRASIL. Lei nº 10.264, de 16 de julho de 2001 (Acrescenta inciso e parágrafos ao art. 56 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto).

BRASIL. Lei nº 11.345, de 14 de setembro de 2006 (Dispõe sobre a instituição de concurso de prognóstico destinado ao desenvolvimento da prática desportiva, a participação de entidades desportivas da modalidade futebol nesse concurso, e o parcelamento de débitos tributários e para com o Fundo de Garantia de Tempo em Serviço, altera as Leis nº 8.212, de 24 de julho de 1991, e nº 10.522, de 19 de julho de 2002, e dá outras providências).

_____. Lei nº 11.438, de 29 de dezembro de 2006 (Dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar atividades de caráter desportivo e dá outras providências).

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006 (Orientações curriculares para o Ensino Médio, 1).

BROHM, J. M. Sociología política del deporte. In: BERTHAUD, G.; BROHM, J. M. (orgs.). **Deporte, cultura y represión**. Barcelona: Gustavo Gili, 1978, p. 17-31.

CALDAS, W. **O pontapé inicial**: contribuição à memória do futebol brasileiro. São Paulo, 1988. Tese (Livre-Docência) — Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

CAMARGO, V. R. T. **O telejornalismo e o esporte-espetáculo**. São Bernardo do Campo, 1998. Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo.

CAPINUSSÚ, J. M. **Moderna organização da educação física e desportos**. São Paulo: Ibrasa, 1992.

CARDOSO, M. **Os arquivos das olimpíadas**. São Paulo: Panda, 2000.

COELHO NETO, J. T. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1996 (Coleção Primeiros Passos).

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Registro de atletas**. Disponível em: <<http://cbfnews.uol.com.br/registro2/>>. Acesso em: 18 ago. 2006.

CONSUMIDOR espera preço menor para comprar e ação de fabricantes de TV cai. **Valor Econômico**. São Paulo, 16 a 18 jun. 2006, Caderno B, p. 4.

COOK, S. *et al.* **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Ed. Herder/Edusp, 1967.

COSTA, L. P. (org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DA MATTA, R. **O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, A. S. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), v. 15, nº 3, p. 82-91, jul./set., 2001.

DAOLIO, J. **Cultura: educação física e futebol**. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

DE ROSE, D.; SIGOLI, A. M. A história do uso político do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (Celafiscs) e da Universidade Católica de Brasília (UCB), v. 12, nº 2, p. 111-119, jun., 2004.

DIZARD JUNIOR, W. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ECO, U. A falação esportiva. In: ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 220-226.

_____. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

ESPORTE na escola. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, p. 1-35, 3 mar. 2002.

FEITOSA, T. S., GOIS JUNIOR, E.; MATUMOTO, L. A "peneira" do Corinthians: representações sociais sobre o futebol como esporte.. In: V FÓRUM OLÍMPICO, 2004, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Sesc/USP, 2004, v. 1, p. 91-91.

FIGUEIREDO, S. H. Variáveis que interferem no desempenho do atleta de alto rendimento. In: RUBIO, K. **Psicologia do esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 113-124.

FRANCO, M. L. B.; NOVAES, G. T. F. Os jovens do Ensino Médio e suas representações sociais. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, nº 112, p. 167-183, mar. 2001.

GADE, C. **Psicologia do consumidor e da propaganda**. São Paulo: EPU, 1998.

GAMA, V. **Características sociais do jogador de futebol profissional da 1ª divisão do estado de São Paulo**. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo.

GASTALDO, E. L. Copa do Mundo no Brasil: dimensão histórica de um produto midiático. **Revista Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo, Umesp, ano 25, nº 41, 2004, p. 115-134.

_____. Os campeões do século: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Porto Alegre, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), v. 22, nº 1, p. 105-124, set. 2000.

GEBARA, A. A cultura da modernidade e a história dos esportes. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (orgs.). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000, p. 99-110.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GONÇALVES, G. A. A várzea e a rua: o futebol das práticas não-formais e suas representações sociais. **Estudos**. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, v. 31, nº 1, p. 137-146, jan. 2004a.

_____. Escolinhas de futebol para crianças: expectativas dos pais de alunos. **Estudos**. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, v. 31, nº 1, p. 185-206, jan. 2004b.

GUIMARÃES, G. **TV e escola: discursos em confronto**. São Paulo: Cortez, 2000.

HOBBSAWM, E. **A era dos impérios (1875-1914)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLMES, J. **Olimpíada 1936: glória do Reich de Hitler**. Rio de Janeiro: Renés, 1974.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

JENNINGS, A.; SINSOM, V.Y. **Os senhores dos anéis: poder, dinheiro e drogas nas olimpíadas modernas**. São Paulo: Best Seller, 1992.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44.

KOTLER, P. **Princípios de marketing**. Rio de Janeiro: LTC, 2001.

KURODA, S. J.; MARQUES, J. A. A. Iniciação esportiva: um instrumento para a socialização e formação de crianças e jovens. In: RUBIO, K. **Psicologia do esporte**. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2000, p. 125-138.

LEVER, J. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LEVER, J. El fútbol en Brasil. In: LUSCHEN, K.; WEIS, K. **Sociología del deporte**. Valladolid: Minõn, 1976, p. 192-203.

LOVISOLO, H. Esporte competitivo e espetáculo esportivo In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (orgs.). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000, p. 15-24.

LOVISOLO, H.; SOARES, A. J. Futebol construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Porto Alegre, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), v. 25, nº 1, p. 129-143, set. 2003.

LUCATO, S. **Iniciação à prática esportiva escolar e suas dimensões sócio-culturais na percepção dos pais**. São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado) — Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

LUDORF, S. M. A. **Representações sociais do esporte: um estudo com pais**. Fortaleza, 1995. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Ceará.

LUSCHEN, G. Estratificación social y movilidad social entre deportistas jóvenes. In: LUSCHEN, K.; WEIS, K. **Sociología del deporte**. Valladolid: Minõn, 1976, p. 175-191.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1998.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. **Lazer e educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

MARCHI JUNIOR, W. O processo de ressignificação do voleibol a partir da inserção da televisão no campo esportivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Porto Alegre, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), v. 26, nº 2, p. 149-162, jan. 2005.

MARCONDES FILHO, C. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 2001.

MARQUES, J. C. A literatura invade a grande área. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Porto Alegre, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), v. 26, nº 2, p. 5-71, jan., 2005.

MASLOW, A. H. **Introdução à psicologia do ser**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968.

MONTAGNER, P. C.; RODRIGUES, E. F. **Esporte espetáculo e sociedade: estudos preliminares sobre sua influencia no âmbito escolar**. Campinas: Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), s/d. Disponível em: <http://www.unicamp.br/fef/publicacoes/conexoes/v1n1/5esporte.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2005.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**. Campinas, Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes), v. 23, nº 78, p. 15-35, abr. 2002.

NOGUEIRA, M. A. Estratégias de escolarização em famílias de empresários. In: ALMEIDA, A.; NOGUEIRA, M. A. (orgs.). **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 49-65.

NOGUEIRA, O. **Pesquisa social: introdução às suas técnicas**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

OTAÑES, J. G. A. D. Desporte competitivo e espetáculo desportivo. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (orgs.). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000, p. 25-32.

PAES, R. R. Esporte competitivo e espetáculo esportivo In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (orgs.). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000, p. 33-40.

PAZ, S. M. **O futebol como patrimônio cultural do Brasil**: estudo exploratório sobre possibilidades de incentivo ao turismo e ao lazer. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) — Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

PENTEADO, H. D. **A televisão e os adolescentes**: a sedução dos inocentes. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1983.

_____. **Televisão e escola**: conflito ou cooperação? São Paulo: Cortez, 1991.

PILON, A. F. O jovem e seu projeto de vida. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, v. 20, nº 3, p. 246-252, jun. 1986.

PILOTO, M. F. **A fabricação dos ídolos esportivos**. Texto apresentado ao Grupo de Trabalho 16 "Educação e Comunicação" da XXIII Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), 24-28 set. 2000, Caxambu. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1613t.PDF>. Acesso em set. 2007.

RAMOS, R. **Futebol**: ideologia do poder. Petrópolis: Vozes, 1984.

REBELO, A.; TORRES, S. **CBF-NIKE**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

RODRIGUES, F. X. F. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nº 11, p. 260-299, jan./jun. 2004.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. **Psicologia do esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SERGIO, M. **Desporto e sociedade**: antologia de textos para um desporto do futuro. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1987.

_____. **Educação física ou ciência da motricidade humana?** Campinas: Papyrus, 1991.

SETTON, M. G. J. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 28, nº 1, p. 107-116, jan./jun. 2002.

_____. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educação & Sociedade**. Campinas, Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes), v. 26, nº 90, p. 77-105, jan./abr. 2005.

SIMÕES, A. C.; BOHME, M. T. S.; LUCATO, S. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, v. 13, nº 1, p. 34-45, 1999.

SOHI, S. A.; YUSSUF, K. B. The socioeconomic status of elite Nigerian athletes in perspective of social stratification and mobility. **International Review for the Sociology of Sport**. Eastbourne (UK), International Sociology of Sport Association, Vol. 22, No. 4, p. 295-303, 1987.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 40, nº 1, p. 27-53, jan./fev. 2006.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol:** dimensões simbólicas de um esporte nacional. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

TRIGO, M. H. B. Habitus, campo, estratégia: uma leitura de Bourdieu. **Cadernos CERU.** São Paulo, Núcleo de Apoio à Pesquisa Centro de Estudos Rurais e Urbanos da Universidade de São Paulo, série 2, nº 9, p. 45-55, 1998.

TUBINO, M. J. G. **Repensando o esporte brasileiro.** São Paulo: Ibrasa, 1988.

_____. **Teoria geral do esporte.** São Paulo: Ibrasa, 1987.

WEBER, M. A Ciência como vocação. In: WEBER, M. **Ciência e política:** duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1968, p. 17-52.

APÊNDICE A

TERMO DE COMPROMISSO

Pelo presente Termo de Compromisso, eu Rogério Toto, professor, brasileiro, casado, residente na alameda dos Jacarandás, 103 – Santo André-SP, portador da cédula de identidade RG nº 20.885.754-0, e do CPF 167.796.978-42, aluno regular do Programa de Pós Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo (matricula 074207); tendo em vista a realização de pesquisa – Tese de Dissertação com título: “Os sentidos do futebol espetáculo para estudantes de distintas classes sociais”, sob orientação do Profº Dr. Décio Azevedo Marques de Saes; comprometo-me na condição de pesquisador utilizar os dados colhidos na pesquisa de campo realizado nesta instituição de ensino para fins exclusivamente acadêmicos-científicos, garantindo sob qualquer circunstancia, manter em qualquer tempo e preservar em absoluto sigilo-anonimato a identidade da instituição escolar e dos demais colaboradores que direta ou indiretamente tenham participado da pesquisa.

São Bernardo do Campo, 13 de fevereiro de 2007.

Rogério Toto
Pesquisador

APÊNDICE B

CARTA DE INTENÇÃO

Prezado senhor (a):

Meu nome é Rogério Toto, sou professor de educação física e aluno do programa de Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo (matricula 074207). Estou realizando uma pesquisa cujo título é: "Os sentidos do futebol espetáculo para estudantes de distintas classes sociais", que tem por objetivo identificar as representações sociais que o futebol exerce sobre o público jovem-adolescente, que notadamente se envolve intensamente com este esporte.

Para realização da pesquisa será preciso entrevistar um grupo de alunos do primeiro ano do ensino médio que freqüentam aulas de educação física no colégio, por esta razão encaminho este documento, por intermédio do (nome do colégio), com o especial propósito de solicitar autorização de vossa senhoria para que possa entrevistar seu filho, o que resultaria numa importantíssima contribuição para o desenvolvimento do trabalho.

Saliento que as entrevistas serão agendadas em horários que não comprometam a vida escolar do aluno, nas dependências do colégio ou em local de preferência do entrevistado. Durante a entrevista é permitida a participação de familiares, se assim desejarem, podendo ainda ter acesso irrestrito ao teor da entrevista. Em anexo disponibilizo o roteiro da entrevista onde podem ser observadas as questões norteadoras que serão endereçadas a cada entrevistado.

Por fim e na condição de pesquisador, comprometo-me a utilizar os dados colhidos para fins exclusivamente acadêmicos, garantindo sob quaisquer circunstâncias manter e preservar em absoluto sigilo-anonimato a identidade da instituição escolar e dos colaboradores que direta ou indiretamente tenham participado da pesquisa.

Certo de vossa compreensão antecipo agradecimentos.

Rogério Toto
RG.20885.754
Contato: rogerio.toto@metodista.br

(para uso exclusivo do responsável-legal)

Eu, _____ responsável legal do aluno-menor _____, autorizo o mesmo a colaborar para o desenvolvimento da pesquisa retro mencionada nos presentes termos deste documento.

(local) _____ data: ____ / ____ /2007

(assinatura)

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

- 1) Qual razão você estuda nesta escola?
- 2) Qual objetivo você tem em relação aos estudos?
- 3) Existe alguma profissão que você deseja seguir carreira?
- 4) Seus pais o apoiariam para seguir nesta profissão?
- 5) Por que você acha isso? (Independente se a resposta anterior for positiva ou negativa)
- 6) Por qual razão você faz educação física?
- 7) O que você mais gosta nas aulas de educação física?
- 8) (se não mencionar futebol) Qual o esporte que você mais gosta de praticar na escola?
- 9) E fora da escola?
- 10) Em que lugar você pratica esporte fora da escola?
- 11) Com quem?
- 12) Você frequenta algum clube?
- 13) (se positivo) Qual?
- 14) Quais outros lugares você costuma frequentar?
- 15) Qual o seu passatempo favorito?
- 16) Você faz na companhia de quem?
- 17) Quem normalmente o acompanha nas atividades fora da escola?
- 18) De tudo o que você faz no tempo livre o que mais lhe dá prazer?
- 19) Você tem algum ídolo? Qual?
- 20) Você tem algum ídolo no esporte? Qual?
- 21) Costuma assistir televisão?
- 22) Quantas vezes por semana?
- 23) Quantas horas por dia?
- 24) Quais os três programas você mais assistiu (ordenar em ordem decrescente)
- 25) Você acompanha esportes pela TV?
- 26) Quantas vezes por semana?
- 27) Quantas horas por dia?
- 28) Qual esporte você gosta de acompanhar pela TV?
- 29) Por quê?
- 30) Qual você acha mais emocionante?
- 31) Quais os três esportes você mais gosta? (ordenar em ordem decrescente)
- 32) Você torce por algum time? Qual?
- 33) Você discute com os amigos os resultados do seu time?
- 34) Costuma assistir jogos ao vivo?
- 35) (se positivo) Preferi assistir ao vivo ou em casa? Por quê?
- 36) Em algum momento você pensou em ser jogador de futebol? Por quê?
- 37) Como é a vida de um jogador de futebol?
- 38) Sua família o apoiaria para ser jogador de futebol? Por qual razão?
- 39) Se tivesse de abandonar os estudos para jogar futebol, o que você faria? Por quê?
- 40) Seus pais lhe dariam apoio?
- 41) Você acha violento jogar futebol?
- 42) Já sofreu alguma lesão jogando futebol?

- 43) Se tivesse de treinar todos os dias da semana, você treinaria?
- 44) E se não tivesse vontade de treinar, o que faria?
- 45) Acha que vale a pena ser jogador de futebol?
- 46) É mais arriscado tentar ser atleta de futebol ou estudar para ter outra carreira?
- 47) Alguém já o incentivou a ser atleta?
- 48) Alguém da sua família já foi ou tentou ser atleta?
- 49) Tem alguma pergunta que não foi feita e gostaria de responder?
- 50) Tem algum comentário a fazer sobre a entrevista?

APÊNDICE D

PESQUISA DE CAMPO QUADRO DE REFERÊNCIA DAS ENTREVISTAS

	REF.	A1	A2	A3	A4	A5	B1	B2	B3	B4	B5
1	Profissão/ ocupação do pai	Servidor público	Mecânico aposentado	Metalúrgico	Eletrônico (manutenção)	Cabeleireiro	Publicitário	Empresário industrial	Empresário construtor	Advogado	Empresário contador
2	Instrução do pai	Superior incompleto	Médio completo	Médio completo	1º Grau incompleto	Médio completo	Superior completo	Médio completo	Médio completo	Superior	Superior
3	Profissão/ ocupação da mãe	Do lar	Doméstica	Atendente de telemarketing	Auxiliar de enfermagem Doméstica	Manicure	Publicitária	Administradora	Advogada	Administradora	Psicóloga
4	Instrução da mãe	1º Grau completo	1ª Grau incompleto	Médio completo	1º Grau completo	Médio incompleto	Superior completo	Superior completo	Superior completo	Superior	Superior
5	Tipo de casa/ apartamento?	Própria	Própria	Própria	Própria	Alugada	Própria	Própria	Própria	Própria	Própria
6	Computador em casa?	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
7	Composição familiar total	4	3	5	6	4	4	5	4	3	4
8	Irmãos estudam em escola?	Pública	x	Pública	Pública	Pública	Particular	Particular	Particular	X	Particular
9	Quanto tempo estuda no colégio?	5 anos	5 anos	5 anos	5 anos	5 anos	1 ano	4 anos	1 ano	4 anos	12 anos
10	A escola onde estudava antes era?	Pública	Pública	Pública	Pública	Pública	Particular	Particular	Particular	Particular	X
11	Pais acompanham a vida escolar?	Muito	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Muito	Pouco	Muito	Razoável	Razoável
12	E certo que vai estudar após o Ensino Médio?	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não sabe	Sim	Sim	Sim
13	Ao término do Ensino Médio pretende?	Cursar turismo ou trabalhar	Curso profissionalizan te	Trabalhar	Trabalhar	Trabalhar	Cursar fisioterapia ou Educação Física	Trabalhar com o pai	Cursar arquitetura	Direito ou curso de piloto	Contabilidade ou música

	REF.	A1	A2	A3	A4	A5	B1	B2	B3	B4	B5
14	Sabe qual faculdade?	Não	X	X	X	X	USP ou outras	X	USP ou outras	USP ou outras	Pública ou outras
15	Por qual razão participa da EF?	Gostar	Gostar	Sociab.	Treinar	Gostar	Sociabilidade	Gostar	Sociabilidade	Saúde	Gostar/ diversão
16	Por qual razão pratica futebol na escola?	Gostar	Gostar	Sociab.	Melhorar	Gostar	Sociabilidade	Gostar	Gostar	Saúde	Sociabilidade
17	Pratica esporte na escola com seriedade/ empenho em busca do resultado do jogo?	Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não
18	Os pais incentivam a prática esportiva?	Sim.	Sim.	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
19	Por quê?	Seguir carreira	Não sabe	<i>Não sabe</i>	Seguir carreira	Não sabe	Não sabe	Não sabe	Saúde	Saúde	Saúde
20	Considera violenta a prática do futebol?	Não	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Sim	Não
21	Pratica regularmente outro esporte? Qual?	Não	Não	Natação	Não	Judo	Handebol	Natação	Badminton e tênis	Tênis	Natação
22	Teve no passado desejo de jogar futebol profissionalmente?	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
23	Tem no presente intenção de seguir carreira no futebol?	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não
24	O que faz para poder ser atleta profissional?	Treinos semanais e testes	Treinos semanais e testes	X	Treinos semanais e testes	X	Treina handebol três vezes por semana	X	X	X	X

	REF.	A1	A2	A3	A4	A5	B1	B2	B3	B4	B5
25	Para que gostaria de jogar profissionalmente?	Ajudar a família	Status social	X	Ajudar a família	X	Status social	X	X	Status social	X
26	Considera provável conseguir tornar-se atleta profissional?	Regular	Regular	Não sabe	Grande	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco
27	Os pais incentivam ou incentivaram a praticar o esporte profissionalmente? Por quê?	Sim. Vale arriscar	Sim	X	Sim. Para seguir carreira	Sim	Sim	Não. Não sabe	Não. Não sabe.	Indiferente. Não sabe	Não
28	Acha arriscado abandonar os estudos para investir na carreira esportiva?	Não	Sim	Sim	Sim	Indeciso	Status social	Sim	Sim	Não respondeu	Sim
29	Os pais apoiariam a idéia de investir na carreira esportiva em detrimento aos estudos?	Não	Não	Não	Não sabe	Sim	Não	Não	Não	Não	Talvez
30	Conhece alguém que tentou ou é atleta profissional?	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
31	Pratica futebol em outros lugares? Quais?	Centro Esportivo Público	Rua, Centro esportivo e praça pública	Rua	Rua, Centro esportivo	Rua, Centro esportivo	Clube social, condomínio	Clube, condomínio, rua.	Não	Condomínio	Não
32	Pratica com "seriedade" ou prazer?	Seriedade	Prazer	Prazer	Seriedade	Prazer	Prazer	Prazer	X	Prazer	Prazer
33	Frequenta algum clube social?	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não

	REF.	A1	A2	A3	A4	A5	B1	B2	B3	B4	B5
34	O que gosta de fazer no tempo livre?	Futebol	Shopping, videogame, futebol	Assistir TV, Videogame	Futebol, videogame	Futebol e Internet	Futebol, violão, viajar	Baile, bares, futebol,	Baile, bares, viajar, etc.	Computador, viajar	Musica, Igreja.
35	Frequência semestral ao cinema?	1	1	1	1	1	6	12	3	2	6
36	Frequência semestral ao teatro?	Menor que 1	Menos que 1	Nunca foi	Nunca foi	Menos que 1	6	3	3	Nunca foi	2
37	Possui hábito de leitura?	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim
38	Frequenta estádios de futebol?	Raramente	Raramente	Nunca	Sempre	Raro	Sim	Raro	Não	Não	Sim
39	Acompanha futebol pela TV?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
40	Frequência semanal?	Diária	Diária	3 vezes	Diária	Diária	Duas vezes	Diária	Uma vez	Três vezes	Duas vezes
41	Discute com amigos as notícias?	Sempre	Sempre	As vezes	Sempre	Sempre	Às vezes	Sempre	Às vezes	Sempre	Às vezes
42	Possui algum ídolo? Qual?	Robinho (futebol)	Lampard (futebol)	Não	Não	Não	Bernardinho (vôlei)	Cristiano Ronaldo	Não	Rogério Ceni	Não
43	Principal virtude para o atleta obter sucesso?	Humildade	Empenho	Empenho	Empenho	Empenho	Empenho	Dom	Dom	Empenho	Dom
44	Coisas boas na vida social dos jogadores?	Bens materiais	Fama	Bens materiais	Bens materiais	Bens materiais	Fama	Fazer o que gosta	Faz o que gosta	Faz o que gosta	Bens materiais
45	Coisas ruins na vida social dos jogadores?	Distância da família	Distância da família e lesões	Distância da família e lesões	Nenhuma	Distância da família	Lesões e vida social vigiada	Vida social vigiada	Vida social vigiada	Lesões	Lesões
46	Tem desejo de seguir alguma carreira?					Mecânico	Algo na área esportiva.	Não sabe. Talvez a do pai	Arquitetura ou direito	Piloto de avião ou advogado	Contador

ANEXO A

Lulinha diz que não voltará para a escola pública. No futuro, quem sabe uma particular...

Escola? Só daqui a uns anos

A situação do aluno Luiz Marcelo Moraes dos Reis, o Lulinha, esta resolvida na Escola Estadual Marcelo Ribeiro de Mauá.

A principal estrela do time de futebol do Brasil nos Jogos Pan-Americanos abandonou os estudos e a escola poderá repassar sua vaga para um dos vários adolescentes carentes da periferia de Mauá.

Se um dia Lulinha voltar a estudar será em uma escola particular. Ele parou de estudar no primeiro ano do Ensino Médio e não pensa em voltar à sala de aula tão cedo. “Esta muita correria. Não estou tendo tempo. Minha rotina é treinar de manhã, à tarde, e à noite descansar”, disse o jogador à repórter **Glenda Carqueijo**.

Lulinha tem o mesmo sonho que inúmeros jogadores do futebol brasileiro; atuar na Europa.

Mas ele confirma que não tem nenhuma noção de Inglês ou Espanhol.

“Não sei falar nada. Se um dia for jogar no exterior vou ficar perdido”, admitiu. O atacante até cogita estudar Inglês. “Mas precisar ser de fim de semana. Se bem que fim de semana tem jogo”

Lulinha sabe que como estrela do Brasil no Pan serve de péssimo exemplo para outros jovens atletas. “Tenho noção de que é importante estudar. Lógico! Mas está muita correria, mesmo”.

Lulinha tem 17 anos. A diretoria do Corinthians não pode obrigá-lo a estudar, como disse o gerente de futebol, Ilton José da Costa.

“A partir do momento em que o atleta se junta ao profissional, a vida fica mesmo mais difícil. Mas cabe ao jogador resolve-la”, diz Ilton. Ele revelou que Willian, de 18 anos, também não estuda mais. (C.R.)

ESCOLA? Só daqui a uns anos. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 12 jun. 2007, caderno B, JT Esportes, p. 2.